3 1761 03576 0370

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

— Volume 300 réis —

O LIVRO DAS LAGRIMAS

Legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa

POR

ALBERTO PIMENTEL

— Volume 300 réis —

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
de Praça de D. Pedro 68
1874

PUBLICAÇÃO DE NOVO GENERO

ALBERTO PIMENTEL

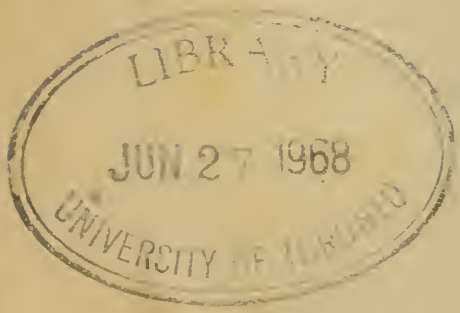
O LIVRO DAS LAGRIMAS

(LEGENDAS DA VIDA DE SANTO ANTONIO DE LISBOA)

«Que fôra a vida, se n'ella não houvera lagrimas?»
ALEXANDRE HERCULANO—EURICO O PRESBYTERO

LIVRARIA EDITORA
MATTOS MOREIRA & C.ª
LISBOA

BX
4700
A6P54



PROLOGO

No dia 13 de junho de 1654 concorrera ao templo a maior parte dos habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, porque, sobre ser orador na festividade de Santo Antonio o insigne padre Vieira, havia um conjuncto de circumstancias que particularmente attrahiam as attenções do publico ao discurso que todos desejavam ouvir.

Os motivos da anciedade do povo do Maranhão prendem com uma interessante phase da vida de Antonio Vieira, e, para que os motivos se entendam cabalmente, é indispensavel estamparmos uma pagina da biographia do grande jezuita portuguez.

Ardentemente interessado na conversão do gentio n'aquelles selvagens bosques da America, enviou Antonio Vieira padres ao Pará, e ordenou que outros ficassem no Maranhão, subindo elle mesmo

o rio Tapicuru a procurar, para doutrinal-as, as tribus dos indios conhecidos pela designação de *barbados*.

Era-lhe porém precisa a coadjuvação do capitão-mór para que lhe désse praticos e canoas.

Baldou quantas instancias fez.

Despeitado, mas não desalentado, passou-se Vieira ao Pará para remontar o Amazonas, demandando a tribu dos Poquis.

O governador, instado por Vieira, deu apparentemente ordens para que fosse auxiliado, mas, por baixo de mão, contrariava-o com todos os meios officiaes de que podia dispôr.

Vieira, reconhecendo a perfidia do governador, recolheu á capital do Pará e, reunidos os primeiros entre os jezuitas, trataram de resolver o que se devia fazer relativamente ás Missões.

Deliberaram em conselho mandar Antonio Vieira a Lisboa, para que junto da côrte empregasse a sua influencia no interesse da conversão dos indios.

Sahiu Vieira do Pará para o Maranhão, a fim de não encontrar novos estorvos, embarcando occultamente, a 16 de junho de 1654, para Portugal.

Não perdeu porém a opportunidade de despeitorar os aggravos que tinha dos colonos e, convidado para orar na festividade de Santo Antonio, para logo resolveu dirigir eloquentemente aos peixes, referindo-se a um milagre da vida do santo, as censuras intrinsecamente apontadas aos homens.

Tão vasta e desusada allegoria só pela eloquencia de Antonio Vieira poderia ser tratada.

O discurso, sobrepujadas pelo grande orador to-

das as difficuldades, é um dos mais brilhantes do seu precioso sermonario, e tão brilhante, que mereceu ser inserido na *Collecçam dos principaes sermoens que prégou o P. Antonio Vieira, da Companhia de Jezu: Dedicada a Santo Antonio de Lisboa* etc. (Lisboa—1754)

Todos os segredos transpiram: o do recondito sentido da oração de Antonio Vieira transpirou tambem.

Acudiu pois ao templo quazi toda a cidade de S Luiz do Maranhão, porque a curiosidade é sentimento por via de regra tão forte, que uza apagar, pelo menos instantaneamente, todos os outros.

Trasbordou de povo a egreja, e em todos os circumstantes, que de momento a momento relanceavam olhares ávidos para o pulpito, se revelava, nos olhares e nos gestos, a anciedade com que esperavam vêr assomar a robusta figura do orador portuguez, e ouvir-lhe a larga voz não menos robusta que a figura.

O leitor póde admirar a virilidade da corporatura de Antonio Vieira, como verdadeiro portuguez d'aquelles bons tempos da Restauração, que era, se entrar ao edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa e pedir que lhe mostrem o retrato a óleo do homem que mereceu a Clemente X estas palavras: «Dêmos graças a Deus pelo fazer catholico, porque, se o não fosse, grandes cuidados poderia dar á Egreja.»

Agora importa dizer que o padre Antonio Vieira contava então quarenta e seis annos d'idade, e estava em todo o vigor da sua athletica saude, que de todos os trabalhos de mar e terra zombou até longa velhice.

Na egreja commenta-se, com o respeito devido ao logar, o facto, e assim é que tentarêmos ouvir um dos muitos dialogos que se estão segredando nos recantos sombrios da nave.

São interlocutores dois homens, um dos quaes descendia d'uma familia de Serpa, no Alemtejo; o outro havia nascido no Maranhão.

Disse o do Maranhão ao outro:

—Sempre quero vêr como o padre Vieira consegue entreter os homens fallando aos peixes.

O de Serpa respondeu:

—Ha de sahir-se como se sai de tudo.

—Menos das missões.

—Não é homem que desanime; elle empenhará a sua influencia perante a côrte em Portugal.

—Quando irá elle?

—Não sei, mas suspeito que vai breve.

—Será attendido?

—Basta que o seja como vai ser hoje. E eu, pela minha parte, tenho dupla rasão para attendel-o.

—É segredo?

—Não é segredo; é novella.

—Novella?

—Digo que o é, não porque seja fabula, mas porque podia ser posta em livro. É uma tradição da minha familia em que tem principal papel o santo de que Antonio Vieira vai prégar.

N'este momento um confuso ruido, que se espraiou ao longo do templo, veio interromper o dialogo.

Desenhava-se no fundo escuro do pulpito o másculo vulto de Antonio Vieira, e dos seus labios rom-

piam magestosas e sonoras as palavras latinas do thema: *Vos estis sal terrae.*

—Oiçamos, disse o de Serpa.

E logo um e outro fixáram attentamente os olhos no pulpito.

Fez-se profundo silencio.

Apoz breve pausa, Antonio Vieira começou a desdobrar as bellesas da grandiosa allegoria, em que a par dos grandes vôos oratorios, porque Antonio Vieira é a verdadeira águia do pulpito portuguez, apparecem os defeitos caracteristicos da sua individualidade litteraria, para não dizermos do seu tempo, o que seria pleonasmo imperdoavel.

Antonio Vieira foi o seu tempo; é uma epocha, que principia brilhantemente com a restauração de Portugal, e em torno da qual gravitam importantes acontecimentos politicos e religiosos.

O orador, apostrophando, exclamára:

«Emfim, que havemos de prégar hoje aos peixes? Nunca peor auditorio. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades d'ouvintes: ouvem, e não fallam. Uma só coisa pudera desconsolar ao prégador, que é serem gente os peixes, que se não ha converter.»

O do Maranhão segredou rapidamente ao de Serpa:

—Principia. *Que se não ha de converter.* Reparemos.

«Mas esta dôr é tão ordinaria, que já pelo costume quasi se não sente. Por esta causa não fallarei hoje em ceu, nem inferno: e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos

homens, pelos encaminhar sempre á lembrança d'estes dois fins. *Vos estis sal terrae.* Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preserval-o, para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as prégações do vosso Prégador Santo Antonio, como tambem as devem ter as de todos os Prégadores. Uma é louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar, e reprehender o mal, para preservar d'elle. Nem cuideis, que isto pertence só aos homens, porque tambem nos peixes tem seu logar.»

Estava embellesada na oração e no orador a attenção do publico.

«Os homens perseguindo a Antonio, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se podessem, porque lhe reprehendia seus vicios, porque lhe não queria fallar á vontade, e condescender com seus erros; e no mesmo tempo os peixes em innumeravel concurso acudindo á sua voz, attentos, e suspensos ás suas palavras, escutando com silencio, e com signaes de admiração, e assenso (como se tiveram entendimento) o que não entendiam.»

Os nossos dois interlocutores entre-olharam-se. As allusões tornavam-se manifestas atravez do veu da allegoria.

«Quem olhasse n'este passo para o mar, e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos, e obstinados, e no mar os peixes tão quietos, e tão devotos, que havia de dizer?»

A maior parte dos ouvintes logo comprehendeu o

sentido tropologico das palavras de Vieira. A terra era, na sua linguagem allegorica, os sertões do gentio, e o mar o templo, e os peixes os ouvintes.

«Poderia cuidar,—continuou Vieira—que os peixes irracionaes se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em féras. Aos homens deu Deus uso de rasão, e não aos peixes: mas n'este caso os homens tinham a rasão sem o uso, e os peixes o uso sem a rasão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito, e devoção que tivestes aos Prégadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta vez, em que assim o fizestes.»

Foi Vieira desenrolando eloquentemente o assumpto, e, louvadas as virtudes dos peixes, chegou ao ponto de reprehender-lhes os defeitos:

«A primeira cousa, que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escandalo é este, mas a circumstancia o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fôra pelo contrario era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastára um grande para muitos pequenos: mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.»

Todo o auditorio percebeu a referencia ao governador do Maranhão, o peixe grande, para o qual não bastavam as centenas de selvagens, que em seus retiros sertanejos estavam na rudeza primitiva.

O interesse foi crescendo sempre, e quando Vieira

soltou a phrase final «Como não sois capazes de Gloria, nem Graça, não acaba o vosso sermão em Graça e Gloria» houve no templo um longo sussurro, que traduzia o subito acordar de centenas de pessoas.

—Saiâmos, disse o do Maranhão ao seu interlocutor.

—Saiamos, obtemporou o outro. E o sermão?

—E a historia?

—A historia carece do interesse do sermão.

—Todavia o sermão e a historia dizem respeito a Santo Antonio de Lisboa, e não será desproposito ouvir uma depois de escutar o outro.

—A historia é singela, e o sermão foi eloquentissimo. Obedecerei, porém, contando esta velha tradição da minha familia, de que eu sou actualmente unico representante.

Isto disse o de Serpa.

Oiçamos nós a sua narração, retrocedendo alguns seculos, e voltando a folha do prologo sobre os dois interlocutores, que não precisamos de conhecer melhor.

I

Na primeira metade do seculo XIII vivia em Serpa, villa situada na provincia do Alemtejo, um mercador abastado que, por naturalmente inclinado ao fausto, dispendeu em demasias esplendorosas o que nobres castellãos do tempo dos reis D. Sancho I e D. Affonso II, como eram os senhores de Lanhoso e Salzedas, de que nos falla Rebello da Silva no *Odio velho não cança,* não lograram pompear em sequito de pagens e cavallariços.

Chamava-se Martim Lourenço, e era casado.

Tinha duas filhas, que, já decahido da opulencia antiga, o deviam confortar nas mais attribuladas horas da decadencia, se um irmão de Martim Lourenço, tambem mercador no Porto, não chamasse á sua companhia uma das sobrinhas para a mandar educar, aligeirando o gravame do irmão.

Chamava-se Sara a menina que ficou na casa paterna, e Guiomar a que o tio adoptou.

Sara era a doçura; Guiomar a bellesa.

Uma parecia o lyrio, que é meigo e triste; a outra a rosa, que ri na gentilesa do porte e no colorido das petalas.

Sara attrahia; Guiomar fascinava.

Os cabellos d'uma eram pretos como a noite; os da outra doirados como a aurora.

Sara era a melancolia; Guiomar o sorriso.

Martim Lourenço punha a mira em casar rica a filha que, por assim dizer, lhe restava, porque a outra, adoptada pelo tio, já lhe não inquietava os pensamentos quasi sempre receiosos do futuro e saudosos do passado.

Acrescia que Guiomar era formosa, e os homens mais facilmente se deixam embriagar pela formosura que vencer pela bondade.

Uma está nas faces, nos cabellos, nos olhos; vê-se, irradia.

A outra é perola; é preciso descer á alma para encontral-a e arrancal-a.

Portanto o casamento de Sara ante-olhava-se ao mercador de Serpa como menos provavel dentro d'um praso breve, e cumpre declarar que tristemente o alvoroçava a sorte da filha, cujas virtudes aquilatava devidamente.

N'esse tempo o homem que desempenhava as funcções de ovençal na villa de Serpa era ainda moço, celibatario, e considerado rico.

Succedera no cargo a um judeu que o povo conseguiu depôr, quando o judeu já estava riquissimo

e o povo incendido contra as usuras com que foi vexado.

As duas circumstancias de mocidade e riquesa, grupadas n'um genro, affiguravam-se a Martim Lourenço casamento auspicioso.

Verdade é que para desequilibrar a balança matrimonial havia a pesarem na concha dos contras umas certas levesas de rapaz dinheiroso.

Só no que toca a reputação é que as levesas pesam. Em tudo o mais vão ao ar, mórmente se o oiro contrabalança na concha opposta.

D'esta vez, porém, não obstante curar-se de reputação, o oiro mostrou que era maciço, e pesou mais no animo de Martim Lourenço do que os rumores que ácerca do ovençal corríam na villa de Serpa, se bem que mysteriosamente, porque o ovençal, se quizesse vingar-se dos linguareiros, conhecendo-os, poderia vexal-os, na sua qualidade de exactor da fazenda publica.

Martim Lourenço fiou do tempo a cura do supposto genro.

É um erro.

O tempo envelhece, é certo, mas modificar não é refundir.

O leão vive encarcerado na jaula e parece obedecer á voz do domador, mas, se algum dia as reixas da jaula lhe quebram nas garras, renasce n'elle a féra do sertão, e é selvagem, feroz, indomavel.

Chegada a occasião em que Martim Lourenço tinha de pagar a renda d'um reguengo que trazia aforado, quando já o seu credito commercial não bastava á sustentação de casa e familia, e consul-

tando desanimado a arca vasia, viu entrar pela porta dentro o ovençal Pero Gomes, e logo resolveu matar d'uma cajadada dois coelhos, isto é, desviar o fim da visita com a proposta de casamento.

Martim Lourenço exclamára, compondo festivamente o semblante, ao vêr chegar o sonhado noivo de Sara:

—Sempre affrontado de correrias e trabalhos!

—E sempre odiado! Não ha, em verdade, sr. Martim Lourenço, cargo menos sympathico ao povo. Eu cumpro o meu dever. Não quero mal a pessoa alguma...

—Na vossa idade, sr. Pero Gomes, o querer bem é mais natural...

—Nem mal nem bem. Passo a maior parte do tempo em canceiras; pouco me resta para ser moço. Por ahi devem dizer de mim fabulas e destemperos...

—Vozes de despeito, a que eu não dou crédito, atalhou gravemente Martim Lourenço.

O ovençal, empenhado em occultar os desvarios da sua mocidade, proseguiu desculpando-se:

—O povo quer ralhar sempre: ralhe de mim, que tenho de executar a lei, e da lei que manda pagar quem deve...

—Certo é, sr. Pero Gomes, que muitas vezes os negocios não correm á feição dos desejos. Anda muitas vezes um homem a esbofar-se toda a vida para deixar peculio á familia, e, quando já está com os pés na cova. mudam-se os ventos, e lá se vai tudo pela agua abaixo...

O ovençal penetrou o sentido das palavras de

Martim Lourenço e, receioso de mais claras desculpas de mau pagador, atalhou:

—Verdade é, sr. Martim Lourenço, que muitas vezes o destino contraría, mas quasi sempre é a incuria que prejudica. O povo gosta de foliar e, quando se lhe pedem contas, amarra as mãos na cabeça e entra de tresvariar e gemer.

O mercador percebeu a allusão, apesar de encapotada e, medroso de vêr fugir o passaro quando já estava aberta a porta da gaiola, disse humildemente:

—Sr. Pero Gomes, e que doloroso tresvariar o de vêr, como eu, uma innocente menina, filha do meu coração, capaz de fazer a felicidade d'um homem, que a estimasse, aggravar a infelicidade do pai, que a adora! Já dormi em leito de rosas, sr. Pero Gomes, já dei rebate em toda esta villa de Serpa com o fausto que a prosperidade do meu commercio permittia. Desatinos da vaidade humana, que é filha do barro e da terra! Gastei muito, é certo; mas não gastei o alheio. A minha felicidade era tamanha, que requeria largas expansões. Eu era moço. Negociava com bons créditos em todo o Alemtejo. Minha mulher adorava-me; eu adorava-a. Tinhamos duas filhas que nos entremostravam na terra o paraiso, porque eram formosas como os anjos... Que fiz eu? Procurei tornar-me digno da felicidade que me procurava. Loucura! De repente fecha-se sobre a sepultura de minha mulher a porta do meu paraiso. Do descer ao resvalar, vai pouco. O meu coração tinha descido á terra na dôr da viuvez. Descuidei-me na angustia das saudades. Ao

mesmo tempo começou a fortuna a esquivar-se. O mais, bem o sabeis vós, sr. Pero Gomes, o mais é o anjo da minha Sara dependente da minha velhice; é a minha Guiomar lá desterrada para o Porto; sou eu velho, enfermo e... pobre...

—Vossa filha Sara conheço eu, sr. Martim Lourenço, e gentil e meiga é, em verdade; de vossa filha Guiomar ouço dizer que para o Porto vive em companhia d'um tio paterno, e que é formosa.

—Formosa a dizem. Mas a formosura, bem o sabeis, é melindrosa e breve. A doçura, a meiguice, a virtude, isso é que não ha arrancal-o da alma quando o Senhor Deus lá o poz. Ah! sr. Pero Gomes, deixai que vos lamente por não conhecerdes ainda o que é ter a gente um doce coração que nos entenda, nos afague, e ao recolher a casa nos indemnise dos dissabores que os extranhos nos dão!...

—Algumas vezes tenho pensado no que será isso...

Pero Gomes, como toda a gente nova, deixava-se arrastar facilmente pelas correntes da opinião extranha, no tocante a assumptos de coração.

Umas vezes se lhe prefigurava invejavel paz o casamento, mórmente quando se era ovençal, e se chegava a casa com os ouvidos atordoados de queixumes ou pragas.

Outras vezes orgulhava-se da liberdade que lhe permittia voejar como a borboleta, á procura da mais fulgida chamma accesa em olhos de mulher.

Esta volubilidade é propria dos espiritos moços, que não assentam bazes. A maduresa é que edifica, para a morte desmoronar.

A familia—o tecto hospitaleiro do bom pae sempre disposto a perdoar ao filho prodigo—é em verdes annos umas vezes deserto, outras oazis. Agora um beijo de mãe nos côa á alma as musicas dulcissimas que chilriam n'um arvoredo perfumado; logo os seus braços nos parecem cadêa que molestamente nos defende o lançarmo-nos no turbilhão das paixões que vão redemoinhando fóra.

É da primavera o desfolhar as flores, e do outomno o colher os fructos.

Isto pelo que toca á familia; no respeitante á sociedade, já, citando o exemplo do leão, dissémos que nem sempre era assim.

O mau coração, quanto mais o tempo o vai golphando no abysmo da sociedade, tanto maior é a rapidez com que do alcouce passa ao carcere, e do carcere talvez ao cadafalso.

Mas a familia—esta providencial sociedadesinha que Deus collocou em derredor do coração—quanto mais se tracta, e o tempo vai correndo, mais se estima e melhor se comprehende.

Venha já um exemplo.

Estava ha tempos na cadêa do Limoeiro um velho criminoso, que, quando livre, arremettera com impetos de leão contra a vida d'um homem indefeso e honrado.

Foi talvez uma palavra a causa do seu odio, por que a palavra, que foi dada ao homem para enriquecel-o, é, sempre que d'ella abusa, uma desgraça que o perde.

A luz, tão divina como a palavra, allumia; mas, se se larga da mão, é fogo, é chamma, é incendio.

O criminoso atrophiou-se no carcere e largos annos esteve chumbado ao catre da enfermaria.

Tinha duas filhas, que se reputavam orphãs no desamparo e na solidão.

Um dia as duas desprotegidas raparigas tiveram uma verdadeira phantasia d'amor filial,—resuscitar o morto, arrancal-o da sepultura de ferro.

Estavam proximas as Endoenças.

Fizeram chegar os seus flebeis clamores aos pés d'el-rei.

O que ellas pediam era que lhes fosse permittido amortalhar o cadaver do pae, depois que o sentissem arrefecer no derradeiro abraço de ternura.

Foram ouvidas.

A phantasia tornou-se realidade.

E o velho criminoso, ao sahir do catre da enfermaria para o leito que as filhas lhe tinham preparado, sorriu primeiro ás filhas, depois ao leito, e por ultimo a tudo quanto estava em derredor das filhas e do leito.

Uma só hora de familia regenerára mais aquelle homem do que dez annos de carcere.

Para os naufragos da sociedade ha só uma taboa de salvação: a familia.

Mas, emquanto se é moço, como Pero Gomes, e o mundo nos embriaga, a familia é apenas uma idéa, como muitas, como todas, que tem uma face triste, outra alegre...

N'esse momento as palavras de Martim Lourenço fizeram-n'o pensar de relance nas doçuras do lar.

Era um sonho, dos que a gente sonha acordada, quando a mocidade nos embala.

Casualmente ouviu-se, n'esse comenos, a voz de Sara na sala proxima.

—É minha filha, que me chama! exclamou Martim Lourenço jubiloso da casualidade. Podes entrar, filha, que é o sr. Pero Gomes o nosso hospede...

E Pero Gomes, sem saber porque, esqueceu-se de que vinha a desempenhar as suas funcções officiaes.

Onde estava o ovençal, ficou o homem.

II

Entrou Sara, despercebida da visita, e quedou-se, no limiar, aturdida da surpresa.

A voz, que era docemente feminil, e o fremito dos vestidos tinham alvoroçado o ovençal ao tempo em que a timida menina appareceu.

—Perdão! murmurou ella enleiada.

—Perdão! retrucou o pae. Por mim sei que folgo com a tua presença, filha do meu coração; o sr. Pero Gomes, que é nosso amigo, cuido que não a desestimará.

—Por quem sois! respondeu tartamudo o ovençal. Muito folgo tambem...

Pero Gomes estava, n'esse momento, como em muitos outros da sua vida, desservindo o rei, porque, mal que palavras de mulher o enfeitiçavam, ahi ficava elle tão esquecido do seu papel de funccio-

nario, que involuntariamente justificava todos os mysteriosos rumores que a seu respeito corriam.

Pelo que respeita a Sara, serenada da surpresa. sentiu-se opprimida na presença do ovençal, porque elle lhe inspirava uma vaga repugnancia, que não podia explicar-se. A innocencia, pois que o é, tudo desconhece.

Pesariam no animo de Sara as vozes chocarreiras do povo?

Talvez fosse isso, e alguma coisa mais: o natural antagonismo das indoles.

Elle era visivelmente leviano, irreflectido, precipitado; ella dedicada, scismadora, meiga.

Quando estas antitheses vivas se encontram na sociedade, fallam-se com reserva, e muitas vezes com receio, porque temem contradizer-se nas minimas coisas.

Era o que succedia a Sara.

Receiava denunciar-se constrangida na presença d'aquelle homem, cuja animosidade importaria graves sacrificios para seu pae, e talvez novos vexames.

Elle, ao contrario, passado o primeiro alvoroço, estava-se já prefigurando um romance d'amores, em que era o heroe da aventura, e Sara a pomba incauta enredada no laço até que, de extenuada pela lucta, fechasse humildemente as azas.

Pero Gomes conhecia inteiramente o estado da casa de Martim Lourenço, e era essa mais uma probabilidade de victoria.

Por conseguinte entrava de affoutar-se ao mesmo passo que a timida Sara dizia ao pae:

—Bem sabeis a que vinha; logo voltarei.

Pero Gomes, já reposto no seu desplante aventuroso, respondeu:

—Deveis presumir, sr.ª D. Sara, que a mim e a vosso pae seria causa de desgosto a vossa ausencia.

A menina córou, tremeu.

Martim Lourenço sentiu-se repentinamente inebriado de dupla alegria,—a que vem do coração e a que vem da cabeça,—porque, se idolatrava a filha, cuidava encontrar um genro, que todo o Alemtejo não recusaria.

E, por entre uns relampagos de jubilo, que, não obstante querer reprimir-se, lhe illuminavam a phisionomia, disse:

—Quereis saber, sr. Pero Gomes, para o que me vinha buscar a minha Sara? Para irmos vêr as nossas flores, que são tudo o que nos resta das nossas antigas festas, porque a terra nol-as dá, e não as tiram os homens.

Estas palavras desdobraram sobre a alma de Sara um veu de melancolia, que contrastava com o radioso semblante do pae.

A allusão ao antigo esplendor, que ella conhecera, seguida de tão humilde confissão de pobresa, na presença do ovençal, que toda a gente dizia rico, magoou-a subitamente, não porque o ser pobre a vexasse, mas porque um presentimento dolorido nasceu instantaneamente do natural antagonismo que os distanciava.

Eu tenho, muito arreigada na alma, a crença do presentimento, e já em outro livro me deixei ir

fallando mais d'espaço sobre essa momentanea liberdade com que a alma sai do envoltorio terreno para voltar a encarcerar-se n'elle.

Quem ha ahi, medeanamente lido, que não conheça as tradições religiosas do diluvio?

Pois sendo geralmente conhecido o assumpto, não haverá inconveniencia em tirar d'elle um simile.

É o nosso corpo a arca; o mundo a vastidão das aguas; a nossa alma a pomba.

Quer Deus, pois que lhe deu azas para voar, vontade para resolver-se, intelligencia para guiar-se, que de longe a longe se sôlte a pomba, e que volte alguma vez com o ramo d'oliveira colhido nos mysteriosos jardins do futuro.

Ha quem diga que a crença do presentimento involve irreligiosidade.

Não sei o que a Egreja legisla sobre o assumpto, mas não me parece que o dar fé ao presentimento seja vaidade sacrilega de querer saber tanto como Deus, que tudo sabe, mas um acto espiritual, um sentimento do futuro, tão facilmente explicavel como o sentimento do bello, do infinito, e outros.

«Esta idéa do bello,—escreve Aimé Martin—que está em nós, e não podemos comprehender; esta idéa da verdade, que está em nós e cujo exame é o grande trabalho do genero humano, que outra cousa é, senão uma imagem das realidades, que estão fóra de nós, e uma advertencia de que devemos possuil-as um dia?»

Agora pergunto eu, acostado ao maviosissimo author da *Educação das mães de familia*: Este sen-

timento ou esta idéa a que chamamos presentimento, que outra coisa é senão uma imagem do que está fóra de nós e devemos possuir um dia?

Diz-se que o homem não póde adivinhar; convenho. Mas o que póde, pelos assombrosos attributos de sua alma, é realisar para si o desconhecido, como acontece com o sentimento do infinito, que, não obstante não ter imagem visivel, nos lança fóra de nós mesmos, á procura de Deus.

Deixemos, porém, a questão para os philosophos e para os theologos.

A verdade é que na alma de Sara passou um melancolico presentimento, nuvem que se foi condensando á medida que Martim Lourenço ia dizendo:

—Pois são as nossas flores, sr. Pero Gomes, o cuidado e o encanto da minha Sara, e tambem—porque não hei de dizel-o a um amigo?—as unicas joias que lhe restam, e que uma vez por outra dão maior realce aos seus cabellos. Quizera mostrar-vol-as, mas receio que estejaes com muita canceira...

—Sobra o tempo quando a vontade sobra, respondeu o ovençal já impaciente de descer ao jardim.

A estas demoras estava elle habituado, e tanto mais agradaveis lhe eram, quanta é a fascinação com que a borboleta procura todas as chammas, até que em uma se queima.

Havia quem dissesse n'esse tempo, no Alemtejo e fóra do Alemtejo, que devia o cargo de ovençal ser exercido por pessoa idosa, que tivesse experiencia dos homens e seus logros.

Outros contrapunham que era incompativel a fadiga de repetidas caminhadas com a idade provecta.

Foram estes os que venceram, e geralmente eram ainda moços os ovençaes.

Não ha, como costuma dizer-se, bella sem senão, e a mocidade dos ovençaes não deixava de ter seus contras.

Um d'elles era o encontrarem devedores com filhas novas e gentis, mas, como tambem é certo sobrar o tempo quando a vontade sobra, segundo a expressão de Pero Gomes, ganhavam n'uma hora de cobrança o que as parlandas de muitos dias lhes levavam.

—Vamos então fazer uma visita ao nosso jardimsinho! exclamou radioso Martim Lourenço; ides vêr, sr. Pero Gomes, o que são doces perfumes e formosissimas cores. Anda lá adiante, Sara, pois que o jardim é teu, e nós somos hospedes.

Foram.

Sara obedeceu com a meiga resignação dos que nasceram para submetter-se a todas as dedicações.

Andaram examinando as flores, que revelavam extremosa attenção da gentil jardineira, e Pero Gomes, inteiramente senhor de si, encontrou sempre uma phrase amavel para encarecer a solicitude da jardineira e a bellesa do jardim.

Uma das phrases foi esta:

—Se eu tivera o condão de estar em duas partes ao mesmo tempo, como o milagroso padre Santo Antonio, que a bem dizer morreu ainda outro dia

em Padua, havia de repartir-me frequentemente entre este jardim e os meus deveres d'ovençal.

Tornou-se vivissimo o carmim que purpurejava as faces de Sara.

Martim Lourenço atalhou risonho:

—Nem que adivinhasseis, sr. Pero Gomes! Não ha santo mais querido da minha Sara do que o milagroso Antonio de Lisboa, gloria da nossa patria, e honra de todos os Bulhões que vivem por estes reinos. Oxalá que elle, ouvindo as orações da minha Sara, a mim ou a ella restitua o perdido, como a si mesmo restituiu o livro dos psalmos, que aquelle noviço do convento de Lemonges lhe levava roubado, quando fugia arrependido de ter procurado a vida monastica, fazendo com que o noviço, á entrada d'uma ponte, tivesse uma visão pavorosa e, amedrontado, voltasse ao convento.

—Não deixarão de ser attendidas tão ardentes orações! disse Pero Gomes relanceando um olhar expressivo á perturbada menina. Frei Antonio tem feito tantos milagres, que não se falla em outra coisa.

—Dois, e dos maiores, vi eu com estes olhos que a terra hade comer! atalhou Martim Lourenço. Um foi o de vir livrar da forca o pae, Martim de Bulhões, a quem Deus consentiu que morresse depois da canonisação do filho. Era uma boa figura a do pae de frei Antonio; logo na apparencia denunciava que lhe andava nas veias o sangue de Godofredo de Bulhão, que tamanhos serviços fez a este reino. Lá estão ainda as suas armas a inculcal-o fidalgo e cavalleiro. Rico era tambem. Alem das ca-

sas nobres á Pedreira da Sé, onde nasceu frei Antonio, tinha solar junto á egreja de S. Mamede, e outras mais propriedades, que do pae herdára. Quiz prestar serviços de bom cidadão ao sr. rei e á patria, e isso lhe valeu os trabalhos de que o filho o livrou.

—Meu pae, atalhou Pero Gomes, tambem conheceu em Lisboa Martim de Bulhões, e lembra-se de frei Antonio, quando contava sete annos, melhor direi, lembra-se do pequeno Fernando, visto que foi esse o seu primitivo nome, andar sempre mettido pela egreja da Sé, onde, como se sabe, estudou primeiras letras, lingua latina e musica.

—Tambem, accrescentou Martim Lourenço, para frequentar os estudos do claustro bastava-lhe atravessar a rua. As casas ficam mesmo defronte da porta principal da egreja maior. Mas, como ia dizendo, eu mesmo vi esse grande milagre. Tinha ido a Lisboa fazer abastecimento. Havia constado, como sabeis, em todo o Alemtejo a noticia da prisão de Martim de Bulhões por suspeitas de haver matado um homem que apparecera enterrado no quintal d'outras suas casas. Bem sabeis tambem que ninguem no Alemtejo acreditava que podesse o pae de tamanho santo ser criminoso. Mas chego a Lisboa, e logo oiço grande tumulto, e vejo correr muita gente que subia caminho da Alcaçova. Corro tambem. Ouvia dizer: Milagre! Milagre! e, pela direcção que todos tomavam, logo percebi que se tratava de Martim de Bulhões. Só pude vêr, entre muita gente que o rodeiava, frei Antonio, que a esse tempo se sabia estar em Padua, e uns a beijarem-lhe as mãos, e outros o habito, e todos a ajoelharem-se! Perguntei

o que era, e foi então que me disseram que o assassino fôra um visinho de Martim de Bulhões, e que de noite enterrára o cadaver no quintal de Martim; que já ia caminhando para o logar da execução, quando appareceu o filho e pediu que voltassem outra vez á porta principal da Sé; que todos retrocederam e que frei Antonio da parte de Deus ordenára ao morto que se levantasse e declarasse quem era o verdadeiro criminoso; e que o morto se erguera do sepulchro e dissera que Martim de Bulhões estava innocente. Quantas vezes não tenho contado isto á minha Sara! Pois não tenho, filha?

—Se tendes! murmurára maviosamente a menina.

—Lembro-me como se fosse hoje! proseguiu Martim Lourenço. Tambem nem ha tantos annos vai! Alvoroçou-se Lisboa em peso; todos queriam vêr o santo, todos o procuravam, e o santo não apparecia. Pudera! Se já estava em Padua, como depois se averiguou!... D'outro milagre tambem posso dar noticia exacta. Tinha eu ido a Lisboa, ha doze annos, tambem fazer abastecimento. No dia 30 de maio —era domingo do Espirito Santo—andava eu na rua. De repente ouvem-se repicar a um tempo todos os sinos das egrejas como se todos fossem movidos por uma só mão. Que será? que aconteceu? perguntava-se. Correram os principaes do governo da cidade ao mosteiro de S. Vicente a consultar o prior D. Gonçalo Mendes sobre a causa do acontecimento. Acharam-n'o, ajoelhado no côro, resando, e quando lhe disseram a que tinham ido, respondeu chorando d'alegria que fôra milagre de frei Anto-

nio, porque a essa hora havia sido canonisado em Espoleto pelo papa Gregorio. Mas... agora reparo que tendes estado de pé, sr. Pero Gomes! Eu esqueço-me a fallar de frei Antonio, porque não ha quem d'elle não falle agora, e porque sei que é assumpto muito do agrado da minha Sara. Que dizeis então, sr. Pero Gomes, ao jardimsinho de minha filha?

—Que é um paraiso pequeno, e que, se paraiso não fôra, vos pediria licença para levar d'elle uma recordação...

—Ah! quereis uma flôr! exclamou alegremente Martim Lourenço. Escolhe-a tu, Sara, que deves saber onde as mais bonitas estão.

Sara obedeceu e, cortando uma rosa, entregou-a com mão tremula ao ovençal.

III

O visconde d'Almeida Garrett, que viveu na primeira metade d'este seculo, falla ainda da sua velha criada Brigida, que lhe recitava o rimance do conde Alarcos, e era celebre chronista de historias da carochinha.

Pois a Brigida da Quinta do Castello foi seguramente a ultima d'essas dedicadas e sabidas criadas, leaes e canceirosas, cuja palavra era regalo das creanças que dormiam no berço, cujos braços lhes vestiam o primeiro vestido e algumas vezes lhes despiam o ultimo, e cujo conselho as guiava desde a infancia até á adolescencia.

Acabou essa boa raça de leaes servidores, de que Almeida Garrett escreveu o epitaphio, e ainda bem, porque merecia penna d'oiro.

Nobres creaturas, para quem a dedicação e a obe-

diencia eram morgado! Parecia haver para ellas a tradição oriental das castas: os avós nasciam servos; os netos servos morriam.

Em muitos d'esses velhos castellos portuguezes amos e criados tinham os cabellos brancos e, quando uns e outros morriam, eram os filhos dos amos servidos pelos filhos dos criados.

Muito antiga devia de ser a geração dos bons servidores portuguezes, porque já em casa de Martim Lourenço vamos encontrar uma velha Feliciana, verdadeira reliquia da numerosa criadagem do faustoso mercador, e companhia unica, e muitas vezes consolação, da meiga Sara.

Tambem o certo é que a boa menina não tinha segredos para a sua velha Feliciana e que, orphã desde os primeiros annos da vida, lhe queria como se em verdade ella lhe houvesse dado o ser e o leite,—as duas primeiras coisas das muitas que nossa mãe nos dá.

Posto isto, não será para extranhar-se que, ainda impressionada com os extranhos acontecimentos d'aquelle dia, fosse Sara desabafar os seus presentimentos com a velha Feliciana, e espairecer com ella as suas presagas tristesas.

Contou a menina tudo á criada, com vaga melancolia, e a criada meneou a cabeça gravemente, como deixando perceber que não lhe tinha sido muito agradavel a narrativa.

A dizer a verdade, nunca a sua menina lhe contou coisas que lhe parecessem tão graves e, como se todos os seus affectos rebentassem n'esse instante em amorosa explosão, exclamou:

—Sabeis vós, minha querida menina Sara, que sempre este ovençal Pero Gomes me agradou tanto como o judeu das rendas, que o coitado dò povo enxotou para a synagoga?

— Eu, disse brandamente Sara, tambem não gosto do ovençal...

—Que não gostaes, sei eu, que ainda me pareceis anojada de o vêr; mas força é estimarmol-o, porque o sr. Martim Lourenço o estima. Queira Deus e o nosso padre Santo Antonio que o tal sr. ovençal nos não traga maiores canceiras, que sempre essa historia da flôr me dá que scismar...

E quedou-se meditativa algum tempo, até que repisou:

—Foi então vosso pae, minha querida menina Sara, que vos ordenou lhe entregasseis a rosa?

—Foi, sim. E olha, Feliciana, que me tremia o braço, quando tive de entregar-lh'a!

—Pudera! Quando ao coração repugna, como não ha de tremer o braço? Mas quem sabe?

—Dize...

—Se o sr. ovençal vos ama?

—Amar!

—Se vos requesta?

—A mim!

—Pois não é galante o pedir-vos uma flôr?

—Arrojado foi; galante não. Não penses em tal, Feliciana, que só o pensar n'isso me atormenta.

—Tendes rasão, minha querida menina Sara, que o sr. Pero Gomes não me agrada mais do que o uzurario da esnoga. Vós sois um anjo, e mereceis noivo que tambem o seja. O ovençal, não. Que o

nosso padre Santo Antonio nos defenda das suas artes mais das suas uzuras...

—Bem sabes, observou com doçura a menina, que não se me dava a mim de ser pobre, se não fossem as saudades de Guiomar. Mas folgava de ser rica, Feliciana, só por causa do ovençal...

—Comprehendo.

—Se lhe não receiasse os vexames, havia de pedir a meu pae que o não estimasse.

—Vosso pae quer-vos como á luz dos seus olhos, e desejava ver-vos coberta de felicidades, e eu tambem. Mas o ovençal... Ás vezes o amor cega-se, e engana-se. O noivo que se vos devia procurar, em tudo devia merecer-vos. Vosso pae, minha querida menina Sara, deseja dar-vos destino, porque se arreceia da velhice, e oxalá que se não deixe enganar pelo oiro,—que para a felicidade pouco monta ter a arca replecta dos maravedis que o sr. rei D. Sancho I, que Deus haja, mandou cunhar. Que importa que haja tavolado nas bodas, ou que se joguem as canas, de que tanto se começa a fallar agora? Acabado o apparato, nada fica, quando não ha reciproca estima e amisade commum.

A velha Feliciana dizia a seu modo uma eterna verdade. São os paes, por via de regra, impacientes do destino das filhas, e cuidam em sua pressa amante que o pôl-as a salvo das miserias mundanas é o mesmo que preserval-as das miserias conjugaes. Não é. Só se compra com o oiro o que só se póde vender, e ninguem póde negociar com a felicidade, que não é nossa.

Martim Lourenço, pelo muito que queria á filha,

anciava vel-a ligada a homem que lhe garantisse o futuro, e assim era que punha suas vistas no ovençal Pero Gomes.

—Olhai! exclamou a velha Feliciana, nós havemos de pedir ao nosso padre Santo Antonio para que seja tudo pelo melhor. Bem sabeis que não ha santo maior aos pés de Deus, porque elle o foi desde menino. Tambem sabeis que foi conego regrante aos quinze annos, e que de S. Vicente de Fóra, sendo tão novo, se foi enclausurar em Santa Cruz de Coimbra só para que as visitas dos parentes lhe não embaraçassem o tempo do estudo e da oração...

—Ó Feliciana, muito grande devoção tenho eu com Santo Antonio!

—E podeis ter, minha querida menina Sara. Que prodigios que elle obrou por esse mundo de Christo! E que trabalhos que passou! Na idade das paixões despiu o habito de Santo Agostinho para tomar o de S. Francisco, e lá se recolheu, como dizem, á sua ermida entre olivaes...

Aqui interrompêmos a narrativa da velha Feliciana para fazermos algumas observações, e seja a primeira dizer que a ermida mencionada ficava a um quarto de legua de Coimbra (hoje Santo Antonio dos Olivaes) e era dedicada a Santo Antonio egypcio, mais vulgarmente chamado Antão.

Foi a esse tempo que Fernando de Bulhões mudou de nome, segundo uns por tomar o da invocação da ermida, segundo outros para sepultar em si quanto do mundo houvesse trazido.

O mais que temos a observar é que se não tome á conta de inverosimilhança o enthusiasmo religioso

com que a miude os poucos interlocutores d'este livro se deixam ir fallando de Santo Antonio.

Pelo que toca a Feliciana é que absolutamente não póde haver extranhesa.

Todos sabem que eram ardentes as crenças religiosas das velhas criadas portuguezas, que mais propriamente se poderiam chamar talvez aias. Igualmente repetiam, sempre que encontravam aberta, as legendas piedosas dos santos da sua devoção e os rimances populares mais de seu gosto.

E, n'esse tempo, não eram só as velhas aias que fallavam de Santo Antonio. A Europa estava cheia dos milagres que elle fizera, e que dia a dia se renovavam. A devoção popular, que o tornou por assim dizer o santo mais alegremente legendario do agiologio portuguez, firmava-se sobre a lousa do seu tumulo recentemente fechado para atravessar os seculos com o ardor e enthusiasmo que ainda hoje conserva.

Santo Antonio, ao mesmo tempo santo e portuguez, tem por altar o coração do povo.

A devoção nacional pelo thaumaturgo requer extensa menção e, se o leitor não consente que por mais tempo interrompamos a velha Feliciana, consagremos o capitulo seguinte unicamente ao santo de Portugal e ao povo portuguez.

—E lá se foi a Africa! accrescentou Sara.

—Foi, affirmou Feliciana; a exemplo dos cinco martyres de Marrocos, que passaram por Coimbra, foi-se a prégar a Fé Catholica.

—Mas, ó Feliciana, ainda te não perguntei porque da Africa passou á Italia...

—Porque em Africa adoeceu e, voltando a Portugal, foi a nau dar a Sicilia.

—Ah! exclamou candidamente Sara.

—Recordais-vos, minha querida menina Sara, do nome do convento onde primeiro esteve em Italia?

—De Tauronimio.

—Ah! sim! Varria humildemente o claustro e tractava da horta. Hoje lá se vão em romaria os doentes a procurar as larangeiras que plantou. Muitos trabalhos passou e muitos milagres fez! Duas vezes livrou o pae,—da morte e da deshonra. Accusarem o pae d'um santo de ter morto um homem, e roubado dinheiro! Era bom, tinha de ir a negocios do serviço real e, como não podia attender a todos, houve de dar algumas partidas a ministros inferiores. Vai um e rouba, e o pae do santo é accusado, e sequestrada a sua fazenda! Oh! mas o milagroso filho acode a Portugal a salvar o pae!

—E o milagre de fazer com que os peixes o escutassem na cidade de Ariminio, quando os homens o não queriam ouvir!

—É verdade!

—E o de fazer nascer uvas d'uma vinha que estava secca!

—É que não ha outro santo assim, minha querida menina Sara! E o de tornar a dar o pé áquelle rapaz de Padua, que com o pé maltratára a mãe, e a quem o santo dissera que merecia que lh'o cortassem!

Este lance aproveitou a velha Feliciana para exercer tambem a sua missão de educadora, e accrescentou:

—E merecia! que aos paes todo o respeito se deve. Os paes mandam; os filhos obedecem. Esta é a lei natural que a Deus agrada.

A boa Feliciana, em sua lealdade de antiga criada, havendo meditado no caso da flôr, arrependeu-se de ter desculpado a repugnancia de Sara ao ovençal, e, receiosa de contrariar os projectos do amo, cuja dôr conhecia de sobra, prometteu a si mesma emendar d'ali em diante a mão.

Tractava-se de assegurar o futuro da sua querida menina.

Fez voto de se emendar, e emendou, como veremos; que não fosse ella contribuir para que a morte do pae deixasse a filha ao desamparo.

Sara esteve algum tempo silenciosa e com os olhos fitos no oratorio do seu quarto, até que apostrophou:

—Muito bonita é esta imagem que nós temos, ó Feliciana!

—E que lindo menino Deus! Como não devia ser o verdadeiro Jesus menino que se lhe vinha poisar no livro em que estava estudando!

—É a Sagrada Escriptura!

—É, porque ninguem a entendeu melhor. E as açucenas são o signal da puresa, e a cruz o de ter sido prégador da Fé. Bem empregado dinheiro o que vosso pae deu por esta imagem. Olhai que não havia muitas em Portugal, quando elle a comprou...

De repente olhou para a sua menina. Pareceu-lhe melancolica. Ergueu-se, e foi-se abraçal-a.

—Que vos lembrou agora, minha querida menina Sara?

—Que me havia de lembrar?...

—Ahi vos tornou alguma lembrança mofina! Cruzes! Cruzes como as que fazia o nosso Padre Santo Antonio!

E foi-se á parede, e com a mão direita traçou uma cruz, que, ao contrario das que o thaumaturgo fazia, não ficou gravada,—escusado seria dizel-o.

—Está-me a lembrar — soluçou Sara, — que se meu pae m'o destinasse para esposo...

—Havieis d'esposal-o, atalhou Feliciana. Se não amaes outro...

—Nem o amo a elle, tambem sabeis.

—Mas se vosso pae ordenar?

—Obedecerei, murmurou Sara.

Ao mesmo tempo uma perola d'agua lhe rolou na face.

Era a primeira lagrima,—a primeira d'este livro.

IV

Seja então todo este capitulo consagrado ao Thaumaturgo,—ao santo mais dilecto do culto popular.

É elle o que de dentro dos seus nichos engrinaldados de flores, e resplendentes de luzes, parece, no dia da sua festa, abençoar o pequeno commercio, a que preside, não sabemos que por outra rasão além da extrema popularidade que lhe vem da sua nacionalidade e dos seus milagres.

Pende-lhe do pescoço, por via de regra, uma constellação de moedas de prata em que parece espelharem-se os reflexos luminosos do seu riso alegre e franco.

Não podémos averiguar d'onde procede este conceito de casta jovialidade, que em todo o Portugal se fórma a respeito de Santo Antonio.

Já o nosso presado amigo, e distincto escriptor,

Pinheiro Chagas, observa nos seus *Portuguezes illustres:* «Ora agora, qual o motivo porque este austero prégador, que tão cedo trocou as delicias do mundo pelas severidades do claustro, e depois o repouso das conesias religiosas pelas agruras da vida mendicante, foi feito pelo povo protector dos ridentes folguedos, é o que não poderemos facilmente dizer.»

Lemos intencionalmente quanto ácerca de Santo Antonio de Lisboa achamos escripto na bibliotheca publica da capital, e não conseguimos rastrear a origem de tão risonha tradição popular, que se traduz n'estes e outros cantares da rua:

Ó moças, andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio,
Que as ponha todas em linha
No livro do matrimonio.

A poesia popular fez de S. Gonçalo d'Amarante o casamenteiro das velhas, e de Santo Antonio de Lisboa o casamenteiro das donzellas.

Assim é que diz a S. Gonçalo:

S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as novas?
Que mal vos fizeram ellas!

E a Santo Antonio:

Ó moças, se querem noivos,
Vão esta noite á ribeira,

Que os moços em honra ao santo
Vão armar uma fogueira.

D'onde procede que tu, ó austero Fernando, que logo aos quinze annos de tua meditativa vida te amortalhaste n'uma loba de sarja, e te cingiste com uma corrêa de conego regrante; que tu, que afugentavas o perigo das tentações com as cruzes que por tua propria mão gravavas para todo o sempre, como a que se vê ainda nas escadas que sobem para o côro da Sé de Lisboa; como é que tu, que não tiveste mocidade, que viveste prégando, meditando e lendo, vieste a ser o santo da festiva noite de junho, em que as fogueiras crepitam, e as moças, requestadas pelos namorados, bailam em derredor das fogueiras?

Pouca luz espalha sobre esta duvida historica a seguinte tradição poetica do Algarve:

Santo Antonio anima os mortos,
E dá saude aos doentes;
Não é muito que despache
Mil sadios pretendentes.

Só se por tu seres o santo dos grandes milagres, que resuscitavas os mortos, e deparavas o perdido —mesmo que o perdido fosse a vida,—a devoção popular viu em ti o unico intercessor valioso para revigorares o coração amortecido nas maguas do amor, e restituires á alma attribulada a esperança que perdeu...

O que é certo é que a devoção do povo te le-

vanta altares em toda a parte, e que todos os paizes europeus possuem em escriptura a chronica assombrosa dos teus milagres.

Predominam, ácerca de Santo Antonio de Lisboa, compilações portuguezas e italianas, como era de justiça, mas, como é pequena a margem d'este livrinho que estamos escrevendo, força será que nos occupemos apenas de Portugal, e ainda assim muito limitadamente.

Passando rapidamente pelo *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol,* de Braz Luiz d'Abreu, livro em que as opulencias altisonantes d'um estylo gongorico abafam o que na vida de Santo tão popular devia haver de singelo e correntio, abramos o poemasinho do livreiro lisbonense Francisco Lopes,—livro cuja primeira edição é geralmente estimada, e, a nosso juizo, merecidamente.

Barbosa acha que o estylo de Francisco Lopes é mais devoto que elegante. Não concordamos. A narrativa parece-nos elegantemente singela, por vezes donairosa na simplicidade da rima e da locução, como devia ser um poema destinado a ficar na memoria do povo.

Não tem outras pretensões o livro.

Simultaneamente comprovaremos a nossa asserção e daremos, na versão poetica, algumas das legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa.

É assim versejado o milagre da prégação aos peixes:

E vendo gente tão cega,
Tão féra, dura e maldita,
Que a Deus, e a verdade néga,

A foz d'um rio se chega
Junto ao mar, e aos peixes grita:

Animaes brutos, que estaes
No mais fundo d'esses pégos,
Já que os homens racionaes
São doidos, rudes e cégos,
Quer Deus que o vós não sejaes.

Já que os humanos nascidos
Fecham á palavra divina
Seus maus e ingratos ouvidos,
Vinde vós, peixes queridos,
Ouvir a santa doutrina.

Acodem os peixes ao chamamento:

Já caminham os nadadores
Sem signal caminho abrindo,
Vestidos de varias cores,
Grandes, pequenos, menores,
Como a prata reluzindo.

Vem todos com diligencia
Alegres, e prasenteiros
Dar ao Santo obediencia.
Correndo como romeiros
A buscar a Indulgencia.

Chega a fria multidão
C'o mar brando, o ceu sereno,
Todos em orde e feição,
Grandes com grandes estão
E o pequeno c'o pequeno
. . . . . .

Da visita de Jesus menino ao santo em oração:

Prégando o Santo Varão
N'uma cidade, onde estava
Um devoto, e cidadão
Por seu hospede, o tomava,
Com devoção e affeição.
Dá-lhe o hospede sisudo
Uma casa conveniente,
Apartada da outra gente,
Onde á oração, e estudo
Se dê mais quietamente.
Uma noite estava orando,
Como tinha de costume,
E o hospede passeando
Pelas casas, indo olhando
Viu na sua um grande lume.
E estranhando a novidade
Do que em sua casa via,
Chegou-se á sua vontade
E viu uma claridade
Mais clara que a luz do dia.
E c'o grande resplandor
Que dava o raio divino
Pôde divisar melhor
Que estava um bello Menino
No livro do prégador.
E que ás vezes se tirava
Do livro, onde estava posto,
E que o Santo o abraçava,
E abraçando o beijava,
Juntando rosto com rosto.
. . . . . .

Aqui está como a poesia se associou singelamente á devoção popular, e entreteceu uma grinalda poetica para o altar do Thaumaturgo.

Importa agora dizer como no vocabulario dos mais abalisados doutores da Egreja é considerado Santo Antonio. *Arca do Testamento* lhe chamou Gre-

gorio IX; Xisto V, *Chave d'ouro*, e geralmente era denominado *Martello d'hereges*.

No livro da vida e milagres de Santo Antonio, que frei Fortunato de S. Boaventura traduziu do latim, se diz que o nome de Antonio o mesmo sôa que *Altitonio* ou *Altitonante*, porque o santo que immortalisou o nome «como que trovejou tão profundas coisas da Sagrada Escriptura, que os proprios mais habituados a decifrarem o sentido da palavra de Deus, tinham muito que admirar em a sua eloquencia.»

A Braz Luiz de Abreu parece tambem que Antonio tanto vale como *Sursum tenens*, «o que tem na sua mão o que está de nós para cima.»

Bastam os milagres a confirmar o Santo, e os discursos religiosos, que deixou, a confirmar o theologo.

A popularidade de Santo Antonio de Lisboa assenta pois para todo o mundo em duas bazes igualmente gloriosas—a santidade e a sabedoria.

D'elle dizia um conego regrante, ao vel-o sahir do convento de Santa Cruz de Coimbra: Vai, que has de ser um Santo.

Ao que frei Antonio respondeu: Quando ouvires que o sou, darás graças ao Senhor.

D'elle clamavam as creanças de Padua, nas ruas da cidade, na hora em que morreu e os religiosos de Arcella queriam enthesourar o seu corpo: Morto é o Santo, morreu o Santo frei Antonio!

Aos meninos de Padua respondeu a Egreja canonisando-o um anno, menos treze dias, depois da sua morte.

Estes treze dias a menos são hoje celebrados, como se sabe, pela Egreja, sob a designação de *Trezena* de Santo Antonio.

Em Lisboa, sua patria, a devoção popular por Santo Antonio é ainda mais vivida do que em parte alguma do reino.

No sitio em que assentavam as casas de Martim de Bulhões, á Pedreira da Sé, edificou-se o elegante templo, que hoje subsiste, por clausula expressa no testamento de D. João II; o rei D. Manuel cumpriu religiosamente o legado de seu tio.

D. Pedro III mandou reedificar o templo quando o terremoto de 1755 o arruinou na sua maior parte, ficando illeso, com a capella mór, o logar do nascimento do santo, como refere uma legenda estampada á esquerda da porta principal.

No logar que a tradição designa *do nascimento*, detraz do altar mór, ha a seguinte inscripção:

NASCITUR. HAC. PARVA. UT. TRADUNT.
ANTONIUS. AEDE. QUEM. COELI. NOBIS.
ABSTULIT. ALMA. DOMUS.

Incidentemente diremos que n'esta casa, já gloriosamente nobilitada, segundo consta, por ter sido berço d'um grande santo, estavam, ao tempo da indelevel façanha de 1640, os paços do conselho municipal de Lisboa, e que d'ahi sahiu para a rua, a saudar a aurora da liberdade, o pavilhão do senado da camara.

Justo parece, ao escrever-se do filho, fazer menção, ainda que rapida, dos paes.

De Martim de Bulhões dizem concordemente to-

dos os historiadores que foi seu pae, e teve sepultura no adro da egreja de S. Mamede, que ficava no local fronteiro ao palacio dos actuaes marquezes de Penafiel.

Ácerca da procedencia de sua mãe, que se sabe jazer n'uma capella de S. Vicente de Fóra, variam as chronicas e os agiologios.

O padre Bayam, que particularmente consultámos, nomeia-a D. Theresa Taveira; e Braz d'Abreu tambem.

Sem embargo, um livrinho italiano, *Compendio della vita del glorioso taumaturgo S. Antonio de Padova,* chama-lhe Maria Theresa Taveira, e o abbade Tresvaux, na sua *Vie des saints,* Maria de Tevera.

Que os extrangeiros errassem e até deturpassem, caso é que, por frequente, não merecia reparo, mas uma opinião portugueza, e sobre portugueza authorisada, segundo informações, contesta o appellido e a procedencia.

O sr. Rodrigo de Moura Coutinho e Sousa, da casa do Telhó, em Celorico de Basto, possue em manuscripto as *Obras genealogicas* de seu tio, D. José de Moura Coutinho, penultimo bispo de Lamego, e d'esse importante trabalho se infere, com referencia ao nosso assumpto, a seguinte curiosa noticia.

D. Soeiro d'Azevedo, nasceu, viveu e morreu na villa de Sobrado de Paiva, capital do concelho do Castello de Paiva, comarca d'Arouca, bispado de Lamego.

Era D. Soeiro descendente do celebrado rico homem D. Arnaldo de Bayão.

As casas (paços), onde nasceu e morreu, assentavam por detraz da egreja de Santa Maria, matriz da freguezia de Sobrado. Dizem-me haver ainda bastantes vestigios d'ellas, que são varios alicerces de paredes, quasi ao nivel do chão. Ficavam uns trezentos metros a oeste da egreja.

Teve D. Soeiro uma neta, que se chamou D. Theresa d'Azevedo. Esta senhora casou em Lisboa, com Martim de Bulhões, que morava em umas casas junto á Sé patriarchal. D'este casamento nasceu Fernando de Bulhões, que na religião tomou o nome de frei Antonio, e é o nosso popular Santo Antonio.

A averiguação, que para a historia seria importante, é para nós impossivel no livrinho d'uma collecção que tende a amenisar para o povo, na vida dos santos, o que no commum dos agiologios é quasi sempre arido e muitas vezes confuso.

Rebello da Silva, referindo-se na soberba introducção aos *Fastos da egreja* á leitura de livros santos, diz que: «O que a tem tornado pouco accessivel é a aridez introduzida, a pretexto de estylo ascetico, em diversas obras especiaes.»

E é verdade.

O que nós procuraremos sempre n'estes pequeninos livros é colorir risonhamente a tela sobre a qual temos de desenhar os pallidos e contemplativos perfis dos santos.

Preferiremos, como é dever, os portuguezes, dos quaes Rebello da Silva, ainda no mesmo logar, escreveu:

«Muitos adormeceram no seio de Deus, passando

da oração e dos cilicios para a sepultura; a vida d'estes é como as paizagens risonhas e amenas, igual e tranquilla; embalsamada pela fragrancia das virtudes, e serena pela calma das paixões. Outros (e não são menos que os primeiros,) mestres e prégadores, peregrinos como os Apostolos, perseguidos como elles, semeavam a palavra de Christo nas remotas regiões, ouvindo rugir o tigre nos palmares da Asia, ouvindo bramir o leão nos desertos de Africa, e pagando a verdade e o amor com o sangue das veias, cortadas pelas frechas dos indios, ou rôtas pelos tratos dos barbaros.»

A historia dos santos é uma das muitas ramificações que braceja a historia geral d'um paiz; portanto os editores d'estes livrinhos julgam fazer com elles um pequeno serviço á terra em que nasceram.

Este capitulo, entroncado na narrativa, quizémos consagral-o á popularidade do grande santo em torno do qual a devoção nacional accende fogueiras, e canta lôas.

Agora voluntariamente cahiremos no erro do povo, desdobrando as singelas paginas d'uma narrativa amorosa (cuja essencia o leitor poderá encontrar contada em quarenta linhas a pag. 251 da vida de Santo Antonio pelo padre Bayam) em torno do sagrado vulto do austero prégador, que viveu espalhando a palavra de Deus aos homens e aos peixes.

Poisêmos a primeira flôr sobre o altar de Santo Antonio, e contemplêmos a primeira lagrima nos olhos de Sara.

V

Extranhou o ovençal Pero Gomes a isempção de Sara, por não estar costumado a resistencias na serie gloriosa dos seus galanteios ousados.

Baixára ella os olhos para entregar-lhe a flôr, e nem siquer balbuciára as timidas palavras que ao mesmo tempo deixam entrevêr receio e esperança.

Pelo contrario, esquivára-se a fallar sempre que isso lhe fôra possivel, e a olhar, sempre que encontrára um ponto qualquer para onde podesse desviar a vista.

Ora no amor ha excepções, e não raras, para contrapôr ao epiphonema contido n'este verso de Camões:

Mais arde o fogo, quando tem mais lenha.

Succede ás vezes que os incendios do coração crescem vorazes, quando não são correspondidos. Quanto mais desce sobre elles a geada da indifferença, mais as labaredas se tornam rubras e devastadoras. A historia das maiores angustias do amor está exactamente bazeada, desde remotos tempos, não na regra geral, que é a correspondencia, mas nas excepções, que são a indifferença.

A sociedade portugueza, amorosa por indole desde que constituiu lar, já no tempo da nossa narrativa offerecia aquelle sabido exemplo do desventuroso Egas Moniz, quando accusava a ingratidão da sua dama por se retirar a Castella:

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levaes-me a alma—inda mal!
Que dôr hei n'ella!
Deixaes-me por castelhanos...
Que negra sorte!
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte. (1)

Pero Gomes estava, como sabemos, no caso do incendio que irrompe sem que o vendaval da paixão lhe corresponda e o atice.

De mais a mais, quando se está habituado a deslisar por estrada de flores, o exaspero de encontrar o primeiro espinho é superior á dôr que o espinho causa.

(1) Trasladados do portuguez obsoleto ao portuguez hodierno, pelo visconde d'Almeida Garrett.

E quem era — perguntava-se Pero Gomes — que sahia a embargar-lhe o passo victorioso?

Sara, que nem era deslumbrantemente bella, — nem siquer rica, nem ao menos descendente de nobres.

Esta reflexão foi para o ovençal o primeiro espinho, e como tal o exasperou.

Quiz, no seu orgulho offendido, esquecer a filha do mercador, mas logo se lhe levantou na alma uma tempestade de amor, de despeito, de desespero, e talvez de ciume.

O peior ciume, o mais tormentoso, não é o que vai apontado a um só homem, determinado e conhecido, mas o que involve a humanidade inteira, porque ella comprehende o homem que já é rival ou que ainda ha de vir a ser rival...

Esse era o ciume de Pero Gomes, porque da propria bocca de Sara ouvimos nós a confidencia de que, se o não amava a elle, não amava outrem.

E não amava.

O seu coração era ainda como esses jardimsinhos que nascem ao acaso, umas vezes pendurados de rochas, outras á beira d'um lago natural.

Ali estão, na solidão quasi sempre, com toda a opulencia da sua primavera, com todo o esplendor das suas galas festivas, até que uma noite a tempestade lhes desfolhe todas as flores ou um dia um caminheiro perdido descance sob a verde e perfumada côma das suas arvores.

Ahi temos, pois, travada a lucta entre o doido amor, que nasce do despeito, e a verdadeira isempção, que nasce da candura.

Vejamos se a formosa lagrima, que desabrochou nos olhos de Sara, será a primeira d'um longo fio de perolas, ou se acaso se crystalisará como gotta d'orvalho sobre o setim d'uma rosa.

Estava-se no principio de junho, e com ardentissima devoção se celebrava na egreja de Serpa a Trezena de Santo Antonio. Sem embargo, os hymnos, que em toda a parte se levantavam junto do seu altar, eram uns como echos das festas que durante esses treze dias a população de Lisboa celebrava em honra do milagroso santo.

O leitor póde avaliar o esplendor d'essas festas religiosas n'uma cidade que tinha sido berço de frei Antonio, onde ainda havia muitos parentes seus, e toda a gente conhecia a casa em que nascera,— se se lembrar da cavalleiresca pompa com que duzentos annos depois se festejavam ainda o Corpo de Deus e o S. João, em Lisboa.

Dil-o Garcia de Rezende:

Vimos costume bem cham
nos reys ter esta maneira
corpo de Deus, Sam Joam
aver canas, procissam,
aos domingos carreira,
cavalgar pela cidade
com muyta solennidade,
ver correr, saltar, luctar,
dançar, caçar, montear
em seus tempos e hidade.

E como se ha de extranhar o enthusiasmo de Lisboa, que tinha sido berço, quando Padua, que fôra tumulo, libertada miraculosamente do tyranno Ezze-

lino, erigiu uma estatua a Santo Antonio, e depôz no seu altar uma cidade de prata, e ostentou nas ruas danças phantasticas e pomposas cavalhadas, e o tomou por tutellar e protector! (1)

A onda da alegria, que rebentava do coração do povo ulysiponense, rolava sobre Portugal inteiro, e innundava-o de musicas alegres e festivas, de offerendas e promessas, de viva fé e ardente devoção.

N'esse tempo, posto já se celebrasse a Trezena de Santo Antonio, não havia ainda resas determinadas para commemoral-a.

Os hymnos, que depois a Egreja compoz em honra do santo, eram então substituidos pela alegre espontaneidade com que todas as pessoas acudiam, durante treze dias, aos templos, e oravam, não o que a memoria lhes recordava, mas o que o coração lhes dizia.

A meiga Sara, acompanhada pela velha Feliciana, inspirada pela sua natural devoção com Santo Antonio, era das primeiras pessoas que entravam na egreja matriz da villa de Serpa, mal que soava a hora em que se deviam abrir de par em par as portas.

Seguia-lhe o rastro,—que devêra ser de lagrimas se a devoção lh'as não enxugasse—o ovençal Pero Gomes, em cujo peito, como já sabemos, se levantára de subito uma tremenda tempestade de baralhados sentimentos.

Cuidava elle,—cuidavam os seus poucos annos—

(1) Ribeiro Guimarães—*Summario de varia historia.* Vol I.

que estava irremediavelmente namorado, e n'essa persuasão, seguindo a luz que o fascinava, deixava-se arrastar na torrente da fatalidade com a voluptuosa cegueira dos que não querem desviar-se do abysmo.

Architectou, para viver n'elle, um mundosinho individual, como na sua edade se faz, quando a gente tenta copar de sombras mysteriosas, impenetraveis a vistas alheias, o inferno das suas maguas ou o paraizo das suas alegrias.

Se a divindade é terrifica, abraza-se a gente nos incendios que ella traz no halito e no olhar, deixa-se retalhar nas suas mãos recurvas, calcar aos seus pés flammejantes, esmagar nos seus braços enleiados de viboras.

Tudo soffre, para morrer ali, como os christãos lançados ás feras, como os grandes martyres nos seus grandes supplicios, porque sente, e crê, e ama.

Se a divindade é olympica—e nem sempre ha encontral-as na terra—quer a gente embellesar-se, como Fausto, na contemplação da sua Margarida, respirar os perfumes dos seus labios, onde desabrocham flores dos jardins do Hymeto, aquecer-se á chamma do formoso reverbero dos seus olhos, onde parece despontarem auroras, tel-a bem ao pé de si, estando nós bem ao pé d'ella, de modo que os extranhos não interrompam o nosso sonho, não quebrem o nosso encanto...

Pois o mundosinho architectado pelo ovençal era meio inferno e meio paraiso,—e a sua divindade meio angelica meio satanica.

Elle estava em verdade entre o desespero do pri-

meiro obstaculo, e a esperança de ser o ultimo, porque de traz do obstaculo presumia a victoria.

Tambem, em verdade, Sara era para elle a tentação e a vida,—o pomo que perde e o ar que alimenta.

Estava, cria elle, empenhado em duello de vida ou morte, e ou perder-se baldadamente na tentação ou arreigar-se victoriosamente á vida.

Enganos! enganos!

O nosso mundosinho é apenas a fixação d'uma idéa dominante, a concentração do espirito.

Cuidamos que n'aquella idéa está tudo, e que nos temos fechado a sete chaves dentro de nós mesmos.

Mas o espirito é como as arvores: ou coberto de flores ou de fructos.

Um dia lá vem a ventania e desfolha as flores, que são leves.

Mais raras vezes sopra o tufão e derruba os pomos, não obstante serem pesados.

Está o espirito moço coberto com a suas flores, com as suas idéas,—as suas utopias.

Pouco depois a corrente do pensamento, que trabalha sempre, traz novas idéas, e apaga as outras, que imaginávamos fixas, como as primaveras trazem cada anno flores differentes.

Menos frequentemente a torrente dos acontecimentos desarreiga as convicções da edade provecta. e atira os fructos ao chão.

Ora se caiem os pomos, como não hão de cair as flores!

A nossa divindade é apenas um idolo. Todos os

dias vem um novo Moysés dizer que despedacemos o idolo, e que a verdadeira luz está no topo d'um novo Sinai.

O homem faz hoje um altar; ámanhã desfal-o. As sociedades erguem hoje um templo, e ámanhã incendeiam-n'o. As nações levantam hoje um throno e ámanhã demolem-n'o.

Altar, templo e throno perduraveis ha um só, que resiste aos homens, ás paixões, e aos seculos.

É o altar do mundo, o templo da naturesa, o throno do firmamento.

Do altar são degraus as montanhas; do templo é abobada o céu; do throno são corôa as estrellas.

E no altar está Deus, Deus no templo, e Deus no throno.

Tudo mais é transitorio.

Mas... transitemos com os homens e com as paixões.

N'um dos ultimos dias da Trezena, e á sahida do templo, abeirou-se de Sara o ovençal Pero Gomes e disse com ardor que se denunciava amoroso:

—Quereis ouvir-me, sr.ª D. Sara?

A menina quedou-se aturdida e relanceou um olhar interrogador a Feliciana.

A velha criada respondeu com outro olhar affirmativo.

Foi como se a menina perguntasse: Devo ouvir? e a criada respondesse: Deve.

Ainda assim, tremula e confusa, observou Sara com voz commovida.

—Mas, sr. tanta gente nos observa!

O ovençal, suppondo enleio amoroso o que tão sómente era innocente embaraço, replicou:

—Que me importa a mim, sr.ª D. Sara, que toda a gente nos observe! Do meu unico desejo não me envergonho, e é o tomar-vos por esposa, que sem vós...

—Por esposa! repetiu convulsa a menina.

—Que sem vós, continuou o ovençal, é-me a vida mais dolorosa que o morrer... Para esposa vos quero, sim, sr.ª D. Sara, como não delibereis despenhar-me nas labaredas do inferno.

—Crédo! Cruzes, meu querido padre Santo Antonio! exclamou ingenuamente a velha Feliciana.

O ovençal proseguiu:

—Se me não quereis retalhar o coração amantissimo, se não deliberaes atormentar-me com mortal desespero, recusando o meu amor, communicarei a vosso pae a minha resolução e a vossa resposta...

—Senhor! suspirou a pallida menina.

—Tão descorada estaes! exclamou afflictivamente a velha Feliciana.—Sr. ovençal, desculpai, mas a minha querida menina Sara precisa de recolher-se com o auxilio do nosso padre Santo Antonio. Crédo! Que desmaiada!

Quiz, com esta evasiva, a velha Feliciana, que sabemos suspeitava das intenções de seu amo, obstar a que uma só palavra da sua menina derrubasse, por ventura, todos os castellos paternos.

E o ovençal, fazendo obra pelo antiquissimo proverbio portuguez—*Quem cala, consente*—apartou-se convencido de que as alegrias do noivado iriam finalmente linimentar quantas feridas o amor lhe rasgára no coração.

VI

«Amanhece a branca flôr cheia do orvalho doce, que destillou n'ella a aurora, chega a beber a abelha, e leva mel; chega a beber a aranha, e leva veneno. Mas d'onde nasce este veneno, e este mel? O mel não nasceu da abelha, senão da flôr; o veneno não nasceu da flôr, senão da aranha.»

Disse-o o *Bocca-d'oiro* portuguez,—e assim é, em verdade.

Tambem aquella flôr, colhida por Sara no seu jardimsinho de além Tejo, teve no calis mel e veneno, quando entre as petalas se destillou o orvalho da primeira lagrima,—com uma unica differença, e foi que lhe roubaram as doçuras do nectario e lhe deixaram a empeçonhal-a o veneno que não era d'ella.

No sermão de Vieira a aranha bebe a peçonha

que trouxe; no nosso romancesinho a flôr de Sara fica envenenada quando as mãos de Pero Gomes a recebem.

Esta é a dissimilhança; em tudo o mais ajusta o conceito ao assumpto.

E porque ficou envenenada a flôr?

Porque o halito da paixão a corrompeu, em vez de reverdecel-a o orvalho do amor.

Porque Pero Gomes, allucinado por temporaria demencia, tirára d'aquella flôr, pura como a alma de Sara, o falso vaticinio de que a sua felicidade dependia da mão que lhe deu a flôr.

Ligeira base de felicidade é uma flôr, porque, mal que as petalas entrem de despegar-se, a felicidade ruirá.

Ha entre os namorados a superstição amorosa de consultar os *bem-me-queres*.

Superstição falsa como todas!

Quantas vezes a flôr diz: *sim*, e escondido no peito fica o *não?* Quantas vezes o *bem-me-quer* nega o que a ancia com que é consultado affirma?

Enganam as flores em tudo o que não seja a grandesa de Deus, que pregoam. O que não engana são as lagrimas, porque as lagrimas são o suor das agonias do coração.

Ah! que se Pero Gomes houvesse podido vêr a primeira lagrima de Sara, talvez que a lagrima o desilludisse das loucas esperanças que a flôr lhe phantasiou!

Mas, infelizmente, elle não a viu chorar,—o que seria um desengano; viu-a córar,—o que foi uma illusão.

Suppoz-se amado, e revelou a Martim Lourenço a sua resolução.

Ouviu-o com jubilo o velho mercador, suppondo vêr descerrarem-se-lhe diante dos olhos as aureas portas do paraiso que sua filha merecia.

Todavia pediu demora para responder, e mandou chamar a menina á sua presença.

Extranhou Sara o convite e, pois que não estava desprevenida, soluçou nos braços de Feliciana:

—Sabes tu o que meu pae me vae dizer?

—Julgo que sei...

—Que Pero Gomes me veio pedir em casamento, que os meus presentimentos se realisáram, que eu sou muito infeliz...

Pelas faces da velha criada desceram lagrimas. Doia-lhe no coração a dôr da sua menina. Desde que entrára n'aquella casa, habituára-se a respeitar as vontades de seu amo e a estremecer a gentil creança que, por meiga, a prendera mais do que Guiomar por formosa.

Emquanto não chegou o momento decisivo, aconselhava a obediencia, mas depois que vira a sua menina em tamanha angustia, e a recebeu soluçante nos braços, sentiu o coração comprimido entre os dolorosos acumes d'um horrivel dilemma.

—Valha-nos Deus e o nosso milagroso Padre Santo Antonio! exclamou afflictivamente a velha Feliciana.

—Valha! valha! repetiu offegante a menina.

E abraçaram-se uma na outra, e desabafaram chorando.

Diz-se geralmente que a saude só se avalia quan-

do se perde; pois com as lagrimas acontece exactamente o contrario: só se avaliam quando se teem.

Chora-se, e o chorar é paz, é allivio, é saude.

Somos já chegados a opportunidade de comprehender o grandissimo alcance philosophico da pergunta que serve de epigraphe a este livro.

A rasão da velha Feliciana como que se elucidou com as lagrimas. Não admira que ellas esclareçam, porque são luminosas.

—Feliciana! Feliciana! exclamou a menina menos agitadamente. E Santo Antonio, tão milagroso, sem me valer n'esta grandissima afflicção!

—Calai-vos, minha rica menina, respondeu Feliciana. Quereis que o bem-aventurado padre Santo Antonio vos proteja uma desobediencia, e talvez um desatino? Quem vos disse que d'este casamento não vos advirá felicidade? Que vosso pae, agora tão attribulado, não se finará tranquillo vendo-vos amparada e protegida? Não sejaes, minha querida menina Sara, como esses maus christãos que para tudo incommodam a côrte celeste, Santo Antonio d'aqui, Santo Antonio d'ali, Santo Antonio para tudo, acêrtos e desacêrtos, propositos e despropositos, e que, quando o Santo lhes reprova a heresia com o silencio, o lançam ao poço com uma corda ao pescoço. Enforcado e afogado o meu milagroso Padre Santo Antonio! T'arrenego! Cruzes! Não digaes loucuras, minha querida menina Sara! Então não rezeis o *Padre Nosso*, rezae a *çala*. Ou bem que somos christãos ou bem que somos *çaloyos*! (1)

(1) «Quando D. Affonso Henriques conquistou Lisboa aos

Reflexionemos um pouco.

Havia n'esta velha criada, como em quasi toda a sua classe, um são juiso, que bons espiritos não se dedignariam revelar, alterada a fórma, que em Feliciana era comesinha, e no padre Antonio Vieira, por exemplo, era altiloqua.

Vejamos.

N'um sermão prégado em S. Luiz do Maranhão, no anno de 1653, declamava Vieira:

«Se vos adoece o filho, Santo Antonio; se vos foge o escravo, Santo Antonio; se mandaes a encommenda, Santo Antonio; se esperaes o retorno, Santo Antonio; se requereis o despacho, Santo Antonio; se aguardaes a sentença, Santo Antonio; se perdeis a menor miudesa de vossa casa, Santo Antonio; e talvez se quereis os bens da alheia, Santo Antonio. Homem houve no Maranhão, menos ha de cinco annos, que tendo induzidas duas testemunhas para lhe jurarem falso em materia de liberdade ou

mouros, por não despovoar a terra, deixou-os ficar de posse de seus bens e casas, impondo-lhes certos tributos. Este beneficio e tolerancia, que a politica e a humanidade aconselhavam, se estendeu aos logares circumvisinhos da cidade. Esta foi logo augmentando em população christã, que em si absorveu a raça mourisca pelo decurso dos tempos, o que não era tão facil nos campos. Dizem que a estes mouros dos arredores davam antigamente o nome de *Çaloyos* ou *Saloios*, tirado do titulo da resa que repetem cinco vezes no dia, chamada *çala*. Ficou subsistindo o nome ainda depois de povoados esses logares por christãos; e talvez da mesma origem proviesse um antigo tributo que se pagava do pão cosido em Lisboa e seu termo, e que era conhecido pela denominação de *çaloyo*.»

Panorama. Vol. II, pag. 124.

captiveiro, no dia em que houveram de jurar, mandou dizer uma missa a Santo Antonio, para que jurassem contra a verdade; e porque juraram como iam instruidos, veio o pleiteante a esta mesma egreja dar graças ao Santissimo Sacramento, e a Santo Antonio.»

Trinta e cinco annos depois do padre Antonio Vieira, frei Antonio do Rosario dizia menos elegantemente na egreja de Santo Antonio do Recife, com viziveis remeniscencias de Vieira:

«Ultimamente o Santo, que hoje celebramos, não só é uma cidade para todas as cidades de Portugal, e fidelissimo defensor de todas as suas conquistas, mas muitas cidades de refugio, por ser o unico Santo, que tem a Egreja Catholica de mais universal refugio a todo o mundo: *Civitates refugii*, Santo não só para todos, mas para tudo, e para cada hora, e instante, que d'elle se queiram valer, não só para coisas grandes, mas até para as minimas; perdeis um alfinete, uma agulha, em dizendo Santo Antonio, apparece o que mal apparece; d'este tão continuo e meudo favor nasce ser tão familiar e demasiada a confiança, que todos tem com Santo Antonio, que para o Santo fazer milagres, o põem em martyrio. Foge o negro, amarra-se Santo Antonio; para vir o escravo amarrado para casa, hade estar o Santo amarrado, ha de pagar o justo pelo peccador? o castigo, que merece o escravo por fugir, dá-se a Santo Antonio para o trazer? cruel devoção, tyranna piedade! Tanto custa a Santo Antonio, ainda depois de estar no céu, a gloria de Santo para todos, e para tudo, o titulo de cidade Evan-

gelica, e a obrigação de cidades de refugio: *Civitates refugii*, mas tudo se paga com o singularissimo favor do bracinho do Menino Deus sobre o hombro do nosso Sánto: *Dextera illius amplexabitur me*, como quem está provando, e approvando todas as excellencias de Santo Antonio, como quem nos está dizendo, este é o meu camarada, o meu frade, o meu prégador, o meu Santo...»

São pois de longa data, como podêmos inferir das palavras de Feliciana, os duros tractos de *cruel devoção* e *tyranna piedade* com que o povo supplicia ainda o seu querido Santo Antonio.

Quando sobre a campa do celebrado thaumaturgo, de pouco tempo fechada, se accenderam os fogos do enthusiasmo religioso, que ainda hoje crepitam vividos diante do seu altar, logo a piedade popular, como era natural, entrou de se demasiar em exigencias, e de invocar Santo Antonio para todas as necessidades e até para todas as velleidades. Era uma explosão de piedade; não soffria diques. A devoção queria tudo, porque Santo Antonio, o milagroso acariciador de Jesus menino, podia tudo. O povo não só reverenciava o Santo; fazia mais,— amava-o. Ora o amor é egoista, quer tudo para si, possivel ou impossivel, facil ou difficil. Assim era o amor do povo para com Santo Antonio, e por isso, logo desde a sua morte, foi loucamente exigente e, segundo crêmos, do excesso de piedade derivou a rude pratica de o molestar quando elle não é prompto protector.

Erro do espirito humano, que importa censurar, porque é suppor que o interesse de ser reveren-

ciado e amado leva Santo Antonio a despachar favoravelmente todos os requerimentos que lhe dirigem, e que o martyrisar quem para ser martyr procurára as selvagens regiões da Africa, logrará obter o que as orações não obtiveram.

Tinha Feliciana o bom senso caracteristico dos velhos criados portuguezes. Quantas vezes não era a mão d'esses obscuros companheiros, que na quéda amparava a fraquesa do amo? Quasi sempre. Feliciana não podia desmentir as nobres tradições da sua classe e, para obstar a que o desanimo arrefecesse o coração de Sara, colheu-a meigamente nos braços, afastou-lhe da fronte os cabellos, fixou-a com ternura, e, osculando-a com soffreguidão, exclamou:

—Não vades já, minha querida menina. Pequena demora daremos a vosso pae, se primeiro quizerdes orar commigo ao nosso bem-aventurado padre Santo Antonio. Se vos não acode já, é porque não póde; algum dia vos acudirá.

Sára fitou os doces e desluzidos olhos na velha criada, como se acreditasse n'esse momento que aquellas palavras envolviam uma prophecia.

E ajoelharam ambas,—e oraram.

VII

Martim Lourenço esperava a filha.

Entrou a menina á presença do pae, e maviosamente perguntou:

—Ordenaes alguma coisa?

Martim Lourenço respondeu:

—Não tenho que ordenar; desejo pedir. Senta-te, filha do meu coração, e ouve-me. Somos chegados a um momento que eu anciosamente esperava. Ao céu agradeço, Sara, o haver-me dado vida que me permittisse ainda cuidar dos outros. A velhice é por via de regra tão debil, que só de si póde cuidar. Gasta-se a vida em ambições, em sonhos, em loucuras. Vai a gente reservando as boas intenções para a velhice, e o mais das vezes, quando envelhece, sente-se enfermo, triste, inhabil. Eu, filha querida, malbaratei a vida a cuidar da vida. Não pensei na morte. Penso agora, e á Providencia agra-

deço o dar-me ainda tempo para tão consoladores pensamentos...

E arrasaram-se-lhe de lagrimas os olhos, e momentaneamente se lhe prendeu a voz.

Então a alma de Sara revelou toda a doçura que lhe nectarisava palavras e sentimentos. Ergueu-se, enleiou nos braços o pae, beijou-o amorosamente, e exclamou, animando-o a proseguir:

—Dizei, meu pae...

—Sim, filha, digo,—respondeu elle alternando palavras com beijos—digo que, se o teu coração não oppozer repugnancia invencivel, poderei morrer tranquillo, porque terás, quando a minha alma partir para a viagem eterna, um marido que te dulcifique as saudades e—descendo a voz—que te não deixe pedir pão na terra em que teu pae o deu aos pobres, fossem christãos ou mouros...

—Que dizeis! soluçou Sara commovida.

—Digo a verdade, filha. Loucamente dispendi o que devia ser dote de minhas filhas. Mas tu perdôas-me, não é verdade, Sara? Perdoas, sim, que tu és um coração de pomba. A nossa Guiomar tambem me hade perdoar o ser condemnada a viver longe de nós por minha culpa. Oh! mas Santo Antonio, cuja festa ámanhã se celebra em todo o reino do sr. rei D. Sancho II, ha de conseguir—diz-m'o o coração,—que eu não morra sem tambem abraçar a minha Guiomar, e ouvir de vós ambas o perdão...

—Senhor! apostrophára a meiga menina anciosa de atalhar um assumpto, que profundamente a estava magoando.

—Filha, eu a vós ambas devo estas verdades. Justo é que a authoridade, que se esqueceu de providenciar, tenha a coragem de chorar os proprios desacertos. Eu tenho-a, e prefiro chorar no teu coração, que é de filha e anjo, a perder as lagrimas que se derramam sobre os corações alheios, quasi sempre indifferentes. Filha... certamente te disse Pero Gomes que te solicitava para sua noiva?...

Carminaram-se as faces de Sara, porque o pudor é naturalmente tão melindroso, que muitas vezes parece ter as delicadesas do amor.

—Filha, tornou Martim Lourenço, não te perturbes, que estás fallando ao unico verdadeiro amigo que a Providencia pôz a teu lado. Depois o meu logar será substituido pelo esposo; mas, emquanto o não tens, só a mim deves ouvir e fallar confiadamente.

—Alguma coisa disse Pero Gomes—respondeu com voz tremula a menina—quando eu ha dias sahia da Trezena com Feliciana...

—Assim devia ser,—tornou Martim Lourenço,—que Pero Gomes primeiro se te declarasse do que me consultasse a mim. E tu que respondeste, Sara?

—Eu! Nada.

—Nada! E Pero Gomes veio-me pedir a tua mão!

—Eu... não tinha que responder.

—Ficaste aturdida com a surpresa...

—Confesso que não esperava que Pero Gomes se lembrasse de mim para esposa.

—E pésa-te que se lembrasse?

—Não sei o que hei de responder!—disse a me-

nina sobremodo perturbada.—Vós, meu pae, decidireis.

—O decidir pertence-te, replicou Martim Lourenço.

E, após breve tempo de reflexão, perguntou:

—Amas tu alguem, Sara?

—Ninguem, respondeu a menina com a prestesa que é peculiar á convicção.

—Que tencionas então fazer depois que eu morra, Sara?

—Pae! Vede que me entristeceis!

—Ha tristesas inevitaveis: a morte o é para os que ficam. Para os que partem é redempção. Filha, depois que eu morrer que ha de ser de ti? Irás com a tua velha Feliciana mendigar o pão de cada dia para ambas? Se até a tua velha Feliciana te faltar, porque tambem os annos—e não são poucos—lhe vão pesando, ficarás sosinha no mundo, exposta á pobresa, á miseria e—quem sabe?—talvez á deshonra?

Esta palavra arrancou grossas lagrimas aos olhos de Martim Lourenço, e então acharieis sublime vêr abraçarem-se amantissimamente pae e filha em longo amplexo.

Após demorado silencio, proseguiu Martim Lourenço:

—Á deshonra, filha, sim, que vão calamitosos os tempos, e quem sabe ainda o que virá? Guerra por toda a parte para expulsar os mouros! D'Elvas já elles foram saccudidos, mas lá ficaria a vida do sr. rei, se não fosse a coragem do bravo Affonso Mendes Sarracines. Em Serpa e Moura tambem já a

perraria dos sarracenos não faz cama. Não pouco devemos ao valoroso grão-mestre do Hospital, que tanto ajudou o sr. rei! De Alcacer e Aljustrel tambem foram corridos, é certo, mas ainda lá estão aninhados em Al-Faghar. Quem sabe porém se o menor mal nos virá da meia lua? Por todo o reino se tece... quem sabe o que?

Houve nova pausa.

Martim Lourenço continuou:

—Filha, eu tenho colhido informações particulares ácerca de Pero Gomes. Bem sabes que as funcções que desempenha não são das mais agradaveis á maior parte da gente. É preciso, portanto, descontar o desagrado, e veremos depois o que fica. É rapaz; tudo o que se sabe d'elle é que é rapaz. Mais nada. Tem sido bom filho; é honrado e diligente. Que mais se ha de exigir? Hade naturalmente vir a ser bom marido. Aqui está o que te tenho a dizer do homem que, se quizeres, aceitarás para marido.

Sara respondeu com firmesa, sem erguer os olhos:

—Aceito.

N'este comenos soou alegremente a voz da velha Feliciana, que em gritos festivos annunciava a visita d'um velho amigo da casa, o padre Estevão Rodrigues, que, não obstante viver retirado algumas leguas, havia sido convidado para recitar ao outro dia, na egreja de Serpa, o elogio de Santo Antonio de Lisboa.

A velha criada, receiosa de que a resignação houvesse desamparado a sua querida menina,—porque

o amor receia sempre—aproveitou o ensejo da chegada do padre Estevão Rodrigues para interromper a conferencia entre o pae e a filha.

Mas ao tempo que ella annunciava estridulamente o prégador, acabava Sara de pronunciar a palavra *Aceito.*

Não tinham pois fundamento os seus receios.

—A minha querida menina Sara está no quarto do sr. Martim Lourenço. Vinde commigo, mas devagarinho, que não vades cahir. Com o alvoroço da surpresa nem tempo tive de accender luz!... Bello sermão teremos ámanhã... Vinde por aqui... Cuidado!

Pouco depois crepitavam fóra as festivas fogueiras da noite de Santo Antonio, e as raparigas de Serpa cantavam de mãos dadas em derredor do fogo:

Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh! que rica geração! (1)

Revela-se n'esta tonadilha popular o orgulho com que Portugal disputava á Italia a gloria de Santo Antonio. O povo portuguez encorporava o grande

(1) Não façam reparo os eruditos em attribuirmos ao seculo XIII as trovas populares, que ahi deixamos.

Entendemos que um povo canta e chora desde que vive, mormente nós, os portuguezes, a esse tempo sob plena influencia da poesia provençal.

Não será, pois, este um erro historico; na linguagem modernissima das trovas é que o ha decerto, mas a linguagem das trovas devia ser, para menos fastio do leitor, a linguagem do romance.

santo, seu patricio, no rol das mais intimas pessoas de familia, como se quizesse significar que o santo era parente de todos os portuguezes.

Outra rapariga festejava o nome do santo milagroso na pessoa do seu namorado, e visivelmente tirava do nome bom horoscopo para a felicidade dos seus amores:

Ó Antonio, ó Antoninho,
Retroz verde de cozer;
Nascemos um para o outro,
Que lhe havemos de fazer?

Tem a musica um certo agri-doce, que ao mesmo tempo magôa e allivia. E' como se fosse a vaga linguagem da saudade...

Sara, emquanto seu pae recebia o padre Estevão Rodrigues, abraçava-se chorosa na sua velha Feliciana, e revelava-lhe quanto se passára, mas, como fossem soando mais perto os alegres cantos do povo, como que se esqueceu de suas maguas para melhor ouvir as vozes frescas e sans das raparigas cantadeiras.

Entretanto saibamos o que disseram ambas.

VIII

Ardia a boa Feliciana em ancia de saber o que se passára, e, mal que introduziu á presença de Martim Lourenço o padre Estevão Rodrigues, procurou fallar particularmente á sua querida menina.

Acharam-se face a face, coração a coração, e logo Feliciana perguntou:

—Então?

—Então resolvi-me... respondeu com resignada melancolia a menina.

—A casar?

—A obedecer.

—Ainda bem! ainda bem! que praticastes o que devieis, minha querida menina Sara, que sempre fostes boa e docil. O mais correrá por conta do milagroso padre Santo Antonio.

E, para não deixar cahir em mór tristesa a desconsolada noiva, compôz festivamente o semblante e accrescentou:

—E o milagroso padre Santo Antonio que nos ha de ouvir a ambas, querendo Deus, para que seja completa a vossa felicidade, minha rica menina Sara!

—A minha felicidade!...

—Sim, a vossa, a minha, a de vosso pae, a de vosso marido, a de vossa irmã, — a de todos. É ámanhã a festa do nosso bemaventurado frei Antonio de Lisboa,—redobremos de orações e de cuidados. Vamo-nos lá depennar o jardim, que todas as flores serão poucas para o altar. As do noivado ainda teem tempo de desabrochar. E que rico sermão que ha de trazer o sr. padre Estevão Rodrigues! Não ha quem lhe deite a barra adiante... Isso é que não ha! Ora pois, minha querida menina, enxugai essas lagrimas, que não ficam bem em rosto de noiva. Velha sou eu, e mais não choro... Chorar! Não que vamos ter duas festas. Duas! Ámanhã a do nosso milagroso padre Santo Antonio, e breve a do vosso noivado! Do vosso noivado! Ainda me parece um sonho! E' que vos conheci pequenina, tão pequenina! Que linda ereis quando dormieis com os vossos bracinhos abertos, e os vossos labios a sorrirem! E já vos vou toucar para o noivado! e deu-me Deus tão longa vida, que ainda o podesse vêr! Ó meu formoso padre Santo Antonio, á vossa protecção me recommendo, para que eu chegue a vêr raiar esse dia de tamanha alegria n'esta casa!... E' que te-

nho medo de que tão grande ventura me tire o alento!...

E estava doida de contentamento a boa Feliciana a medir com ternos olhares a sua querida menina.

Sára, afogados os meigos olhos em suave melancolia, contrapôz ao jubilo da velha criada esta pergunta:

—E serei eu feliz?

—Se haveis de ser! Boa como sois, e desventurosa! Não póde ser. E o nosso padre Santo Antonio por nós! E vosso pae descançado e risonho! Não quero dizer com isto, minha querida menina, que não tenhaes de longe a longe a vossa dôr. A vida é soffrer; a verdadeira paz só lá a ha... lá onde todos nos havemos de tornar a vêr. Mas tanto quanto n'este valle de lagrimas se póde ser feliz, haveis de o ser, que m'o diz o coração. Não vos entreis de impaciencia pela hora da felicidade, que é o que faz muitos desgraçados. Ella soará. Ha uma hora para nascer, outra para chorar, outra para rir e outra para morrer. E' a ultima. Mas—proseguiu tomando um tom alegre—quem pensa aqui hoje em morte?

—Bem vês, respondeu Sara com doce ironia—que se tracta do meu casamento.

N'este instante ouviram-se as vozes de Martim Lourenço e do padre Estevão Rodrigues.

Já mais perto, vinha dizendo o reverendo:

—Com que então cai a sopa no mel! Muito folgo! muito folgo! Quero pois ser o primeiro a dar o parabem á noiva, que eu conheci menina, e que uma vez por outra trouxe nos meus braços.

Martim Lourenço delirava de felicidade, e, com a precipitação que por via de regra o contentamento dá, bateu á porta do quarto da filha, exclamando alegremente:

—Filha, Sara, o nosso padre Estevão Rodrigues quer-te dar o parabem!

Abriu-se a porta, e a doce menina deixou-se festejar pelo virtuoso sacerdote, um dos raros amigos que não tinha esquecido o trilho d'aquella casa, depois que a riquesa sahira a porta.

A desgraça é como o tufão,—varre tudo, excepto os inimigos, que são os granitos da sociedade. Que ventania ha ahi capaz de remover montanhas? Nenhuma. A nortada desfolha as flôres, desemmoita as verduras, levanta as areias, e só deixa de pé os alcantis. Tambem assim é a desgraça: tudo afugenta, menos os inimigos, corações de pedra, almas de rocha. É triste que se redusa o homem á bruta condição das penhas, mas nem por triste deixa de ser frequente o facto.

Quando tudo se perde, ficam elles, não para ser agasalho, mas para fazer sombra; não para consolação, mas para exaspero, porque a aridez das serras e do odio é tamanha, que chega a exasperar os tristes...

De que limo da terra nascem os inimigos?

Não se sabe; não o sabem elles mesmos.

Apparecem como appareceram os fragoedos,—duros, inabalaveis, agrestes.

Não teem o mais das vezes um resentimento, um despeito, um aggravo; começam por dizer mal.

Dado o primeiro passo,—querem mal.

D'ahi ao fim pouco vai, — acabam por fazer mal.

Mas, ainda bem que se pagam por suas proprias mãos: vivem mal.

Atormentados, invejosos, sobresaltados, espreitando sempre os outros, farejando a felicidade alheia, descuram a paz e a alegria da alma, e fazem o tormento de si mesmos.

São de pedra para os outros, e de lume para si: queimam-se, gastam-se.

Mas proseguindo...

Como entrementes desabrochassem fóra as alegres vozes das raparigas do povo, em torno das fogueiras, apostrophou o padre Estevão Rodrigues:

—Bom prenuncio o da musica! Bodas que se annunciam cantando, ditosas devem de ser...

Todavia mal o ouvira Sara. Deixára-se linimentar, como já sabemos, pelo doce-amargo da musica, pelo delicioso pungir da vaga saudade que comsigo trazem as ondulações da harmonia.

Martim Lourenço, abeirando-se confidencialmente do padre Estevão Rodrigues, segredou:

—Vêdes como ella está meditativa! São decerto as saudades da casa paterna. Oh! que tambem eu as tenho,—e muitas. Mas, padre, antes ella parta e eu fique, do que ella fique e eu parta... bem sabeis para onde.

Para a eternidade, queria dizer Martim Lourenço; mas faltaram-lhe as forças, porque relanceou um olhar á filha e viu-a ainda absorta no que elle suppunha apenas saudades.

A velha Feliciana andarilhava na sala, inquieta,

preoccupada, ora olhando para o amo e o padre Estevão, ora poisando amorosa a vista na sua querida menina.

Que tinha ella?

Via-a calada, a dar ouvidos ao canto das raparigas; queria distrail-a melhor; estava accusando tacitamente o amo e o padre Estevão Rodrigues por não a terem arrancado ainda á sua melancolia.

Até que finalmente, não podendo já conter-se, achegou-se do grupo, e disse:

—Bem sabeis, sr. padre Estevão Rodrigues, que já o anno passado nos trouxestes n'esta noite um valioso presente...

—Um presente! repetiu o sacerdote.

—Tão certo como ser ámanhã dia do milagroso Santo Antonio de Lisboa.

—Sobre o dia d'ámanhã não ha duvida... mas não me lembra o que fosse!

Voltou-se Feliciana para o outro lado e perguntou:

—Lembrais-vos vós, minha rica menina?

—O que? perguntou Sara distrahida.

Feliciana repetiu:

—Se vos lembraes do presente que o anno passado nos trouxe o sr. padre Estevão Rodrigues?

—Não me lembro! respondeu ingenuamente a menina.

—E vós, sr. Martim Lourenço?

—Eu, sim! Eu vou perdendo a memoria!

—Foi o sermão.

—Ah! foi o sermão! repetiu sorrindo o padre Estevão Rodrigues.

—E' verdade! ponderou a menina.

Mas, como recomeçassem as canções populares, deixou-se ficar embevecida.

Quedou-se Feliciana a olhal-a amorosamente e, acabado o extasi, reatou o assumpto:

—E este anno?

—Este anno, respondeu o padre Estevão Rodrigues, estou á disposição de quem me dá luz e pousada!

—Pois então, replicou Feliciana carregando mais nos passos para ser attendida, vamos lá ouvir o vosso discurso, que ámanhã, por muito grande que seja a sementeira das vossas flores, são muitos a colhel-as... Vamos lá... Ouvide, minha rica menina, que tão distrahida estaes!

Ia começar o serão, como elles eram ha seiscentos annos em Portugal.

Ha duas pessoas que, por serem quasi consideradas de familia, podem assistir, pelo menos em espirito,—o leitor e eu.

Assistamos.

IX

Os serões portuguezes!

Dissolveu-se,—e talvez para sempre!—essa nocturna reunião de familia, serena, alegre, animada; —scena intima da vida do lar, por via de regra escripta em duas paginas differentes nos bons tempos que já decerto não tornam!

Expliquemos.

A primeira pagina escreviam-n'a em seus castellos e solares os velhos senhores que conversavam em derredor da mesa rememorando gravemente os feitos de seus maiores contra os moiros ou os castelhanos. Havia, de feito, como que uma hereditaria aureola de gloria a coroar os venerandos cabellos brancos dos descendentes dos heroes de Ourique, Silves e Navas de Tolosa.

Tudo ali infundia respeito, desde o presente, que

era nobre, austero e puro, até ao passado, que elles recordavam, e havia sido glorioso.

Essa a pagina do serão escripta pelos nobres, pelos senhores, e confirmada pela historia.

A outra era ditada pelos servos, em torno do lar, emquanto a chamma crepitava dentro e a chuva rumorejava fóra; era para assim dizer uma copia, ou talvez um extracto, muitas vezes adulterado nas datas, da chronica oral que se estava reproduzindo a pequena distancia,—na sala.

Viviam os servos do pão e da gloria de seus amos, e tanto os prendia a migalha, que recebiam, como a façanha, que recontavam. Tambem elles tinham seu orgulho de haver nascido n'um solar onde cada pedra, como depois se escreveu a respeito de Diu, era epitaphio mudo d'um grande homem, duas vezes grande, porque dilatou o imperio e dilatou a fé.

Sim, essas foram por longo tempo as duas crenças que fortaleceram os animos portuguezes: a cruz e a corôa.

Com essas duas poderosas alavancas foi que a pequena Luzitania dos tempos pristinos conseguiu alargar até á Asia a área dos seus dominios.

Camões, cantando a descoberta da India, não pôde separar da gloria portugueza a gloria da cruz:

> E tambem as memorias gloriosas
> D'aquelles reis, que foram dilatando
> A Fé, o Imperio...

Assim era. Escreveu Garrett que para ser grande era preciso crêr em alguma coisa; nós criamos, por isso fomos maiores que todos os outros povos de-

pois dos romanos: criamos na patria, que nos era berço, e na cruz, que nos era protecção.

Mas fica sabido agora como esse dramasinho do serão, todas as noites repetido d'avós a netos, cabia apenas em duas paginas, tão sinceras e tão enthusiastas, que parecia animal-as por igual, apesar da differença dos personagens, um fogo commum dentro do peito.

Quem rasgou, porém, essas duas paginas, e as lançou á enorme fogueira que sorve o grande inventario das gerações que foram?

Quem havia de ser? A descrença.

Depois que ella gelou na alma a flôr de todos os sentimentos, e o verbo da fé e o nome da patria deixaram de ser o evangelho que regulava os povos, os senhores olharam com desconfiança para os servos e os servos com reserva para os senhores, porque já nem a uns nem a outros soffreava o sentimento religioso e o brio de portuguez.

Basta de tristes e desconsoladas divagações...

Em derredor do padre Estevão Rodrigues estão Martim Lourenço, Sara e a velha Feliciana, attentos, respeitosos, acompanhando com a vista o movimento dos labios do sacerdote.

Escutam a oração que ao outro dia deve ser recitada em honra de Santo Antonio, e nós, que não temos ensanchas para reproduzil-a na integra, dal-a-hemos muito em resumo para não abrirmos uma lacuna, que certamente desgostaria o leitor.

Era realmente ingenhosa a maneira porque o padre Estevão Rodrigues rematava o exordio. Dizia elle:

«D'uma vez, em Italia, á hora da collação, convidou o prelado do convento os padres prégadores a que propozessem a palavra de Deus. A um e um se foram escusando por se julgarem indignos da missão, até que, chegada a vez a Santo Antonio, lhe lembrou o prelado, por suppol-o pouco lido em materia sagrada, que fosse dizendo o que o Espirito Santo lhe suggerisse n'aquella hora.

«Desculpou-se Antonio; o prelado insistiu. Antonio obedeceu, e a pouco e pouco a sua palavra se tornou precipitada como as torrentes, profunda como o leito do mar, luminosa como o brilho do sol. Tamanha, e tão imprevista eloquencia, encheu d'assombro a communidade inteira.

«Vós, que me tendes conhecido a timidez com que vos estou fallando, e que benevolamente m'a escutaes e desculpaes, não espereis que a minha palavra se precipite, se inflamme, se engradeça, se torne digna do meu assumpto e de vós.

«Não, que não sou eu santo como era Antonio; que não recebo eu a inspiração que lhe sorria o loiro menino que, para assim dizer, lhe nasceu no braço e veiu a morrer no Calvario, pregado n'um madeiro; não, que a minha voz não pôde descer ainda ao abysmo dos mares e attrair á superficie miraculosamente os peixes que punham a cabeça fóra da agua para escutar a eloquencia d'Antonio.»

Aproveitou-se o padre Estevão Rodrigues d'esta paragem natural do discurso para fazer uma breve pausa.

Entretanto Martim Lourenço encareceu as bellesas do exordio, que Sara ouvira attentamente. Fe-

liciana estava radiante d'alegria, e pesava-lhe que os pulmões do orador não fossem tão robustos que o dispensassem de descançar.

Proseguindo, historiou o padre Estevão Rodrigues a vida de Santo Antonio. Contou do seu nascimento, de como tomou o habito de Santo Agostinho, e entrou na religião, vivendo primeiro no convento de S. Vicente de Fóra, e transferindo-se depois para Santa Cruz de Coimbra.

Pintou com vivas cores o enthusiasmo com que, inspirado pelo supplicio dos martyres de Marrocos, vestiu o borel dos franciscanos, com que se foi a Africa para prégar a fé e procurar o martyrio. Relatou como por enfermo houve de retroceder á peninsula hispanica, e como uma subita tempestade impellira o navio para as costas italianas, desembarcando Santo Antonio na Sicilia, e indo pouco depois assistir ao capitulo geral convocado por S. Francisco. Demorou-se o orador fallando d'este grande santo, fundador da ordem que frei Antonio procurára, e mostrou como no agiologio universal eram quasi inseparaveis o nome d'um e outro, porque, se S. Francisco não houvesse encarregado Santo Antonio de fazer uso da palavra, Santo Antonio não praticaria pela palavra os assombrosos milagres que praticou. Serviu-se o padre Estevão Rodrigues d'esta comparação: «Antonio, humilde como a terra, não sabia o ouro que a sua palavra continha. Quem disse aos rochedos da Adiça, que elles tinham entranhas de precioso metal? (1) Foi

(1) As minas da Adiça, ao sul do Tejo, eram já muito ce-

o mineiro; que a terra deixava-se calcar aos pés dos viandantes, como se em verdade fosse pobre. Antonio era como a terra; o fundador da sua ordem foi o mineiro. Extrahiu o ouro e, como era santo, fez d'elle mercê á universal cobiça.»

Feliciana chamou especialmente a attenção da sua querida menina para este ponto do discurso, por que não havia notado a circumstancia metaphoricamente referida pelo padre Estevão Rodrigues.

—E eu que me não lembrava de tal, quando pensava na amisade dos dois grandes santos! exclamou Feliciana.

—Nem eu! accrescentou Sara.

—Quem sabe, sabe! tornou Feliciana.

Acudiu o padre Estevão Rodrigues a contradizer o conceito de sabedor com que o honravam, e as suas palavras humildes e modestas como que despertaram uma geral reacção de applausos e encomios.

—Pois ámanhã, ponderou Feliciana, veremos o que toda essa gente diz por ahi do sermão. Não ha duvida nenhuma, que hão de gostar. E eu, para memoria da festa d'este anno, mandarei encommendar para Lisboa uma imagemsinha de S. Francisco para collocar os dois amigos no mesmo altar.

—Bem lembrado! disse o padre Estevão Rodrigues.

lebres no reinado de Affonso Henriques. Veja-se uma curiosa nota do sr. Innocencio Francisco da Silva ao segundo volume das *Maravilhas do genio do homem* de Amédée de Bast, traduzidas pelo sr. Matheus Luiz Coelho de Magalhães. Lisboa—1863.

—Olha que vais consumindo as tuas economias, que te podem ser precisas! observou Martim Lourenço.

—Qual! Os juros, se Deus Nosso Senhor quizer, hei de os receber em bençãos para a minha querida menina.

N'isto cuidaram todos ter ouvido bater á porta, mas, como ainda não houvessem expirado inteiramente as canções populares, ficaram de ouvido á escuta.

Bateram segunda vez.

A velha Feliciana pôz fóra da adufa a tremula cabeça e perguntou quem era.

—Pero Gomes, respondeu de baixo uma voz.

—Ah! exclamou significativamente o padre Estevão Rodrigues. É o noivo.

—E', affirmou Martim Lourenço. Só agora é que as suas trabalhosas occupações lhe deram provavelmente sueto. Vem vêr a noiva.

Apenas Sara nada disséra, e ficára de subito em maior tristeza.

Ah! que se ella podesse ser livre como as vozes das raparigas de Serpa, subiria com ellas, e voaria para onde quer que lhe fosse permittido viver como até ahi.

Mas... o destino das raparigas do povo era cantar; o d'ella era chorar as lagrimas que estão conglobadas n'este livro.

X

A visita de Pero Gomes não foi essa noite mais significativa do que o costume.

Continuava a estar dominado pela paixão-idéa, fogo-fatuo do estio do coração, que nada tem que vêr com as doçuras balsamicas da verdadeira primavera do amor.

Não era idillio o que se lhe passava na alma; era allucinação.

Entre a paixão-idéa e a paixão-sentimento vai a grande differença que ha entre o meteoro e o luar.

Um radioso, mas breve: brilha e passa; o outro tem a claridade suave e persistente das noites formosissimas de maio: allumia e não inflamma.

E' preciso, quando a flôr da sensibilidade quer desabrochar dentro em nós, que desçamos ao in-

terior de nós mesmos para nos conhecermos antes de nos revelarmos.

Uma mentira do coração, deixem-nos assim dizer, póde aniquilar a felicidade, e porventura a existencia da pessoa a quem mentimos.

Importa não acreditar inteiramente as primeiras delicias do sonho; appellemos para a realidade; se ella fôr digna do sonho, sonhemos; mas se o despertar desdisser do que sonhamos, procuremos afastar da imaginação as visões que nos allucinavam.

Poder-nos-hão objectar os sabidos em physiologia que a violencia ou a amenidade de todos os nossos actos intellectuaes e moraes depende da influencia do nosso temperamento.

Certo é que se correspondem por via de regra as duas individualidades que ha em cada homem; que não andam corpo e alma tão separados, apesar de hecterogeneos, que possam viver independentes.

Mas, assim como a medicina consegue modificar, senão dominar, as rebeldias dos mais irasciveis temperamentos, convem que o homem, pelo estudo de si mesmo, se applique uma therapeutica que possa até certo ponto attenuar as nocivas consequencias da sua estructura moral; que em proveito proprio observe aquella salutar *Hygiene da alma* que o barão de Finchtersleben escreveu e recommendou para uso da humanidade afflicta.

Todavia, para cada um se estudar, como para cada um se medicar, convem descanço e paz.

O doente do corpo recolhe-se ao leito; o doente da alma deve recolher-se a si mesmo.

Muito ao contrario, o ovençal Pero Gomes, embrenhado nas mil occupações do seu cargo, não podia ou não queria dispôr do tempo preciso para concentrar-se; continuava a suppôr-se irremediavelmente namorado, como um doente de scisma, sempre que tem um instante de recolhimento, teima em presumir-se victima dos seus phantasticos padecimentos.

Não assim a scismadora noiva, a meiga Sara, para quem a intuscepção era um estado habitual.

Essa conhecia-se, lia na sua alma, fallava-se, ouvia-se, finalmente,—possuia-se.

Não ouvia dentro de si mesma a voz alviçareira de futura felicidade. Não havia semeado no seu coração as alegrias de que brotam as flores da sensibilidade. Como havia de colher, ella, que não semeára? Como havia de ter flores, ella, que não tinha jardim? O mais que havia no seu coração eram... lagrimas.

Martim Lourenço, pae extremoso e, como arrependido de antigos desperdicios, preoccupado com o destino da filha, não raciocinava, como devera; era como estes doentes que estão anciosos pela aurora, só porque se lhes affigura que será menos dolorosa que o silencio da insomnia.

Estava, porém, ali, n'essa noite, um espirito claro e justo, um homem costumado a martelar tranquillamente as suas idéas na vasta officina da meditação: era o padre Estevão Rodrigues. Mas esse, infelizmente, tivera desde os primeiros annos uma vida tão pouco mundana como a do santo cujo elogio o ouvimos recitar; quando outros procuram

lançar-se no turbilhão da mocidade, ao sabor de paixões infrenes, elle, como Fernando de Bulhões, trocára a familia pela solidão, a febre dos sentidos pela quietação da alma.

Fôra-lhe sempre o amor (entenda-se o amor que não tem que vêr com as doces ligações de familia) um sentimento extranho. Como havia de conhecel-o agora, quando a velhice, mais que nunca, o distanciava do mundo a que fugira sempre?

Não podia avaliar as alegrias do noivado quem nunca as desejára nem siquer phantasiára.

Presumia vel-as Martim Lourenço, e mostrava-lh'as.

Elle acreditava-as, sem as conhecer, e por isso mesmo presumia vel-as tambem.

Feliciana, a velha aia, essa era a unica pessoa que ali conhecia a alma de Sara. Mas, como já sabemos, não queria lançar ella o pomo da discordia sobre a mesa preparada para o festim nupcial; nem amargurar a velhice desditosa do amo e desviar talvez um futuro risonho que esperava no novo lar a sua querida menina.

Assim foi que nenhuma influencia exerceu nos destinos da familia a visita do virtuoso padre Estevão Rodrigues e que, aprasado o casamento para breve, se demorára o sacerdote sob o tecto hospitaleiro, por expressa vontade de Martim Lourenço, para lançar aos noivos a benção sacramental.

Divulgou-se em Serpa o dia assignalado para as bodas, e o povo da localidade, procurando lisonjear um funccionario cuja tyrannia receiava, preparou danças para solemnisar a festa nupcial, como

era então costume, e como ainda hoje é, volvidos seculos, pelo menos nas provincias do norte.

Estava Feliciana toucando a noiva com manifesta melancolia, impropria do acto.

Bem quizera ella dissimular: não podia; queria andar ligeira: quebravam-se-lhe as forças.

A noiva não desdizia no semblante o abatimento da sua velha amiga: deixava-se toucar com a immobilidade authomatica d'um condemnado que estejam algemando para conduzil-o á forca.

Chegavam já as raparigas do povo, com as flores naturaes que n'esse tempo eram enfeite das noivas.

Certo é que os gregos e romanos possuiram o segredo de fazer flôres artificiaes, e de aromatisal-as até.

Todavia na Europa moderna apenas se generalisou o uso das flores contrafeitas do seculo XIV em diante, mas, ainda assim, unicamente para adorno dos tumulos e dos leitos; só no seculo immediato foi que da Italia derivou o costume de ornamentar com ellas os vestidos.

—Estão as raparigas á porta com as flores!—exclamou Feliciana procurando dar um falso tom alegre á phisionomia e á voz.

—Com as flores! repetiu quasi machinalmente Sara.

—Sim, com as flores para o noivado. Deveis sahir a recebel-as.

Então, como se de repente entrasse nos verdadeiros dominios da realidade, e lhe sentisse em cheio no peito o pesado embate, como o choque d'um ariete, respondeu Sara:

—E as minhas lagrimas quem m'as recebe?

—As vossas lagrimas, minha querida menina Sara! acudiu meigamente Feliciana. Tomai tento, louquinha, que sois noiva!

—Sou noiva, e choro!...

—Olhai se vos escutam...

—Oh! que se todos soubessem a verdade, se essas boas raparigas, que ahi estão, podessem vêr as lagrimas que eu agora tenho nos olhos!...

—Por Deus, e pelo nosso milagroso padre Santo Antonio tambem! tornou afflicta a velha criada. Não choreis mais, que poderão conhecer que chorastes... Não vedes como tenho ali enfeitada a benta imagem do nosso bem-aventurado protector?... Fiai da sua protecção mais que das vossas lagrimas... Não queiraes atormentar a alegria que n'este dia e n'esta hora está sentindo o coração de vosso pae, que tanto vos ama...

—Tens rasão, respondeu com submissão a noiva; tens rasão. Que Deus me proteja e o nosso padre Santo Antonio tambem...

—E ainda eu estou á espera da imagem do grande padre S. Francisco, que, como o nosso hospede disse, tanto contribuiu para a gloria de frei Antonio de Lisboa. Mal que chegue a imagem, porêmos a ambas no mesmo altar. Então é que o sr. padre Estevão Rodrigues ha de vêr o proveito que tirámos do seu sermão...

Sentiu-se rumor de passos, que se aproximavam.

Feliciana disse com precipitação:

—Vem gente; enxugai as lagrimas; que não vejam resquicios de pranto...

Quando Martim Lourenço bateu á porta do quarto da filha, já a menina estava preparada para recebel-o.

—Temos as casas cheias de raparigas, que te trazem flores! Queres recebel-as?

—Quero, meu pae, respondeu Sara.

D'ahi a instantes atravessavam os noivos os reflexos iriados d'uma chuva de petalas, e d'ahi a meia hora proferia o padre Estevão Rodrigues, na egreja de Serpa, as palavras sacramentaes do acto religioso.

XI

Escreveu o nosso elegantissimo D. Francisco Manuel:

«Eu considero dois amores entre a gente. O primeiro é aquelle commum affecto com que sem mais causa que sua propria violencia, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. O segundo é aquelle, com que proseguimos em amar o que tratamos, e conhecemos. O primeiro acaba na posse do que se desejou; o segundo começa n'ella: mas de tal sorte que nem sempre o primeiro engendra o segundo, nem sempre o segundo procede do primeiro.»

Philosophia verdadeira, clara, experimental, que nada tem que vêr com as theorias abstruzas d'uns sabios modernos, que não valem um dente do author da *Carta de guia de casados.*

Philosophia antiga, se quizerem, porque o coração é antigo, mas tão segura, que todos os dias se comprova.

O primeiro anno de noivado foi em casa de Pero Gomes antecipado testemunho da verdade que D. Francisco Manuel havia de escrever seculos depois.

Já sabemos que o amor do ovençal era dos que esfriam com a posse,—e elle um dos que não sabem o que amam, nem o porque amam.

Sara continuava a ser anjo—triste como os anjos expatriados—mas Pero Gomes, em cujo peito a chamma ia decrescendo, não procurava a doce sombra das suas azas, e começava a introduzir na familia o despotismo, que não dá explicações do seu procedimento nem tem palavras de bondade para quem se lhe curva obediente e resignado.

Martim Lourenço fiára do tempo o sazonar do coração do genro. Já dissémos que fazia mal, e fez. Dil-o a philosophia domestica de D. Francisco Manuel, e provam-n'o os factos.

Conhecia o velho mercador o desapêgo do genro á filha, mas não tinha coragem de se lamentar na presença de Sara, nem Sara a affoutesa de se queixar na presença do pae.

Encaravam-se tristemente, e fallavam pouco. Pae e filha como que se arreceiavam um do outro ; temiam, para assim dizer, a explosão da magua commum.

Pero Gomes, a pretexto das suas diarias canceiras, estava pouco em casa ; Martim Lourenço desacommodava a sua velhice para fazer silenciosa companhia á filha.

Foram rodando lentamente os dias n'essa tris-

tesa sombria, que é muito mais dolorosa que a verdadeira desgraça.

Martim Lourenço teve tempo de meditar na tegueira do seu amor paterno, e começou a colhêr espinhos onde havia semeado esperanças.

Ainda não era porém inteiramente escura a sua alma, porque de longe a longe uma idéa consoladora rareava as trévas interiores.

Sara ia ser mãe.

Quando ella depositasse n'um berço um fragmento da sua vida, e dissesse ao marido: «É teu,» talvez que os vagidos da creança avisassem o pae de que o seu logar era ao pé do berço.

O pae é a força; ora sendo a creança o ente mais fragil do mundo, convem que a força o proteja.

A mãe é o beijo, o coração, o amor: quer beijar, amar; torna-se ainda mais fraca do que o é por naturesa.

Portanto, tu, pae, homem, valor, operario, baluarte, defende as tuas captivas, guarda as tuas prisioneiras, protege a vida que principia, e a vida que se dividiu,—ambas debeis, uma porque póde pouco, a outra porque do seu pouco repartiu ainda.

Esta solemne voz, solemne porque é a da virtude, do bem, do justo, do nobre, não a quiz ouvir Pero Gomes, a quem o avô apresentou o neto, sem que o pae lh'o tomasse dos braços nem dissesse mais que duas palavras: É bonito.

Martim Lourenço quizera morrer ali, mas a necessidade é ás vezes um braço de ferro que soccorre todas as fraquesas, e aquella creança precisava d'um homem que velasse por ella.

O pae não queria aceitar a responsabilidade que lhe cabia; a cabeça nevada do avô inclinou-se perante os funestos resultados da sua obra, e vergou ao peso dos duplos encargos de avô e de pae.

Mas, desde esse momento, Martim Lourenço ficou inteiramente desilludido.

Calou-se, recolheu-se á sua dôr, como até ahi, mas, quando via a creança sorrir no berço, tinha um grande desafogo: chorava.

Havia começado o anno de 1245 e no meio de tamanhas tristesas vieram surprehendel-o as noticias que o irmão lhe mandava do Porto.

Guiomar ia recolher á casa paterna, acompanhada por um leal empregado do tio, que, arrastado pela seducção d'uma parte da nobresa, estava envolvido nos acontecimentos politicos que terminaram pela deposição de Sancho II.

O irmão de Martim Lourenço era pelo rei; estava alistado nas fileiras que obedeciam á voz de Martim Gil de Soverosa, o *bom*.

No campo contrario recrutavam partido Abril Peres e Rodrigo Sanches, dois barões de nascimento illustre.

A nobresa estava pois dividida; e a burguezia obedecia á influencia superior, dividindo-se tambem.

Os que defendiam o rei, queixavam-se do despotismo com que a nobresa contraria aggredia a authoridade soberana.

Contavam-se então as proezas escandalosas d'alguns senhores poderosos.

De Estevão Peres de Molnes, que tinha uma honra no julgado de Faria, no logar de Cacavellos,

dizia-se que prendera um mordomo que entrára a cobrar os direitos reaes, e que, estendendo por onde queria os limites da propriedade, significava ao mordomo que tudo lhe pertencia, dizendo-lhe: *Cá por aqui é honra,* acabando por matal-o.

No logar de S. Mamede, freguezia de S. Martinho de Faiões, os *filhos d'algo* haviam prohibido que entrasse modomo a fazer cobrança.

Estes factos e outros muitos indignavam os parciaes d'el-rei; os contrarios accusavam Sancho de indolencia, inepcia, e cegueira moral.

Tal era, em poucas palavras, o estado geral do paiz reflectido na pequena peripheria do Porto.

O tio de Guiomar dava a entender ao irmão que os dois partidos portuenses viriam fatalmente ás mãos, e que elle se empenharia ardentemente na lucta.

Portanto achava justo pôr a sobrinha em logar seguro, a coberto da protecção paterna, sendo que logo que serenassem as parcialidades elle reclamaria a sua companhia, de que maguadamente se privava.

O que é certo é que, pouco depois do regresso de Guiomar á casa paterna, se encontraram armados em Gaya os fidalgos portuenses, auxiliados pelos seus sequazes, e travaram rijo combate.

O leitor encontrará noticia d'este recontro no tomo segundo da *Historia de Portugal,* do sr. Alexandre Herculano.

Coube a victoria á hoste de Martim Gil; Abril Peres e Rodrigues Sanches, os descontentes do rei, pereceram na batalha.

Todavia, entre os que pereceram, muitos eram dos affeiçoados a Sancho, e n'esse numero entrou o irmão de Martim Lourenço.

Dir-se-ia que a sua carta era um presentimento.

A victoria de Martim Gil, o *bom*, exasperou os vencidos, que, depois de amortalharem os cadaveres dos chefes que perderam, tiraram crua vingança dos vencedores.

Á casa do tio de Guiomar, que a morte do dono tinha deixado fechada, entraram elles em chusma, saqueando e roubando quanto encontraram.

Martim Gil de Soverosa teve de sahir á rua com a sua gente para obstar a que fosse mais longe o furor dos vencidos.

D. Sancho, inquieto com a agitação do paiz, mórmente com os acontecimentos do Porto, quiz vêr se com a sua presença aquietava os animos, e em abril foi áquella cidade, acompanhado pelo seu velho amigo, Martim Martins, mestre do Templo.

Nada fez.

Os acontecimentos foram proseguindo com o mesmo tenebroso aspecto, e só tres annos depois, em janeiro de 1248, a morte de Sancho serenou a magua dos que preferiam vel-o morto a vel-o deposto.

E já que veio á tela a morte de Sancho II, porque o seguimento da narrativa o exigiu, abstendo-nos de considerações politicas que desquadrariam em livro de bibliotheca religiosa, reproduziremos todavia, por entender que a propria indole da publicação o pede, a velha legenda portugueza da lealdade de Martim de Freitas.

É a lealdade um sentimento cuja respeitabilidade merece ser honrada em livro que, tanto quanto podemos e sabemos, procura ser util e são.

Martim de Freitas havia recebido da mão de D. Sancho II as chaves do castello de Coimbra.

O conde de Bolonha, subido ao throno, intimou-lhe a entrega do castello.

Martim de Freitas, que havia prestado juramento de inquebrantavel lealdade ao rei deposto, deixou-se cercar, para não faltar á fé jurada, dentro das muralhas que tinham de ser glorioso e eterno pedestal do seu nome entre portuguezes amantes da patria e da honra.

Morto D. Sancho, Martim de Freitas obteve seguro para atravessar o cêrco, foi-se a Toledo, abriu o tumulo do rei, certificou-se da morte sentindo nas mãos a frialdade do cadaver, fez menção de lhe restituir as chaves do castello, e voltou a Coimbra a entregal-as a D. Affonso III, que invejára para o seu exercito guerreiros d'aquella tempera, e que ficára assombrado de lealdade que só perante a morte se rendia.

Facto ou legenda, Martim de Freitas é uma epopea.

Recolhamo-nos, porém, da historia d'um paiz ao estreito quadro da vida d'uma familia, e digamos que, pouco depois da chegada da famosa Guiomar a Serpa, chegaram quasi ao mesmo tempo duas noticias: a da morte do tio. e a da perda total de seus bens.

XII

Martim Lourenço dir-se-ia fulminado de mortal angustia.

Ha dores que paralysam todos os movimentos, tamanhas são ellas, e como o coração é o movimento de que depende a vida, parece que morre em nós o coração, porque deixamos de existir temporariamente...

Quando Martim Lourenço viu Guiomar, como que se sentiu reposto nos tormentos da pobresa, que elle havia esquecido ao contemplar tristemente o neto que sorria no berço, e Sara que meditava ao pé do berço.

Só se comprehende a poesia do soffrimento á medida que essa poesia se vai diluindo em lagrimas. A menor contrariedade nos afflige, e julgamos que, porque soffremos hontem, somos incompara-

velmente infelizes. A imaginação cerrou-nos tenebroso horisonte em derredor da alma. Chegámos a crêr que ninguem soffre tanto. E... deixamos passar despercebido o que no soffrer ha de divino, de purificador, direi até—de doce.

Mas o dia d'hoje abriu para nós manhã de maiores tribulações.

Hontem opprimia-nos, por exemplo, uma dôr transitoria; hoje opprime-nos uma dôr perpetua. Hontem era o fugitivo; hoje é o irreparavel. Hontem era talvez a auzencia; hoje é a morte. Hontem estavamos a braços com a saudade; hoje estacamos perante a eternidade.

É então, é hoje apenas, que nós começamos a comprehender a suave poesia da magua que hontem soffremos.

Com ardente decisão nos tornariamos ao dia de hontem, se isso fôra possivel, mais ás suas tribulações.

O passado, que se nos affigurára sombrio e tempestuoso, entremostra-se-nos, a distancia que não podêmos vencer, como que aureolado de côres celestes.

A tréva, a cerração, a tempestade é a angustia d'hoje, parece-nos, é a grande dôr que nos estava reservada para as vinte e quatro horas que vão correndo.

E... ámanhã?

O ámanhã será para hoje, o que hoje foi para hontem,—mais um grau a subir na escala dos soffrimentos, mais uma pagina a accrescentar na immensa epopea dos martyrios obscuros.

Não deviamos pensar no *hoje* senão para o atravessarmos resignadamente, e no ámanhã senão para o esperarmos abroquelados como para combate, que se hade travar.

O que devia ser o nosso pensamento, e ao mesmo passo a nossa consolação, a esperança, o allivio, a medicina da alma, não era o hontem, que passou, o hoje, que está passando, o ámanhã, que se irá tambem sumir na voragem do tempo, mas sim o dia da paz, a hora do resgate,—não o passado, nem o presente, nem o futuro, porque o futuro acaba onde a eternidade começa, mas o eterno, o que principia quando tudo termina.

Desde pequenos nos ensinaram porém a olhar a morte como se fôra uma lei despotica imposta sobre a cabeça da humanidade inteira.

Erro fatal, que nos não livra da morte, e nos atormenta a vida!

Deus não é tyranno, é pae; não é castigo, é perdão; não é despotismo, é amor.

A linguagem da morte,—da morte que se solemnisa no templo com flores e hymnos, embora no lar se celébre com lagrimas,—não é a sentença que condemna ao aniquilamento eterno, mas a voz amiga que, depois d'um dia de trabalho, nos convida ao repouso e ao premio.

Vista-se a morte de preto, não porque seja horrivel, mas porque é saudosa; conheça-se, saiba-se, entenda-se porém que, debaixo da escomilha do lucto, apparecerá, rasgado o involucro, o anjo auriluzente da liberdade, do amor, da bemaventurança, emfim.

Este pensamento, se o tinha, devia ser a maxima consolação de Martim Lourenço, quando, após a chegada de Guiomar, recebeu a noticia da morte do irmão simultanea com a da perda dos bens, e cahiu, verdadeiramente fulminado, como já dissémos, no leito da agonia.

Era que o hoje, quer dizer, o desamparo de uma filha ao pé da infelicidade d'outra, que velava um berço, era muito maior tormento que o hontem, isto é, que a ausencia d'uma e o destino da outra.

Enfermou pois o attribulado ancião.

Era notavel o contraste que a aurora de cada dia mostrava de portas a dentro, n'aquella casa.

O avô no leito; o neto no berço; d'um lado o occaso, do outro a aurora e, interposto a estes dois fogos, ambos pallidos, um porque se extingue, o outro porque se accende,—collocada entre estes dois extremos, o alpha e o ómega da vida, Feliciana, a velha criada, quasi paralytica, repartindo sorrisos com o berço e com o seu oratorio, presa ainda ao mundo por um tenue fio que a creança apertava na mão, e que se podia quebrar d'um momento para outro...

Ao berço e ao leito, uma sentinella a cada um: Guiomar ao pé do leito; Sara á beira do berço.

Havia, n'aquella casa, a desempenhar uma dupla tarefa d'amor: era preciso dividirem-se os corações e os braços: os corações, para aquecerem a velhice, que é fria, e a infancia, que é debil; os braços para ampararem duas creanças,—uma que tinha cahido, outra que mal se podia levantar ainda.

E entre estes dois corações e estes dois esteios

medeava a velha Feliciana aquecendo-se aos reflexos d'amor que se cruzavam, um á procura dos cabellos brancos, outro á procura dos cabellos loiros, e que, ao cruzarem-se, se confundiam n'um só...

Mas—pergunta o leitor—está completa a familia?

Não está, respondo eu. Antes estivera.

Se este fôra o quadro, não seria quadro, mas poema, divinal illiada d'affectos e branduras, entre as quaes grande felicidade seria o morrer, como Martim Lourenço.

O morrer devia de ser então um verdadeiro transitar, por cima de flores, da paz para a paz, do leito para a sepultura, porque a serenidade do morrer duplica muitas vezes a felicidade da morte.

Não estava completo o quadro.

Reparamos apenas na luz; esquecemos a sombra.

Entramos no paraiso, e não procuramos a tentação, o crime,—o aspide que se esconde nos rozaes, o veneno que empeçonha as flores.

Pois tudo isso era Pero Gomes n'aquelle quadro.

Alma de fogo, devia levar o incendio a toda a parte, porque não parava um instante para atabafar, durante a violenta carreira, as chammas que lhe devoravam a alma.

Que estava elle ali a fazer, onde tudo era amor, dedicação, carinho?

Prendia-o o berço do filho, a enfermidade do sogro ou a meiga submissão da esposa?

Nada d'isso.

Emquanto Guiomar amparava nos braços o pae,

que sentia no peito a oppressão das grandes dôres, Pero Gomes, que ficara surprehendido de vel-a tão formosa, muito mais do que lh'o haviam dito, começava a contemplal-a com olhares faiscantes de loucura amorosa.

XIII

Era uma horrivel verdade: Pero Gomes estava fascinado da formosura de Guiomar.

Borboleta no espirito e no coração, doidejava como as borboletas; folha arrastada no vendaval das paixões, redemoinhava como as folhas soltas; alma obcecada pela propria demencia, errava como os cégos que recusam o braço amigo d'um companheiro dedicado.

Á medida que rodavam os dias, crescia n'elle a exaltação que a bellesa de Guiomar incendia. Já sabemos como no seu coração eram violentas e rapidas as sensações. Vimol-o quando convictamente se reputava vencido da meiga candura de Sara. Devemos imaginal-o abrasado no mesmo fogo em presença de Guiomar, sendo certo que, como já no principio d'este livro observámos, a formosura, que os antigos poetas compararam á rosa,—a rainha

das flores—costuma deslumbrar pela graça dos contornos, pela harmonia das linhas, pela opulencia do colorido, finalmente, pela riquesa soberana de suas galas e tintas.

A bondade, a doçura, tudo quanto havia em Sara, é o perfume da alma, e, para os que só olham á superficie das coisas, mais fascina o carmim das petalas do que as exhalações aromaticas, que se evaporam, ao passo que a bellesa exterior leva tempo a consumir-se, tal como a das estatuas.

São os sentimentos a essencia da alma, como o perfume parece ser quanto na flôr ha de sensivel, vivente e delicado, e assim é que os corações que sentem e as flores que rescendem como que se vão dissipando em parcellas de sensibilidade e aroma.

Tal era Sara.

Em derredor do berço de seu filho punha ella os floridos cuidados do amor materno, orvalhados de lagrimas, porque a solidão do espirito é desconsoladora e pungente.

Era preciso estudal-a, comprehendel-a, amal-a, ali, ao pé do berço da creança loira e rosada, que o pae esquecia.

A bellesa de Guiomar não carecia de que a procurassem e estudassem; ella, radiosa como era, mostrava-se, impunha-se, lampejava aquelles aureos e purpureos reflexos dos quadros de Rubens, o grande colorista da alegria e da saude.

Renovadas estas reflexões, facil é o conjecturar-se a violencia com que Pero Gomes se deixaria arrastar na torrente de criminosos e torpes devaneios.

Sara, a esposa resignada, espreitou para dentro

da alma do marido e cuidou encontrar umas negruras, que lhe pozeram medo e horror.

Emquanto ia embalando a creança, que descuidosamente repousava no berço, figurava-se lances horriveis, e porventura impendentes, que, avultados pela sua imaginação delicada, disparavam na infelicidade d'uma familia inteira.

Que grandes, ardentes e profundas lagrimas não lhe rolavam dos olhos sobre a aceiada brancura do catresinho infantil!

Para logo fez tenção de occultar ao pae moribundo o segredo horrivel, mas a Guiomar era que ella desejava dizer que se precavesse contra a tentação que se estava forjando no seio do marido, e já lhe afuzilava nos olhos ao contemplar a descuidosa menina.

Mas com que direito havia de ir Sara infernar o coração da carinhosa enfermeira de seu pae, se ella nada mais fazia do que aplainar as escabrosidades da velhice no resvalar ao tumulo?

Todavia, a onda da angustia—porque a nossa alma é um oceano—tanto crescia dentro do peito, e de tal modo o encapellava no tormentoso fluxo e refluxo das lagrimas, que por indispensavel teve o abrir o segredo da desgraça provavel no seio d'alguem que lh'o entendesse, e, se podesse, a evitasse.

Quem havia de ser, em tão estreito lar, e tão dolorosa conjunctura?

Uma unica pessoa,—a velha Feliciana.

A confidencia, feita entre lagrimas, foi ouvida entre soluços e pranto.

Revelou Sara a atroz suspeita, e certificou a sua

annosa criada de que em nome da antiga e leal amisade, que as ligava, ousava revelal-a.

Feliciana respondeu:

—Prudentemente andastes, minha querida menina, em confiar-me o vosso segredo. Desde o berço vos conheço a ambas; ambas sois boas, dedicadas, ternas. Portanto, a amisade que vos ouviu, alguma coisa terá que vos responder. Eu vou esclarecer-me com o nosso bem-aventurado padre Santo Antonio, que d'ali se está sorrindo para mim, mais com o grande luzeiro da egreja, S. Francisco. Elles aconselharão a amisade, para que ella possa responder, porque tambem praticaram a amisade entre si, e porque frei Antonio a teve, e muito do fundo do coração, a trez companheiros seus, frei Filippe, frei Lucas, e frei Rogerio, como nos disse o sr. padre Estevão Rodrigues, quando cá esteve...

A velha Feliciana, que tinha a instrucção do seu tempo e da sua classe, contentava-se com as noticias biographicas que de Santo Antonio de Lisboa lhe facultava o padre Estevão Rodrigues, mas nós não desaproveitaremos o ensejo de dar a conhecer ao leitor um edificante exemplo d'amisade que em sua vida sustentou o thaumaturgo lisbonense com um portuguez considerado na côrte dos nossos primeiros reis.

O meu presado amigo e notavel bibliophilo, o sr. José Gomes Monteiro, encontrou n'uma collecção de raros manuscriptos a seguinte copia d'uma carta de Santo Antonio para o capellão da infanta D. Sancha em Alemquer, escripta em Roma no anno 1228:

«Senhor: A menga da letra bossa me ha doado grão cuita, non lo quera Deos seja per mansela; al aun que seja longo da bista, azinha se faz chegado a membrança porque a nacença póde munto; bem acordado sondes senhor do que quedamos em Coinvra que meentre o Senhor nos soteesse a bida non perderiamos a respondencia hum a oitro; non afago el porque de qual cabo que bou pesquizo saber de bôs. Agora me marteyra munto la morte de bossa boa Madre, mas da feição que dizedes lâ obe he para folgar, câ los que hão finamento tal non son para carpidos. O arrimo de bossas Irmanitas leixai a Deus que non sohe faltar a los bixinhos do lodo. Lo que Senhor mui devedes cuitar he do seu corregimento, que sejão tal sohião teer na duraçam da sua bida, e sabede ca quanto mas bibemos tanto bamos doando passos o cimenteiro e que para teermos entrãça no Paraizo, non se bai lâ por caminho folgado, si non pello trilhado de afan, e Deos nolo ensena assin; non ajades nojo que a Infanta mengue a cuitar de bôs ca sua mente non he mesquinha e a Deos dade as graças de todo.

«Em o bosso sacreficio non leixedes de cordarbos de mim, câ eu o non lo afago de bôs, athe nos bermos no paradeiro das angustas á bista de Deos.

Roma 10 de Mayo de 1228.

Fr. Antonio de Santa Cruz.»

O capellão da infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, princesa que depois da morte de seu pae se recolheu a Alemquer, e fundou o mosteiro de Cellas, é nomeado no manuscripto Gil Estevens. É de suppor, porém, que este nome seja corrupção

de Gil Estevão Annes, porque no *Elucidario* do padre Viterbo (palavra *Mansilha, mansela)* se lê o fragmento de outra carta escripta de Tolosa a Gil Annes, clerigo ou capellão da Infanta D. Sancha, assignada por fr. Antonio de la Vera Cruz ou de Santa Cruz, isto é, Santo Antonio de Lisboa.

Diz assim o fragmento:

«Nem vos esgaravizeis com a mansilha de vossos marteyros: bem mostrão serem mesquinhos; pois quando fagam cilada, som de gran campanha teudos.»

A substancia d'este fragmento parece ser aproximadamente a seguinte:

«Nem vos amofineis com a dôr dos vossos martyrios: bem mostram elles ser mesquinhos, porque, quando fazem cilada, acodem em chusma.»

É realmente formoso esse singelo dizer de Santo Antonio, tão repassado de nobre amisade, que se está, atravez da linguagem, vendo claramente a alma boa e pura do thaumaturgo lisbonense.

A phrase — . . . combinamos em Coimbra que emquanto o Senhor nos conservasse a vida não deixariamos de corresponder-nos um com o outro. . . —tem o cunho sagrado e venerando das celebradas dedicações do tempo antigo.

Feliciana ignorava esta pagina da biographia do seu santo dilecto, mas, por entranhada devoção, ia invocar o grande espirito que tão puramente comprehendia a amisade.

Acertadamente andou, porque era de amisade que se tratava.

Veremos como foi inspirada.

XIV

Mal que Feliciana ficou só, desenharam-se-lhe na phisionomia os traços sombrios e moveis que denunciam a concentração angustiosa.

Todo o lago, por mais serenas que se espelhem as aguas em remanços de crystal, arfa onduloso quando lhe arremessam ao seio um corpo extranho e pesado. Succedem-se as ondulações em circulos concentricos, que mais e mais se vão alargando, até que volve o lago á serenidade primitiva, e não fica da tempestadesinha mais que um floco de prata aqui, além, bordando a superficie.

São como os lagos as almas boas e crentes.

Cahira dentro da alma da velha Feliciana, com todo o peso das lagrimas que encerrava, a triste revelação de Sara. Seguiram-se á confidencia as oscillações do lago, quero dizer, a subita perturbação

do semblante, habitualmente risonho e placido. Encresparam-se as faces em vagas de sobresalto e dôr, que se desfizeram, quando a pobre mulher alçou os olhos á imagem radiosa do seu dilectissimo santo, e os desceu ao berço onde a creança dormia como que aureolada por um raio de sol, e depois os tornou a erguer á imagem, humidos e brilhantes de lagrimas, até que ficou alheiada em suspensão ascetica.

Quem a podesse vêr então, alvejantes os cabellos sob um lenço transparente, erguida a fronte macerada e pallida, retesadas as cordoveias do pescoço, a respiração quasi imperceptivel, immoveis as faces e os labios, e os olhos, scintillantes de extranho fulgor, fixamente postos no oratoriosinho, ladeado de vasos com flores e allúmiado por uma alampada de ferro!

Se a creança chorasse n'esse momento, não a ouviria; se lhe fallassem, não responderia, porque a sua alma havia subido em extasi até onde já não chegam vozes humanas nem eccos da terra.

Doce, preciosa, incomparavel liberdade a que a nossa alma tem de voejar para fóra do seu carcere, quando as alegrias e as dôres por igual lh'o tornam molesto, porque a alegria quer expandir-se e a dôr quer adormecer-se!

A nossa alma, como folha solta nos ares, vai subindo, subindo, atravessando um mundo de maravilhas, rasgando veus bordados de refulgentes lavores, inebriando-se á medida que sobe e em jubilos se derrama no seio de Deus...

Toda a naturesa tem então vozes para cantar a

grandesa divina. Fallam as estrellas, e as nuvens, e os altos pincaros das serras, e as aves que atravessam o ceu, e a nossa alma tem já subido tanto, que está a par das aves, logo a par das estrellas, e, sentindo já claramente a vizinhança de Deus, mais o deseja, e todavia ainda o não avista, porque Deus está mais alto, muito alto, acima de todos e de tudo...

Moysés, subindo ao topo do Sinai, escuta a voz extranha que lhe falla, mas, se os seus olhos procuram atravessar o mysterio, deslumbram-se nos fulgores que resplendem em sarça ardente.

Que voz póde ser essa, ao mesmo passo dulcificada por melodias incomparaveis e fortalecida por extranha magestade, que está desvelando á nossa alma segredos de felicidade ou consolações que ella desconhecia?

Já os homens, no seu tracto commum e egoista, souberam dizer tão doces palavras ou lograram ungir com tão proficuos balsamos as dôres alheias?

Não.

É que a nossa alma sahiu do seu ergastulo, dessoldou por um momento os grilhões que a prendiam á terra, e foi á procura do foco luminoso d'onde brotou, do mysterio donde deriva, da nuvem ardente que a deslumbra, como a Moysés, e que todavia não se rasga á sua vista para saciar-lhe a amorosissima ancia.

Vós, os que não credes na immortalidade de vós mesmos, o que pensaes de tão frequentes e extranhos raptos da vossa alma, absorta em jubilos desconhecidos?

Se tudo é terra e da terra, que limo vos está inebriando n'esse momento, que barro immundo e fragil tira por vós n'esses dulcissimos alheamentos, que fortalecem para novas dôres, e são como que verdejantes oazis no deserto arido e triste da vida?

Se tudo é terra, como póde o nosso ser, a nossa vontade, o que vós quizerdes que seja e eu chamo simplesmente alma, sahir para fóra da terra, por que a nós mesmos nos dizemos, quando tornamos em nós, e sahimos do extasi, que perdemos uma felicidade, que o mundo d'onde descemos não era o mundo onde habitamos, que se quebrou o encanto que nos teve suspensos em regiões ignotas?

Vede que a vossa propria linguagem vos trai!

Confessaes que vos esquecestes de vós mesmos. Então sahistes da terra que sois. É claro que Deus, o creador supremo, não podia estar a par da creatura. Certo é que sahistes de vós para Elle, como o mais ingrato filho, desvariado pelas paixões mundanas, entra uma vez por outra ao lar saudoso a beijar com alegres estremecimentos de coração a mão senil do pae, que lh'a estende, e perdoa.

Cruel ironia a da sciencia, que chama a estes vôos da nossa alma allucinações psychologicas, e doença á mais sublime liberdade que nos é dado gosar instantaneamente, porque attribue todas as allucinações a uma perturbação do cerebro, resultante de enfermidade physica ou moral!

E vêem então os medicos-philosophos fallar das allucinações de Socrates![1]

[1] Vêr, entre outros, o livro intitulado *Les médecins-philosophes contemporains* por Emmanuel Chauvet.

Allucinado, porque ouvia a voz mysteriosa, o *favor celeste*, como elle proprio lhe chamava, o *dom maravilhoso*, que jámais o desacompanhára desde a infancia!

Allucinado, porque fôra o primeiro dos grandes sabios da antiguidade a quem lampejára clara e verdadeira a idéa de Deus!

Allucinado, porque fôra o primeiro a fixar em Deus o ideial da virtude!

Allucinado, porque disse ao homem: *Conhece-te*, e á justiça: *Ensina a respeitar os outros*, e á piedade: *Reconhece e adora Deus*.

Allucinado, porque levantou a verdadeira philosophia,—esta perola do espirito,—do lodaçal fétido e sombrio onde os sophistas a haviam precipitado emquanto a mocidade grega lhes applaudia a facilidade com que do mesmo argumento tiravam illacções oppostas!

Allucinado, porque, bebendo a morte na cicuta, via entreluzir atravez das lobregas abobadas do carcere as desconhecidas auroras do dia eterno d'além tumulo!

Allucinado, porque disse á alma, até ahi escrava de sua ignorancia: «Alegra-te! és livre, porque és immortal!»

Allucinado, finalmente porque no seio de Deus repousou o grande espirito, que tinha allumiado o mundo!

Dirão então, ó minha pobre e boa Feliciana, que tambem tu estás allucinada, ahi, diante do teu oratorio, pedindo ao santo do teu amor, como se tu te fizesses comprehender sem fallar, e elle sem fallar

se fizesse ouvir,—a inspiração que ha de salvar porventura uma familia inteira, e, o que é mais, dar-lhe talvez a felicidade que ainda não teve completa.

Não, boa mulher, não é allucinação, é lucidez, porque, de contrario, tudo haverias esquecido no teu extasi e não clamarias com voz resoluta e discreta:

—Minha querida menina Guiomar, vinde para ao pé de mim, que estou anciosa de fallar-vos!...

XV

Acercou-se Guiomar da cadeira onde a velha Feliciana esperava, na quietação da senectude, morrer entre o seu oratorio e o berço — duas prisões amorosas que a conservavam no mundo, — e onde, como a seu tempo saberemos, veio a morrer.

Martim Lourenço havia cahido em somno. Só n'esses momentos era que a dedicada enfermeira o reputava tranquillo, porque o estar desperto era para elle o circumvagar olhares afflictivos pelas pessoas que o rodeavam, e cujo destino o inquietava.

Como se não aguçariam, porém, na lima do desespero as puas de tão lento soffrimento, se acaso elle devassasse as suspeitas que entenebreciam e confrangiam o animo de Sara!

Veremos, no decurso da narrativa, se porventura

a inspiração da velha Feliciana foi tão efficaz, que, sem aggravar novas dôres, conseguisse linimentar as antigas.

Pôde, pois, a enfermeira ausentar-se por breve tempo, sem que o doente, tranquillamente adormecido, quizesse saber o que Feliciana lhe estivera dizendo.

Parece que o ensejo se ageitou providencialmente.

O semblante de Feliciana estava sereno, e até risonho. O extasi aquietava-lhe corpo e alma; foi-lhe ao mesmo passo remedio e inspiração.

Conchegou meigamente Guiomar, que, surprehendida, a fitava muito em rosto, com a estupefacção propria da serenidade de consciencia. Feliciana sorriu-lhe para lhe incutir animo, e a amedrontada menina pôde então ouvil-a com menor alteração de phisionomia.

—Perdoai-me a impertinencia — disse sorrindo Feliciana,—mas casos ha em que é preciso a gente molestar as pessoas que estima...

—Assustas-me! exclamou de novo alvoroçada Guiomar.

—Não vos assusteis, minha querida menina, que não ha porque receiar quando o perigo se póde remover...

—Mas falla! dize...

—Que nos não oiçam; temos de fallar á puridade. Vêde que se vosso pae acordára, e ouvisse rumor de vozes, dezejaria saber o que estivemos dizendo. Ora pois! É de vossa familia, é de toda esta familia, que tambem é minha, porque a todos vos amo, que vos dezejo fallar...

—Estará acaso irremediavelmente aggravada a enfermidade de meu pae?

—Não podem os homens conjecturar o que ha de acontecer. Enfermo e velho está vosso pae, é certo, como eu que vol-o digo, mas nas mãos de Deus nos entregaremos sem desespero. Que vosso pae, minha querida menina Sara, é dos melhores christãos! Póde a morte affligil-o, por vêr que a todos vos deixa; desesperal-o não. É outro o caso. Escutai. Sabeis como se casou vossa irmã? perguntou Feliciana baixando a voz.

E Guiomar respondeu com a possivel discrição:

—Sei. Por obediencia, e com repugnancia.

—Isso mesmo. O sr. Pero Gomes cuidava-se namorado. Erro dos poucos annos. Não era amor; era febre. Acalmou a febre, e que ficou? Isto que vêdes. Vosso pae enfermo. Vossa irmã melancolica. A creança no berço. E o sr. Pero Gomes sempre arrédio e distraido, se bem que desde que vós chegastes pareça cortar um pouco mais por suas distracções e desacêrtos...

Isto disse Feliciana olhando com reservada fixidez em Guiomar, mas a menina, sem comprehender o verdadeiro sentido d'aquellas palavras, respondeu de prompto:

—Devo-lhe essa mercê. Ainda bem que ella aproveita a Sara, e a todos.

Feliciana replicou com vivacidade:

—Enganaes-vos, minha querida menina, desaproveita a todos...

—Não percebo!

—Pois achegai-vos mais de mim, e attendei. Bem

sabeis que o sr. Pero Gomes é subjeito a desvarios. Imaginai que a assistencia que está agora fazendo em casa, é mais um. Não o suspeitaes?

—Eu não!

—Tem-vos dito coisa d'onde deprehendesseis que ande alvoroçado de espirito?

—Nada; a mim não! Bem sabeis que não tenho tempo para ouvir longas praticas, senão para cuidar do meu doente. Só hontem, como a creança chorasse, acudi ao berço, e o sr. Pero Gomes tambem. Afaguei a creança; tambem elle. Levantei-a nos braços. Disse-me que me ficava bem a innocencia ao collo. Perguntei porque. Porque as graças se casam umas com outras, respondeu. Ri, e fui levar a creança á mãe...

—E elle? perguntou com anciedade Feliciana.

—Elle ficou-se.

—E, — affoitou-se Feliciana a perguntar, — não encontrastes peçonha n'essas extranhas palavras?

—Eu! Não extranhei. Cuidei que me queria pagar com encarecimentos a promptidão com que lhe acudi ao filho. Pois não era preciso galardoar-me. A creança é tão formosa...

—Benza-a Deus!...

—Que não ha porque agradecer o que se lhe faz. Pobre Sara! ainda bem que o Senhor lhe permittiu essa consolação!

—É horrivel! é horrivel! repetiu Feliciana. — E volveu olhos supplicantes á imagem de Santo Antonio.—Ó minha querida menina! cumpre que vos acauteleis sem perda de tempo...

—Acautelar!

—Sim, filha, sim, das intenções de vosso cunhado, que são desleaes a vosso respeito...

Guiomar ia talvez soltar uma exclamação de dolorosa surpresa, mas Feliciana, com agilidade que em outra qualquer occasião se diria incompativel com sua idade e doença, interrompeu-a com estas palavras:

—Já vejo que percebestes!

—Percebi! É incrivel! Eu nem siquer podia imaginar... respondeu Guiomar com tamanha commoção, que com difficuldade tirou a voz e nem com exforço logrou sustental-a.

—Ah! filha, é horrivel, mas não receis por vós, por vossa irmã, por ninguem, que temos por nós a protecção do nosso milagroso padre Santo Antonio. Elle, que a todos depara o perdido, ha de tambem restituir a esta casa a paz que todos precisamos. Estaes, pois, prevenida das intenções de vosso cunhado. Acautelai-vos, filha, conjurai com todas as forças de vossa alma a tempestade, que pésa sobre a cabeça de todos, e pelo mais descançae, que o mais, que é muito, que é tudo, o fará o meu rico padre Santo Antonio, que nos está ouvindo, e que me prometteu auxiliar-nos a todos...

Rebentaram grossas lagrimas nos olhos de Guiomar:

—Que desgraça vim eu então trazer a esta casa!

—Nenhuma.

Isto respondeu voz de pessoa que não se presumia ali.

Era de Sara.

Abraçaram-se phreneticamente as duas irmãs, e

n'esse amplexo cingiram a creança, que sorria innocentemente a uma e outra, á medida que o pranto rolava em perolas pelas faces d'ambas.

Feliciana parecia haver entrado em novo extasi, se bem que os olhos, em vez de se concentrarem no santuario, se fixassem n'aquelle formoso grupo feito, para assim dizer, de lagrimas de mulher e risos de creança.

—Nenhuma! repetiu Sara.

—Tens rasão, replicou com voz tremula de commoção Guiomar. Deus nos inspirará para evitarmos...

—E o milagroso padre Santo Antonio tambem! acudiu Feliciana, despertando do alheamento. Foi elle que me inspirou as palavras que vos disse...

XVI

As grandes surpresas no primeiro momento atordoam, no segundo renascem, porque é só então que recobramos animo para medir-lhes o alcance, e o mesmo é que renoval-as.

Assim aconteceu a Guiomar. Depois que as lagrimas, choradas nos braços da irmã e illuminadas pelos sorrisos da creança, lhe levaram ao seio o allivio que o orvalho da manhã deve verter na aridez da flôr crestada pelo sol da canicula, reentrou em si mesma, e redescendeu do alvoroço á reflexão, da primeira surpresa á segunda, deixem-me assim dizer, ou antes á renovação reflectida da primeira surpresa e do primeiro alvoroço.

Foi então que atravessou com o seu espirito as profundesas negras e horriveis, que as palavras de Feliciana rasgaram a seus olhos. Tinha-se-lhe cava-

do aos pés uma voragem, e, se ella resvalasse na ladeira do perigo, arrastaria após si uma familia inteira.

Resvalar! Não, que a sua alma era boa, e a virtude é uma força. Pesava-lhe todavia o ter de luctar, de resistir, de vencer, quando ella só desejava amar a sua familia, de quem por tanto tempo vivera ausente, amparar a agonia do pae, soccorrer a velhice de Feliciana, conchegar a infancia do sobrinho, respirar desopprimidamente, n'uma palavra, a doce atmosphera do lar, embalsamada das mais puras essencias do coração.

Mas n'um só momento se desilludira. Ali, á beira do leito do pae moribundo, onde tudo era sagrado, porque se purificava uma alma para subir á presença de Deus; ali, ao pé do berço d'uma creança, onde tudo era sacratissimo, porque se estava accendendo o fogo divino d'outra alma; ali, entre o amor e o dever, no inviolavel templo da familia, era agora o campo aberto para combate da tentação com a virtude, da paixão com a puresa, da loucura com a dignidade.

Era horrivel!

E quando ella mais carecia de forças, porque os braços do pae se iam desnervando dia a dia, uma voz amiga — a de Feliciana — dizia para dentro do seu coração: «Reparte as tuas forças de modo, que não te faltem para o amor e para o dever.»

Toda a resistencia é uma batalha.

No forte, que tem a consciencia da superioridade, tambem é molesta a necessidade de combater.

Guiomar estava n'este caso, já sabemos, mas, porque nunca suppozera tamanhos desvarios no coração humano, tinha horror de se vêr face a face com elles, como os caminheiros da fabula com a sphynge que propunha o conceito terrivel.

Entretanto...

Descuidosa das tempestades que pairavam sobre o seu catresinho alvejante de rendas, fluctuante na primeira onda da vida, como o berço de Moysés na corrente do Nilo, sorria a creança auroras d'innocencia sempre que descerrava os labios carminados...

A mãe, crente de ter removido a desgraça imminente e inteiramente confiada na puresa da irmã, abancou á beira do berço, costurando no enxovalsinho, que todos os dias augmentava, resignada e silenciosa, emquanto a creança, repellindo com vigor a roupa do catre, descobria a casta nudez da sua carnação rosea e assetinada.

Disse Castilho: «É uma grande pena que não saibam as creanças escrever, e não registem, para depois as lerem, as suas memorias...»

Grande pena, em verdade!

Se aquella creança soubera escrever, engastaria com a graça natural do seu estylo, em paginas brilhantes de sentimento, as lagrimas que chorara a mãe desde que o contemplal-a pela primeira vez lh'as trouxera aos olhos amortecidos.

Que longo fio de perolas não seria esse!

Uma creança! uma creança!

Quantos paes, como o desvairado Pero Gomes, não comprehendem a significação d'essa palavra

que encerra em si o futuro, e que vale tanto como a humanidade inteira!

Ha lá nada maior e mais precioso, e ao mesmo tempo mais fragil e mais pequeno!

Folha arrancada d'um tronco, volita nos ares á mercê da viração, ás vezes para muito longe, até rolar ao sorvedouro commum...

Pollen da vida, vai, como o das palmeiras, levar ao seu destino as raizes da nova familia, o germen do futuro, a alma da sociedade porvindoura.

Aquelle pequenino coração, que faz lembrar as pulsações d'um canario, ha de ámanhã traduzir-se em sentimentos nobres ou mesquinhos, em acções heroicas ou miseraveis, em oiro ou em lixo, e o que elle pulsar ha de a humanidade sentil-o.

O pequenino cerebro que palpita dentro do craneo melindroso como vidro, volver-se-ha officina d'onde saiam trabalhadas ámanhã as doutrinas generosas da justiça, da moral, da religião, do bello, do grande, do bem ou então as theorias perversas da corrupção, do despotismo, do peculato, do incendio, do morticinio, dos crimes horriveis e estupendos attribuidos na historia d'ámanhã ás creanças d'hontem.

Mas, se o tronco sôlta a folha que de si brotou, se a palmeira saccode aos quatro ventos do céu o pó fecundante que em si continha, o homem, a cabeça que pensa, o coração que sente, a vontade que vence, não póde, sem alienar as faculdades da sua naturesa, atirar para dentro d'um berço, ao acaso, como se lança á terra a materia pôdre e morta,—a alma que desabrocha n'um corpo fragil,

o esboço das gerações por vir, o quebradiço molde onde se hão de vasar talvez as tendencias d'um seculo—ou, quando menos, d'uma familia inteira.

Aqui está o que póde haver, e ha effectivamente, de grande na creança, de sublime, de respeitavel, de santo.

É o anverso da medalha.

Por outro lado, tudo é tão melindroso, e debil, e delicado n'um corposinho infantil, cuja vida se póde aniquilar com a extremidade d'um dedo, que na sua innocencia e fraquesa se está impondo á nossa piedade, como um passarinho que treme de frio, e tambem não sabe queixar-se.

Até o reverso da medalha é commovente!

Ora se a creança soubesse escrever as memorias da sua educação, desde o nascimento ao collegio, as recordações das lagrimas que por ella choraram, dos sorrisos com que a receberam ou dos espinhos com que desde o primeiro dia lhe cravejaram o berço, ficaria escripta a mais salutar lição que a moral e a justiça requerem para governo d'homens.

Se o filho de Pero Gomes vivesse hoje, e se por um verdadeiro phenomeno psycologico tivesse clara reminiscencia das impressões da infancia, seria elle o primeiro a escrever no alto d'estas paginas o titulo de—*Livro das lagrimas*.

Era que, dado o caso phenomenico, elle havia de lembrar-se de ter visto todos os dias sentada a mãe á beira do berço.

Narrêmos.

Martim Lourenço, mal despertou do breve, posto que tranquillo, somno, clamou logo por Guiomar,

porque a sua dôr era tamanha, que um moribundo precisava de repartil-a com alguem.

A Sara não queria elle desviar de ao pé da creança, que não tinha outro amparo no mundo, e, sempre que ella acudia solicita a ministrar-lhe a poção ou a ageitar-lhe o corpo, replicava elle, desde que a doença o tinha algemado ao leito: «Vai, filha, cuidar do futuro; tua irmã cuidará do passado.»

Allusão ao neto e a si.

Achegou-se Guiomar do leito, e amparou-lhe a cabeça, que elle queria levantar.

Assim esteve o doente, com os olhos postos na immobilidade dos tristes, até que o rumor d'uma porta, que se abria, o obrigou a erguer vagarosamente a vista.

Entrava Pero Gomes.

XVII

Aproximou-se o ovençal do leito do enfermo, e, depois de compôr ligeiramente o semblante, de modo a mostrar-se condoido, sorriu á enfermeira, que pôz os olhos no chão com branda dignidade.

A presença de Pero Gomes tornára-se visivelmente molesta ao doente. O vel-o era aggravar uma dôr irremediavel, presentir desgraças que sobreviriam no futuro, porventura maiores e tremendas, lastimar, sem remedio e Cyreneu, a mãe e o filho, por igual desamparados.

Martim Lourenço tinha clara idéa do seu perigoso estado, e a presença do genro devia certamente incutir-lhe o desespero de quem sente deslaçarem-se as fibras do organismo, sendo impossivel o empenho de reatal-as para arrostar novos trabalhos e fadigas, indispensaveis á felicidade de pessoas queridas.

A sua dôr chegára ao extremo de, sempre que podia, obstar a que lhe apresentassem o neto. Se o ouvia chorar, cahia desalentado contra o espaldar do leito, oppressa a respiração, até que ao cansaço succedia o somno, unico repoiso do seu espirito sempre attribulado e inquieto.

Após o breve silencio que, ao entrar-se no quarto d'um doente parece ser espontaneo testimunho de respeito pelos que soffrem, dissera Pero Gomes, apostrophando Guiomar:

—Dormiu o nosso doente?

Martim Lourenço antecipou a resposta, meneando affirmativamente a cabeça, sem levantar a vista.

—Se quereis, proseguiu Pero Gomes dirigindo-se á cunhada—eu vos substituirei no encargo de amparar o doente. Os vossos braços tão delicados são, que devem de estar fatigados...

—Cansado vindes, certamente, e eu repoisada estou.

Isto respondeu Guiomar com tão solemne altivez, que o ovençal estremeceu como saccudido por mão invisivel.

Para elle,—de sobra lhe conhecemos a indole,—era a resistencia um incentivo de lucta.

As almas moldadas na cera da brandura recebem o choque da resistencia, e deixam-se modelar pela mão que resiste.

São humildes, doces, maviosas; não teem vontade propria e deixam-se guiar, como o cordeiro submisso, pela vontade alheia.

Differem diametralmente os animos rijos, orgulhosos e levianos. Querer subjeital-os, é esporeal-os

á rebeldia. Mostrar-lhes o caminho do dever, recto e suave, o mesmo é que vel-os despenharem-se pelas escabrosidades dos alcantis marginaes, só para evitarem uma obediencia, que lhes seria salutar.

Guiomar enganava-se conjecturando que a dignidade seria, para vencer Pero Gomes, o mais efficaz de todos os meios.

A composta altivez que é, para assim dizer, a mais cathegorica manifestação da honra, do decoro, da authoridade moral das pessoas briosas, accendia no espirito do ovençal os mais vorazes e loucos incendios da vaidade impertinente.

Requerem os genios similhantes ao de Pero Gomes que os lisongeiem para vencel-os.

Teem o que quer que seja de inflammavel, e a menor centelha provoca n'elles uma combustão violenta.

Todavia a alma de Guiomar, forte e pura, firmava-se resolutamente no esteio da honra, consoante a virtude lh'o ensinava, a ella inexperiente da variedade de genios e temperamentos.

Entrementes viera o chôro da creança quebrar o respeitoso silencio, sob o qual, permitta-se-nos a expressão, fluctuavam sentimentos oppostos e variados, e logo a voz carinhosa de Sara, alteando-se docemente, acudira a amimar o filho lacrimoso.

Martim Lourenço, absorto na morbida tristesa de seus pensamentos, despertou sobresaltado mal que lhe chegaram aos ouvidos os queixumes do neto e, aprumando-se d'um golpe, apesar da fraquesa dos seus membros, relanceou ao genro um olhar vidrado, estendeu o braço para Guiomar, como se

pedisse auxilio, e, descorando até á pallidez terrena, cahiu n'uma das frequentes syncopes qae o acommettiam.

Guiomar vibrou simultaneamente um grito dolorosissimo, não obstante Pero Gomes pedir silencio com um gesto rapido, como se quizesse significar que o desmaio seria breve, e Sara, com o filho ao collo, acudiu pressurosa, afflictivamente alterado o semblante.

Foi solemnissimo esse ligeiro drama intimo traduzido em angustiosa mudez ao redor do catre de Martim Lourenço.

A creança, ainda emperladas as faces, emmudecera subitamente, como se comprehendesse a angustia vasada n'aquelle grito, e Feliciana, arquejante e pallida, aguardava com impaciencia a aproximação d'alguem, que lhe dissesse o que se passára, cravando ávidos olhos na porta que devia abrir-se.

As duas irmãs, docemente carinhosas, soccorreram o pae, amparando-o, e aspergindo-lhe as faces e a fronte com agua fria.

Pero Gomes empedrou na difficil conjunctura de quem se reconhece extranho, não só por ser de mais no grupo, como por estar absorto em pensamentos alheios á realidade em acção.

Tornou em si Martim Lourenço muito quebrantado de forças e demudado de semblante.

Á maneira que se foram aclarando os sentidos, accentuaram-se as linhas da phisionomia, até ahi alteradas, e Martim Lourenço circumvagou ás filhas um olhar ternamente affectuoso.

Como, porém, encarasse no neto, demorou-se um

instante a contemplal-o, e depois cerrou as palpebras.

Sara comprehendeu-o, e sahiu com a creança.

Assim era que Martim Lourenço concorria, sem o suspeitar siquer, para apressar acontecimentos, que só a mão da Providencia podia suster.

Pero Gomes, já inteiramente accordado o sogro, e enviezando á cunhada um olhar reservado, que deslisou ao chão, porque ella o evitou, disse abeirando-se do catre:

—Pois que tornastes em vós, ouvi-me o alvitre que vinha propor-vos, sr. Martim Lourenço. Na *aldêa* de Fernão Fernandes (1), a melhor de todo este árido Alemtejo, ha maior capacidade, e mais conveniente socego, para o tractamento de vossa enfermidade. Será facil e commodo o transporte. Iremos depois de sésta, se não oppozerdes contrariedade...

Martim Lourenço estava de tal modo maguado com o desamoravel procedimento do genro, que esse extranho convite como que subitamente lhe acalentou a alma quazi arrefecida nos gelos da morte.

A sua boa fé, e o abatimento das suas faculdades intellectuaes não lhe permittiram devassar o mysterio que similhante convite envolvia.

Annuiu.

(1) «Nos primeiros seculos da monarchia aldeia era o mesmo que herdade, granja ou quinta, e aldeão equivalia a quinteiro.»

Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal, por L. A. Rebello da Silva.

Pero Gomes referia-se, portanto, ao que hoje chamamos *quinta particular*.

Guiomar era sobejamente candida para dar ás palavras de Pero Gomes a verdadeira interpretação que ellas tinham, e não foi indifferente ao alvitre proposto, por se lhe affigurar que melhor poderia evitar a molesta presença do cunhado em residencia de maior capacidade.

Por sua parte, Pero Gomes visava, medeante a transferencia da familia, a aproximar-se da cunhada com menos perigo de denunciar-se namorado.

Sara, desconfiada do alvitre, sem todavia acertar com o proposito recondito, obedeceu, e segredou a Feliciana a sua vaga desconfiança.

A velha criada, sobresaltada e receiosa, deixou-se transportar na previsão de novas desgraças, e pediu á milagrosa imagem do seu dilecto santo que lhe ensinasse o meio de as evitar, se porventura estalassem medonhas.

A *aldeia* de Fernão Fernandes era, por assim dizer, um ameno oazis de verdura interposto ás immensas charnecas e aos áridos maninhos que o desespero serraceno, na hora da fuga, havia talado, incendiado e denegrido.

A eloquente penna de Rebello da Silva dá-nos clara idéa do que era a triste vastidão do sul de Portugal na bellicosa infancia da sua monarchia:

«No Alemtejo, no Algarve, e nos districtos limitrophes da Beira e da alta Extremadura, aonde a lucta se prolongára, a phisionomia das povoações era já diversa. Concentradas dentro dos recintos amuralhados, interpunham-se de umas a outras vastos ermos, revelando-se na tristeza das solidões a

dolorosa historia das calamidades recentes. N'aquelles páramos, aonde o silencio e a assolação reinavam quasi sós, não se trilhavam senão charnecas e maninhos, e no meio da aridez ruinas requeimadas recordavam apenas as villas, que o sopro destruidor da guerra prostrára ou consumira. Nas que sobreviviam, ou se restauravam, vecejava sómente uma estreita orla de cultura em volta d'ellas, e logo adiante estendiam-se os terrenos incultos de suas amplissimas demarcações. Estes desertos desdobravam-se por muitas leguas sem um casal, sem uma choupana mesmo, que representasse as esperanças e as aspirações do homem.» (1)

Vamos no encalço da familia de Martim Lourenço, e sigamos o rastro dos mysteriosos projectos de Pero Gomes.

(1) *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal.*

XVIII

Estão os personagens d'este livro na *aldeia* para onde se transferiram,—especie de solidão intercalada nas vastas solidões do Alemtejo.

Martim Lourenço, não obstante os extremos cuidados com que lhe zelaram o transporte, chegou sopitado em profundo lethargo.

As outras pessoas, se exceptuarmos Pero Gomes, estavam extranhas e tristes, como acontece sempre que nos trasladamos a uma casa desconhecida, mormente se receiamos que nos esperem ahi acontecimentos funestos.

Este doloroso receio alvoroçava violentamente o espirito da velha Feliciana,—se bem que de traz de todas as nuvens negras, que presumia imminentes, lhe resplandecesse a aureola que cingia a fronte do

santo cuja protecção havia sempre impetrado com proveito.

Mas, como dissémos, em todos era maior a tristesa.

As paredes desconhecidas são como outros tantos conspiradores embuçados que nos rodeiam, e d'entre as sombras phantasticas que nos apertam n'um circulo sinistro como que vemos erguer-se o braço homicida que nos hade cravar no peito o punhal traiçoeiro.

São desvarios da imaginação, bem sei, porque raras vezes atravessamos sem confrangimento e pavor uma floresta abobadada de ramos verde-negros e ladeada de troncos seculares, ao passo que qualquer pastorsinho da serra, por mais menino que seja, lá vive horas e horas, dias e dias, guiando descuidoso o rebanho, que o vai seguindo com igual confiança á que o infantil pegoreiro tem n'aquellas arvores, abobadas e sombras.

Nasceu entre remotas serranias, na cabana hereditaria, a familia do camponez. É arido, agreste e sertanejo o torrão, mas aquella gente vive tranquilla e ditosa na solidão que para outros seria desterro. Ainda mais. Transportem-n'a d'ali para onde quer que a civilisação haja amenisado o tracto dos homens e o aspecto da naturesa. Choram saudades do seu ninho, lamentam-se, adoecem da tristesa dos ausentes, que a medicina chama nostalgia, e não poucas vezes adormecem sob uma arvore extranha em terreno alheio.

D'onde veio essa grande tristesa, de que enfermaram, e porventura morreram?

Do desconhecido.

De não acharem voz no que d'antes lhes fallava, de lhes não sorrir o que outr'ora os alegrava, da côr do ceu não ser a mesma, e o rumor dos bosques igual, e similhante a queda sonora das aguas...

Então, quando se não confia em ninguem, de tudo e de todos se receia, e era isso o que estava acontecendo á desconfortada familia de Martim Lourenço.

Havia doença em casa: temia-se a morte; não eram felizes os que não estavam enfermos: arreceiavam-se de maiores tristesas, por si e pelos outros.

E ás vezes acontece o realisarem-se todas as phantazias melancolicas, todos os sonhos lacrimosos, porque, por mais ousados que sejam os vôos da alma previdente, venturosos ou amargos, quasi todos, mais ou menos provaveis, entram no dominio dos acontecimentos possiveis.

Aqui ia eu cahir outra vez na theoria do presentimento, e dar ouvidos á voz interna que nos avisa do futuro, ainda o mais remoto e o menos previsto...

Já fallei n'isso.

Não preciso portanto de renovar considerações expostas.

Se era preambulo para contar como se aggravaram os padecimentos de Martim Lourenço, e se avisinhou a morte, entremos directamente no assumpto, porque as tristesas acommettem tão de subito, que se não faz mister preparar-lhes o caminho, e annuncial-as.

Isto o disse, e já o referi eu, o popular thaumaturgo lisbonense: «...bem mostram serem mesquinhos (os martyrios); pois quando fagam cilada, som de gran companha teudos:»

O enfraquecimento de Martim Lourenço augmentou dia a dia, talvez aggravado pela jornada ou por que a materia cada vez, e cada hora, vai roçando na pedra do tumulo, e adelgaçando-se, e deixando entrevêr a chamma que sobrevive ao corpo...

Martim Lonrenço, poucos días rodados sobre a transferencia, acordou risonho d'um somno tranquillo.

Sentaram-n'o no leito a seu pedido, e elle abriu um sorriso expansivo, perguntou pelos que faltavam, por Feliciana, condemnada á immobilidade da sua cadeira, por Pero Gomes, que andava fóra, e pela creança, que dormia no berço.

Extranhou alegremente que lhe voltasse o apetite. Pediu alimentos. Estiveram em duvida sobre se haviam de obedecer-lhe. Elle insistiu, e propoz que lhe trouxessem umas papas de farinha e leite e um copo de cidra. Recusaram-se ainda. Elle mandou imperativamente.

Sara foi dirigir o cozinhado, e Guiomar abeirou do leito uma pequena mesa, e lançou-lhe em cima a toalha, o *mantém*, como então se dizia.

Veio a pitança. Passaram-lhe para a mão o pratel, e a colher de faia, que se usava n'esse tempo. Era, porém, falso o apetite de Martim Lourenço, como o de todos os enfermos. Provou, debicou como se diz dos passaros e dos doentes. Bebeu um pequeno trago de cidra. Disse todavia que lhe tinha sa-

bido bem; recostou-se. A creança, n'este meio tempo, chorou. Sara ficou duvidosa entre desamparar o pae ou o filho.

O olhar disse o que ella estava pensando. Martim Lourenço percebeu, e apostrophou:

—Treze-me o pequeno. Quero vel-o. Agora estou com mais forças. Foi do banquete; e olha que o não ha melhor nas festas dos mosteiros! (1)

Sara obedeceu delirante d'alegria, porque da espontanea authorisação para ir buscar o filho, cuja presença parecia avivar ao avô a idéa da morte, tirou a errada illacção de consideraveis melhoras no estado do doente.

Veio a creança.

Martim Lourenço attentou n'ella com tranquillo e affectuoso semblante. Ameigou-a, conchegou-a do seio, fallou-lhe, sorriu-lhe. Todavia o menino, pouco habituado ao trato do avô, fixava-o com surpresa e receio.

—Não me conhece! exclamou tartamudo Martim Lourenço. Tambem a culpa tem sido minha! Havemos de fazer as pazes; agora não, que não posso...

Estava vizivelmente fatigado.

Ajudaram-n'o a deitar-se, e elle cahiu sobre o lado direito, como para dormir um longo e consolado somno.

D'esse mesmo lado pendia da parede um cruci-

(1) «...o glossario de Ducange diz-nos que uma talhada de toucinho assado e umas papas de farinha e leite, com um copo de cerveja, ou de cidra, eram as pitanças gulosas dos dias de solemnidade nos mais ricos mosteiros.»

Rebello da Silva—*Odio velho não cança*, tomo II, nota IV.

fixo. Viram-n'o por algum tempo com um brando e limpido olhar fixo na cruz. Depois cerrou as palpebras.

—Dorme! disse Guiomar a Sara.

—Parece que sim. Está muito melhor. Sentemo-nos.

Nas salas immediatas entrava gente.

—Vai vêr quem é, e recommendar silencio! disse Guiomar.

Sahiu, em bicos de pés, Sara, e encontrou-se com o marido e com o padre Estevão Rodrigues, que vinha de longe vizitar o doente.

Entraram todos trez cautelosamente. Quedaram-se na silenciosa espectativa que rodeia o catre d'um enfermo, e Guiomar inclinou-se a ouvir se a respiração era serena. Subitamente se lhe transfigurou o rosto. Curvou-se outra vez. Relanceou um olhar interrogador ás pessoas que ali estavam. Accorreram todas, como se a comprehendessem. Agitaram o doente. Deixou-se agitar. Chamaram-n'o. Não respondeu.

Então um grito unico e dolorosissimo—como se as duas irmãs tivessem a mesma voz—foi a cruel resposta dada a todas as duvidas e interrogações. O padre Estevão Rodrigues acercou-se do leito e articulou solemnemente:

«Sou chegado ao termo da vida do homem, e vou dormir ao lado de meus avós. Ámanhã serei apenas cinza, pó, e nada. Compadecei-vos de mim, Senhor! (1)

(1) *De Antiquis Ecclesiæ et Monarchorum ritibus.*

E as duas irmãs, encarando-se com as faces banhadas em lagrimas, mutuaram-se n'um longo olhar um pensamento commum.

Estavam sós no mundo: sem o grande esteio do coração paterno, talvez a dois passos de fundos despenhadeiros...

E ao pé das duas irmãs estavam dois homens, que já sabemos como se chamavam: Pero Gomes, que representava o perigo; o padre Estevão Rodrigues, que representava Deus.

XIX

Se fôra apenas a saudade a orvalhar de lagrimas esta pagina, que doces não seriam de chorar, porque a *soydade*, como annos depois a cantava D. Diniz no seu alaude real, é quanto póde haver de docemente melancolico no coração do homem!

Mas que turbilhão de sentimentos a revolver-se nos corações enluctados pela orphandade! Como estremeciam confrangidos, se queriam perscrutar o futuro, se pensavam em remover os perigos latentes, em evitar as calamidades futuras, em pouparem-se, finalmente, o sacrificio de si mesmos!

Tendes visto como em torno d'um tronco annoso, despido e crestado, marinham timidamente, estendendo a medo as suas grinaldas, duas trepadeiras formosas?

Ahi achareis copia do meu quadro: Em derredor de Feliciana as duas irmãs.

Se lhes falta aquelle esteio, morrerão de pavor.

Se o tempo prostrar o roble secular, as grinaldas cahirão desfolhadas no mesmo baque.

Como é sagrada a velhice que, apesar de fraca, indefesa e paralytica, não permitte que se corte o fio de muitas existencias!

Raras são as familias que não tomem uma phase dolorosa, e porventura tumultuaria, depois que o velho ancião que as dirigia deixou um logar devoluto na mesa rodeada de moços impetuosos e muitas vezes incorrigiveis.

Os cabellos brancos d'aquella fronte eram a corôa da realesa. Todos lhe rendiam vassallagem no doce reino do lar. Um olhar seu decretava a paz. Um sorriso seu premiava a virtude.

Mas um dia cahiu o pastor venerando: tresmalhou-se o rebanho.

Só então é que os extranhos comprehendem como a vida d'aquelle ancião era preciosa; os de casa, desarvorada a nau, e obececados pela cerração, navegam sem leme a dois passos do abysmo.

Abençoada realesa a dos annos! Se até os extranhos choram por ella...

Respeito á velhice!

Feliciana era amparo: precisava de concentrar-se, tanto quanto as suas faculdades lh'o permittiam, para dirigir e proteger.

Assim fazia a boa alma.

Tinha colloquios extaticos com as imagens do seu oratorio, mormente com a do thaumaturgo, e,

quando redescendia do extasi, sempre algum novo pensamento parecia descer com ella das mysteriosas alturas a que subira.

Foi após uma d'essas ardentes invocações que ella chamou as duas orphãs, e lhes disse baixando docemente a voz:

—Filhas, animo! Não posso occultar a verdade, e com a verdade o perigo. Tristes coisas me disse o meu bem-aventurado Padre Santo Antonio. Oh! se disse, que eu bem o ouvi!

E, acenando com a cabeça, como quem manda aproximar ainda mais quem já está bastante perto, continuou:

—Quereis então saber o que o meu rico Padre Santo Antonio me disse? Que ruim designio trouxe para este ermo, em que ora vivemos, o sr. Pero Gomes. Que vosso chorado pae, que Deus haja em santa gloria, veio enganado, e que sobre nós todas está um grande perigo, que o meu milagroso frei Antonio hade suspender, mas que é preciso sondar, para que nos não acommetta em hora esquerda...

Nas faces de Guiomar e Sara pintou-se claramente o pavor e receio que as assaltára.

Estavam sozinhas no mundo, eram fracas, apprehensivas, dominava-as inteiramente a cobardia de quem vive na afflicção.

Só Feliciana, inspirada de fortalesa extranha, conseguiu reanimal-as.

É que tambem os fracos e affligidos, mesmo por que são fracos, vergam submissos á voz que os condemna ou os absolve.

Parece que lhes plantou Deus uma sensitiva no coração—sentem o mal e o bem, com tão delicada sensibilidade, como a planta d'aquelle nome conhece o sol e a tréva.

Iguaes á sensitiva, expandem-se ou confrangem-se: ella na folhagem; elles no coração.

Pero Gomes continuava a dirigir a Guiomar mal disfarçados galanteios, se bem que parecesse manietal-o um certo respeito que a recente falta de Martim Lourenço impunha ainda.

Tudo desvanece o tempo, é certo, mas, como as estrellas cadentes, as boas almas deixam após si um rastro de scintillações que deslumbram.

Depois a fita de luz apaga-se—no céu e na terra. É lei do mundo. Todavia, na solitaria herdade, como que se conheciam ainda as pégadas luminosas da attribulada peregrinação de Martim Lourenço, e os criminosos designios do ovençal estacavam diante d'esse sulco brilhante como os camponezes rudes em presença das estrellas cadentes.

Mas o tempo foi rodando, e com o tempo veio o esquecimento que oblittera as mais santas memorias.

Pero Gomes não fallava em transportar-se a Serpa; com boa sombra fazia, em fogoso cavallo, as caminhadas do seu officio.

A convivencia de Serpa, apesar de pequena e familiar, parecia aborrecel-o.

Ninguem em casa ousava mostrar-se enfastiado; triste sim.

Pero Gomes simulava não comprehender o desgosto dos outros, e seguia mysteriosamente a sé-

rie dos seus pensamentos tenebrosos, que não tardaram a revelar-se.

A criadagem da casa, pouco numerosa, e a turba dos *malados* da granja—como quem diz colonos particulares ou familiares e protegidos d'um poderoso—dormia em abarracamento levantado á orla do caminho para maior segurança da propriedade, e prompta defensa em caso de assalto ou escalada.

Pero Gomes, confiado em que é profundo o somno dos que trabalham, recolheu uma noite mais tarde do que habitualmente, e com a cautella indispensavel para não ser presentido.

Era sepulchral o silencio em toda a herdade.

O ovençal levantou os olhos á janella do quarto onde Guiomar dormia, acompanhada por Feliciana.

Que significava esse olhar?

Talvez que Guiomar adivinhasse quando n'essa noite disse á velha criada, antes de adormecer:

—Que tristesa que eu tenho, Feliciana!

—Erguei o vosso espirito a Deus, e tranquillisai-vos.

Pero Gomes, depois de se certificar da completa solidão, trepou-se a uma das arvores sotopostas á casa, e, pendurando no rebordo da parede uma escada de corda, suspensa em arpeos de ferro, subiu á adufa.

Guiomar sentiu rumor, e accordou discretamente Feliciana.

—Ouviste! É gente! Santo Deus, que estamos perdidas!

—Socegai, fugi, ide avisar vossa irmã! Não receeis por mim.

Guiomar sahiu afflictivamente e, sem o querer, sem o pensar siquer, foi correndo e gritando pela casa dentro, tamanha era a commoção que a dominára.

A esse tempo cedia a um violento impulso a janella, e simultaneamente accordavam alvoroçados os malados e serviçaes, acudindo em chusma.

Pero Gomes desceu-se rapidamente, e sahiu ao encontro da turba perguntando, com fingida anciedade, o que succedera.

—Gritaram! respondeu um. Eram ladrões!

—Senti-os distinctamente! accrescentou outro.

—Que pena não encontrar eu quem quer que fosse! gritou um dos malados que estava armado.

—Procuremos! alvitrou outro.

Foi adoptada a idéa, e Pero Gomes predispunha-se a ir na vanguarda do rancho, quando um dos malados, ouvindo chorar o menino, lembrou que era melhor certificarem-se do que tinha acontecido dentro.

Sara, ouvindo o novo alvitre, appareceu á janella com o filho nos braços e, fortalecida de animo providencial, respondeu de cima:

—Era talvez um malfeitor; fugiu certamente. Que medo que elle pôz a este menino!

XX

Foi horrivel a angustia em que os acontecimentos narrados no capitulo antecedente deixaram as victimas d'elles.

Já sabemos quem são: Sara, Guiomar e Feliciana.

A creança, apesar de descuidosa como todas, tambem os soffreu em relação á sua posição na familia.

Faltaram-lhe carinhos, beijos, afagos: a mãe e a tia escondiam-se a chorar para que ella lhes não aggravasse a dôr com as suas lagrimas infantís.

O soffrimento é-o duas vezes, quando o augmenta a irresolução. Esse caso era. Que deviam fazer? Que podiam fazer? Que raio de luz nas trévas d'aquellas amarissimas tribulações? Nenhum. Não digamos assim. Um só,—um unico: a fé. Não ha outra taboa de salvação para os naufragos do mun-

do. A fé, a santa gemea da esperança, — collaças do seio divino,—é a paz na tormenta, a luz que fulgura ao longe atravez da cerração do horisonte. É o diluculo d'uma aurora, e a aurora é sempre uma esperança,—para os doentes, para os tristes, até para os cegos o é!

Abençoadas a fé e a aurora!

A Feliciana não faltava esse crepusculo matinal que rasga as trévas do desespero: cria.

Estava salva.

Sara, desanimada; Guiomar, phrenetica.

Tal era o quadro.

Pero Gomes, talvez a pretexto de suas correrias officiaes, não voltára á *aldea*.

Suppunham Guiomar e Sara, em seu grandissimo pavor, que elle conspirava.

Feliciana tambem o suppunha, mas olhava para o seu oratorio, e o olhar descia-se de lá com o brilho que é reflexo da alma.

Santo Antonio tinha um sorriso eterno, radioso da alegria dos justos. Ora os sorrisos dos santos devem ser a luz que embebe as lagrimas dos attribulados.

Deus, modelado no mais gracioso corpo de menino, poisava sobre o livro do thaumaturgo, e Deus é o braço poderoso que suspende todos as tormentas, e amansa todos os mares encapellados.

Feliciana confiava a arca da sua familia,—porque a sua familia era aquella—ao leme gorvernado por a mão privilegiada que sustentava Deus.

Por conseguinte, só Feliciana, a velhice, poderia governar as duas orphãs, a mocidade.

Santa lição de coragem, de fé, de esperança, de conforto!

Tocou a capitulo n'aquella pequena communidade.

Feliciana presidiu; Sara e Guiomar assistiram.

—Escutai, filhas, disse a velha e dedicada criada. O sr. Pero Gomes não está arrependido, que, se o estivera, voltaria ao seu lar a pedir esquecimento do aggravo feito. Não veio. E, como não entrou já com elle o remorso, é quasi certo que está machinando nas trévas alguma tormenta maior. Não choreis, filhas. Não percaes a fé. A justiça, o divino amor, está pelo nosso lado. Não nos succederá perigo, acreditae. Santo Antonio, o meu bem aventurado santo, tinha o pae na cadeia, e livrou-o; teve-o a dois passos da forca, e salvou-o! O que não fará elle! Ora, pois, enxugai vosso pranto, que é desarrasoado. Eu tenho estado a cogitar no que temos a fazer...

Sara e Guiomar olhavam fixamente, suspensa a respiração.

Feliciana proseguiu:

—Cogitei, tenho cogitado, e só um alvitre me occorre...

—Qual? interrogou Guiomar.

—Dizei! exclamou Sara.

—Mandemos chamar á puridade o sr. padre Estevão Rodrigues, e elle vos acompanhará, minha querida menina Guiomar, a qualquer mosteiro de sua confiança. Lá esperareis que passe a porcella. Quando aclarar o ceu, voltareis, querendo, para o nosso amor, ou para o dos que vol-o merecem, que eu sou uma pobre mulher que nada valho. Se o sr. Pero Go-

mes conspirar effectivamente, se forçar estas portas segunda vez, encontrará a esposa e o filho, e a mim tambem, e a todos nos matará, se precisar do sacrificio de nossas vidas. Deixar-nos-hemos morrer mansamente. Ao mosteiro, minha querida menina Guiomar, é que elle não póde ir arrancar-vos. Lá estareis segura e pura. O alvitre é este... Que dizeis?

Marejaram-se de lagrimas os olhos de Sara; nas faces de Guiomar irradiou o esplendor d'uma aurora.

—Ó Guiomar!—exclamou a lastimosa esposa do ovençal, é horrivel! Pois tu has de ir sepultar a tua mocidade e a tua bellesa n'um mosteiro para nos salvares a nós!...

—Não digaes sepultar, atalhou com meiga severidade Feliciana. Lá irá viver para honrar a memoria de seu pae. Não é sacrificio, é dever.

—Oh! sim! acudiu Guiomar. Irei, minha boa Feliciana, minha querida Sara, irei, e que feliz eu sou por conseguir salvar-vos a vós e a mim! Mandemos immediatamente chamar o sr. padre Estevão Rodrigues. Elle, que é bom, que é nosso amigo, virá breve, e eu breve partirei. Abençoado o teu alvitre, Feliciana, que tens sido a nossa unica protecção no mundo!

—Não digaes o *teu alvitre*. Resando, supplicando ou talvez sonhando, nem eu sei bem como, isto me inspirou o meu milagroso padre Santo Antonio. Isto devemos fazer; isto nos salvará. Mãos á obra, filhas!

Assim se fez. Um dos serviçaes, o mais fiel e de-

dicado, partiu com a mysteriosa mensagem para o padre Estevão Rodrigues. O virtuoso sacerdote não se fez esperar. Revelaram-lhe a resolução; approvou-a, applaudiu-a. Offereceu-se para a caminhada.

Abraçaram-se as duas irmãs no mais santo e doloroso abraço em que dois corações se podem unir.

Misturaram-se as lagrimas, os beijos, as palpitações do coração.

Depois o adeus a Feliciana, extremoso e demorado; ainda depois o adeus á creança, carinhoso e afflictivo...

O padre Estevão Rodrigues interpôz a sua authoridade:

—Vamos, filha.

Subiram á liteira. (1) Acompanhou-os uma escolta de malados. Pozeram-se a caminho. Feliciana ficou-os abençoando.

Para onde ia Guiomar?

O padre Estevão Rodrigues escolhera um recolhimento d'Evora. Esse recolhimento é hoje conhecido pela denominação vulgar de convento de Castres, porque ali por perto dizem ter havido umas pequenas fortificações romanas.

A opinião mais seguida refére que esse recolhimento fôra instituido em 1169, trez annos depois da tomada d'Evora, e no reinado d'Affonso Henriques; frei Bernardo de Brito contesta, e marca a fundação no anno 1180.

Não nos importa a questão chronologica.

(1) «Até ao fim do reinado do cardeal rei D. Henrique, o modo de viajar n'este paiz era a cavallo, ou em andas ou liteira.» *Vilhena Barbosa.*

O que mais nos interessa é saber para onde Guiomar se dirigira.

Pois foi para ahi. Frei Antonio Brandão conta que o mosteiro, de freiras cistercienses, fôra em principio um simples recolhimento de mulheres virtuosas,

Assim era ainda, quando Guiomar para lá entrou.

Um breve do papa Gregorio X, concedido a instancias de D. Domingas Soeiro, e dado em 1274, authorisou as recolhidas a adoptarem a nova reforma da regra benedictina, o que ellas immediatamente fizeram.

Hoje, n'aquelle ameno e pittoresco sitio, tão concorrido por gente d'Evora, quem sabe o numero das formosuras que se esconderam no encerro conventual?

Talvez ninguem.

Pois uma das formosas foi Guiomar.

XXI

Oito dias transcorridos, voltou Pero Gomes.

Entrou calado, perscrutador, sinistro.

Acolheram-n'o risonhamente como se nada houvera acontecido. Não lhe censuraram, porém, a ausencia, nem siquer lhe perguntaram o motivo. Elle nada disse. Conservou-se frio e concentrado. Viu o filho; não o beijou. Ligeiramente reparou na mulher. Feliciana não lhe mereceu uma palavra. Conhecia-se-lhe, porém, o disfarce: esperava Guiomar.

Ficou todo o dia seguinte em casa, dando-se por incommodado de saude. Observava com dissimulada attenção todos os sitios; todos os gestos de Sara. Ficou segundo dia. A mesma observação infructifera. Do meio do segundo dia em diante começou a mostrar-se impaciente. Sara temia uma ex-

plosão de colera. Feliciana aquietava-a, recordando-lhe o auxilio divino. Todavia os receios como que renasciam a cada hora.

Desceu Pero Gomes á quinta. Serviçaes e malados andavam trabalhando. Aproximou-se d'elles. Contra o seu costume, porque era altivo, fallou-lhes. Logo que tiveram aberta, contaram-lhe uns e outros que desde o assalto nocturno á *aldea* faziam ronda alternadamente. Acrescentaram que nada acontecera depois d'isso. Unicamente tinham visto passar todas as noites na estrada um cavalleiro embuçado, que seguia seu caminho, talvez por ser espreitado. Não podiam suspeitar quem fosse. Já se haviam lembrado de o assaltar, mas na ausencia do ovençal não ousaram.

—Fizeram bem, retrucou Pero Gomes. Cada um póde ir por onde quer que haja caminho publico. Que direito tinheis vós para tomar o passo ao cavalleiro?

Os malados ficariam todos silenciosos, se um d'elles, o mais ousado, e que já vimos armado na noite do assalto, não replicasse:

—Pois sabei, sr. ovençal, que desconfio do cavalleiro. Para que anda elle embuçado? Por minha vontade tinha-lhe pregado com os ossos em terra...

Pero Gomes contrapôz com má sombra:

—Vai embuçado, certamente porque tem frio. Cuida da tua obrigação, que para isso te aquantiou o sr. Fernão Fernandes, e deixa lá o cavalleiro.

O malado não gostou, mas calou-se como devia.

Pero Gomes, visivelmente contrariado, affastou-se. Percorreu a granja, e, d'onde um bosquesinho o

escondia, espreitava com disfarce a adufa do quarto de Guiomar.

Fechada!

Pouco e pouco foi lavrando o incendio. A impaciencia subira de ponto. Eram claros os indicios da ausencia de Guiomar. Para onde iria? Elle havia rodeado de noite a *aldea*, porque era elle o cavalleiro embuçado. Não vira sahir ninguem. Então havel-a-ia Sara encarcerado? Parecia que lhe poisavam ferro em brasa sobre o coração. Teve impetos de entrar e perguntar á esposa pela irmã. Mas o escandalo? Receiou da criadagem, sobretudo do malado que tamanha curiosidade tinha de conhecer o cavalleiro mysterioso. Suspeitaria o malado? Estaria acaso avisado por Sara? Se tal averiguasse, havia de punir a infamia, fossem quaes fossem as consequencias. Mas se, ao contrario do que parecia, Sara estivesse innocente? Se Guiomar se esquivava? Pois, se tal era, o ovençal jurava a si proprio que havia de vencer.

—Já assim era tua irmã, monologava elle, e todas as reluctancias se subjugaram. Em má hora, é certo, porque não é a ella que eu amo, nem ao filho que me deu, mas a ti, minha formosa Guiomar, mulher incomparavelmente bella, mulher unica! Bem me diziam que eras formosa. Mas mentiam, se mentiam! Tu excedes toda a bellesa; elles diziam de menos, e quem diz de menos falta á verdade... Não me precipitasse eu voluntariamente n'este abysmo em que ora estou! Se fôra rei, quizera dar-te um throno. Assim, que mais te posso dar, ó formosa, além d'este immenso amor que tu me

inspiras? Visse-te eu, em qualquer parte, aqui mesmo, n'esta hora, que te colheria nos meus braços, e te arrebataria commigo para onde quer que nos guiasse a felicidade. Que me importava a turba dos malados? Se não abrissem caminho, dir-lhes-ia atropellando-os: «Manda, da parte d'el-rei, o seu ovençal Pero Gomes. Arreda, villões!» E passsaria, e levar-te-ia commigo. Mas onde te escondes tu, Guiomar, formosa esquiva? Heide estar talvez a dois passos de ti, sem te vêr, sem te ouvir, sem te fallar! Não póde ser...

E, levantando-se com resolução, sahiu ao encontro dos serviçaes.

—Attentai! disse-lhes elle com arrogancia. Deveis-me em tudo obediencia. O que se tem passado n'esta casa dês que d'aqui sahi? Lembrai-vos que o sr. Fernão Fernandes me cedeu temporariamente os seus direitos sobre vós...

Os malados entre-olharam-se com espanto, como se não entendessem o recondito sentido d'aquellas palavras.

Do silencio d'elles inferiu Pero Gomes acontecimento grave. Tornou ameaçador:

—Dizei.

Um dos malados, o mais idoso, especie de chefe da tribu, respondeu:

—Que havia de acontecer, senhor? Tudo quanto se passou bem o sabeis, decerto.

—Mas quem sahiu d'esta casa? replicou iracundo o ovençal.

—D'esta casa? Bem o deveis saber! A sr.ª D. Guiomar, vossa cunhada...

—O que? interrogou Pero Gomes como se lhe houvessem cravado um punhal no coração.

Os serviçaes continuavam a olhar-se com surpresa.

O ovençal, logo que menos oppressamente pôde tirar a respiração, perguntou:

—Mas para onde?

—Para Evora.

—Onde ficou?

—No mosteiro, respondeu o malado, que, como o demais povo, dava indevida e pomposamente esse nome ao recolhimento eborense.

Pero Gomes rugiu de desespero.

—Quem a acompanhou?

—O sr. padre Estevão Rodrigues...

—Oh!

—E seis de nós.

—De vós, villões, canalha ruim! Mas quem vol-o ordenou?

Nos olhos do velho malado coruscou um olhar de indignação. Viu ao pé de si o companheiro ousado, que já conhecemos, e conteve-se. Recebeu a affronta, e respondeu com dignidade:

—Quem nos podia mandar. Vossa esposa.

Pero Gomes cahiu em si, e sentiu-se vexado diante dos malados, que se foram affastando com despreso.

XXII

Pero Gomes sahiu desorientado. Os serviçaes ficaram surprehendidos, e começaram a dizer entre si que o ovençal enlouquecera. Pouco menos. Infernal desespero era esse que lhe cravava na alma as garras d'abutre com que lh'a dilacerava. Se não é isso loucura, tambem o não creio que sejam as mansas e longas abstracções d'uns infelizes que para ahi agonisam no carcere dos doidos.

Para onde fôra Pero Gomes? A principio, não se soube. Suppozeram os serviçaes que attentaria contra a propria vida. Não aconteceu assim, mas elles, para não dar rebate, não foram avisar a esposa. O que é certo é que nenhum o seguiu. O ovençal, aborrecido entre o povo pelo cargo que desempenhava, era odiado profundamente, desde esse dia, na granja.

—Que vá e não volte! disseram alguns.

—Não é assim! reprehendeu severamente o malado ancião. É sagrada a vida de todos, porque não é nossa, mas de Deus. Vão procural-o.

Ninguem se mexeu.

O ancião acrescentou com dobrada severidade:

—Não ouviram? Vão procural-o.

Sahiram alguns dos trabalhadores, e seguiram direcções oppostas. Voltaram, passado tempo, e disseram, com verdade ou sem ella, que não haviam enxergado o ovençal.

Sara, quando a demora do marido se fez sentir, desceu a procural-o, com o filho pela mão.

Os malados, percebendo-lhe a intenção, preveniram um trabalho inutil. Contaram o que tinha acontecido. Rompeu a pobre senhora em queixumes e lagrimas, que a todos commoveram. Teve ameaços de syncope. Quando tornou em si, achou-se ao pé de Feliciana. As primeiras palavras que disse foram estas:

—Que grande desgraça, meu Deus!

—Desgraça! replicou Feliciana. Que é da vossa fé, minha querida menina? Não sei onde pára! O que eu sei é onde o meu bem-aventurado Padre Santo Antonio está. Eil-o ali, formoso e alegre como um anjo! Dai tempo ao tempo. Filha, o desespero é o inferno; fugi d'esse tormento.

Responderam-lhe lagrimas.

—Que doce coração, que tendes! tornou Feliciana. Ferem-vol-o, e orvalhaes de pranto a mão que vol-o fere! Ah! que nunca eu me enganei, quando vos reconheci tamanhas virtudes desde menina!

Não quereis saber se o sr. ovençal é bom esposo; é vosso marido, e pae de vosso filho. Tanto basta. Sois um cherubim, e vossa irmã outro cherubim é, tambem!

No dia seguinte disseram na *aldea* que o ovençal fôra encontrado caminho d'Evora.

—Queira Deus que não vá fazer maior desatino! exclamou Sara afflictivamente.

—Não fará, com o auxilio de Deus. Do recolhimento não póde elle arrancar vossa irmã. Que ha de então fazer? Nada. Cançar-se, affligir-se, um dia sobre outro, até que venha o arrependimento ou a morte...

Pediu Sara a um dos serviçaes que fosse a Evora. Foi. Veio dizer que o ovençal tinha sido visto a olhar para as solitarias janellas do recolhimento, e que, depois de as estar contemplando, como se acordasse de subito, tomára um muar (1) e partira com destino duvidoso, provavelmente para Serpa.

Pouco depois d'esta mensagem, chegava o ovençal, acompanhado por quatro homens, e ferido. Encontraram-n'o deitado no caminho. Averiguou-se que estivera assim muitas horas. Contára, quando pôde fallar, que tivera uma vertigem, e cahira do muar, e que o muar fugira. Isto disse aos homens que o transportaram em andas; em casa nada explicou.

Pozeram-n'o no catre.

Sobreveio uma violenta febre. Pero Gomes delirou, e fallou de Guiomar, que chamava *a mais for-*

(1) «Os populares cavalgavam commumente em bêstas muares, porque os cavallos eram destinados ao serviço dos principes e dos nobres.» *Vilhena Barbosa.*

mosa mulher, e mais d'uma vez o nome de Sara lhe rebentára nos labios crestados e roxos, acompanhado d'uma torrente de improperios. Chamára-lhe *algoz da irmã, carcereiro d'um anjo*. Promettia vingança, finalmente.

Ao pé do catre velava, serena e resignada, Sara.

Quando a febre começava a declinar, veio a sopitação. Pero Gomes entre-abria os olhos, via ao pé de si a silenciosa enfermeira, e cerrava as palpebras.

Nem uma palavra!

Convalescente, era aspero e irritante. Se fallava, era para reprehender ou para censurar. Se de qualquer descuido procuravam desculpar-se com palavras meigas, respondia que a sua vontade era independente, e a sua authoridade completa e unica.

—Leve-me d'ahi essa creança! disse muita vez desabridamente.

Sara obedecia.

—Traga-me essa creança, tornava Pero Gomes, que não tem culpa os filhos de que os paes aborreçam as mães!

N'um dos ultimos dias da convalescença, veio o padre Estevão Rodrigues.

Soube da doença do ovençal, e quiz vel-o. Disseram-lhe que seria imprudente; contestou que era uma obra de misericordia visitar os enfermos.

Pero Gomes recebeu-o com asperesa.

O padre Estevão Rodrigues respondeu com doçura:

—Estaes alvoroçado d'espirito, sr. ovençal, e eu peço-vos que sereneis.

—E eu pedir-vos-ia que não arrastasseis donzellas aos mosteiros.

Tornou com bondade evangelica o sacerdote:

—Não arrastei ninguem. Pediram-me n'esta casa, cujo amigo sou ha longo tempo, para acompanhar uma donzella ao mosteiro a que se queria recolher. Ia por espontanea determinação sua, e dos seus. Cumpri o meu dever: obedeci. Não sejaes injusto, sr. ovençal, que algum dia vos arrependereis de quanto disserdes e fizerdes.

—Não vos admitto reflexões, já o devieis ter percebido. Em minha casa mando eu. Só vós tendes o privilegio de mandar na vossa, nas alheias, e nos recolhimentos de donzellas...

Era pungente o insulto.

Não obstante, o padre Estevão Rodrigues soffreu-o ainda com branda humildade.

—Enganaes-vos, sr. ovençal. Nada mando, em parte alguma. E tanto assim é, que peço vos acalmeis para ouvirdes o muito que desejo dizer-vos, se me fizerdes a mercê d'escutar-me, por caridade ao menos.

Tornou iracundo Pero Gomes:

—A caridade é para os que a merecem; os villões não se soccorrem.

Então o padre Estevão Rodrigues aprumou-se magestosamente e disse:

—Mais conta em vós, sr. ovençal! A justiça d'elrei ouve todas as queixas; ouvirá tambem a minha. Não desejava fazel-o, para vos poupar um grave castigo. Indignar-se-ia todo o Alemtejo se soubera as desgraças que tendes chamado sobre esta casa, so-

bre vossa esposa, vossa cunhada, vosso filho, e sobre aquella pobre velhinha que lá está dentro. Aqui tendes encarcerada a vossa familia n'este ermo... Que se dirá em Serpa de tão inexplicavel captiveiro?

Pero Gomes, receioso da justiça logo que fosse denunciado, ouviu o sacerdote. Mas não lhe soffria a indole e a allucinação em que andava, que respondesse d'outro modo:

—Já acompanhastes uma pessoa ao mosteiro; acompanhai as outras a Serpa. Dispensai-me de tão fastidioso encargo. Eu irei primeiro, e só.

—E eu irei depois, e acompanhado, respondeu o padre Estevão Rodrigues, inclinando-se e sahindo.

A intenção do venerando sacerdote era conduzir aquella desventurosa familia para o centro de maior população, que lhe fosse companhia, guarda e defensa.

Suppunha que Pero Gomes teria pejo do seu proceder, quando muitos olhos o seguissem.

Que melhor para isso do que uma d'aquellas villas portuguezas da idade media, concentradas dentro do seu estreito cinto de muralhas?

A familia de Pero Gomes tornou, pois, para o seu triste ninho de Serpa,—mais infeliz talvez.

XXIII

O padre Estevão Rodrigues enganou-se. O seu plano não logrou coroar-se com bom exito.

Pero Gomes, quando a allucinação o acommettia com maior intensidade, procurava atordoar-se com a embriaguez dos prazeres, um dos quaes era mais frequentemente o da beberagem.

Estava a ponto de perder-se inteiramente aquella alma!

Já se começava a boquejar do desregramento do ovençal, se bem que as iras populares estivessem agora longe de conspirar-se abertamente contra elle, e a rasão era porque Pero Gomes, descurando os seus encargos, exercia menor pressão sobre o povo.

Que o ovençal trazia grande desgosto, suspeitava-se. Qual fôsse, ninguem o sabia ao certo. Todavia alguem começava a insultar cobardemente a pu-

resa de Sara. O ovençal muitas vezes recolhía a deshoras, e algumas vezes ficava fóra. O povo presentia o quebrar dos laços conjugaes, e attribuia á esposa o que era simplesmente desvairamento do marido.

A magua de Sara havia attingido aquella sombria concentração, que é por via de regra o prologo d'uma grande desgraça.

Diz-se a miude: «Fulano anda triste!»

Porque?

Porque não falla. Quando não se falla, apenas trabalha o pensamento. Como quasi todas as machinas, o pensamento tritura alguma coisa: tritura a alma.

D'ahi a pouco, o triste, o concentrado, o scismador enlouquece ou morre.

A concentração é pois um symptoma terrivel.

Sara vivia concentrada.

Feliciana continuava a crêr, mas as suas consolações começavam a bater n'uma rocha, e perdiam-se.

A rocha, a resistencia,—era a concentração.

Não estava ainda desesperada, inconsolavel,—estava triste. É que o desespero é feito como as tempestades de nuvemsinhas que se vão agglomerando. Forma-se a pouco e pouco a cerração. Sara atravessava esse doloroso periodo do agruparem-se na alma as trévas do desespero.

Feliciana não o presentia. Os crentes imaginam que todos crêem; os descrentes, que todos são incredulos.

A velha criada pensou que as suas palavras con-

tinuavam a cahir como orvalho benefico na solidão d'aquella alma.

Enganava-se.

A concentração ia crescendo...

Sara fechava-se nos seus aposentos. Feliciana suppunha-a resignada, e todavia a resignanção ia decrescendo.

Arrastavam-se as noites tristemente, vagarosamente...

Como sabemos, Pero Gomes não recolhia ou recolhia tarde.

Muitas vezes, como tambem sabemos, entrava embriagado, e maltractava a esposa.

As bebidas encolerisavam-n'o; Sara recebia a affronta sem queixar-se.

Iam-se agglomerando as nuvens negras...

Se a velhice de Feliciana tivesse maior vitalidade, haveria seguido mais de perto os passos de Sara. Mas a senectude tinha-a immobilisado.

Cria, orava,—era tudo o que podia fazer.

Uma noite, havia-se condensado a tempestade fóra e dentro,—na abobada do céu e na alma de Sara.

A creança dormia tranquillamente.

A mãe esteve contemplando-a, sem lagrimas; depois contemplou o céu, sem horror.

Pensou longo tempo, e não pôde chorar.

Estalou o primeiro trovão, e Sara não estremeceu; tamanha era a concentração, que a absorvia.

Finalmente accordou. Ergueu-se. Foi ao quarto de Feliciana. Dormia. Voltou á sua alcova. Olhou para o filho. Tinha escondida uma corda. Foi bus-

cal-a. Beijou o filho. Lançou a corda a uma das vigas do tecto. Estalava um trovão medonho, no momento em que a corda se pendurava da viga. Era horrivel!

E a creança dormia!

E Feliciana dormia tambem!

Sara ia matar-se. Não tardaria a apparecer a desgraça gerada pela concentração.

Dentro em pouco o corpo d'aquella mulher penderia do laço.

Um crime sellaria o livro das lagrimas que ella havia chorado.

De repente batem á porta.

Uma vez...

Duas vezes...

Sara, por um movimento involuntario, espreitou da adufa.

Negrejavam em baixo dois vultos.

—Quem sois? perguntou afflictivamente.

—Dois frades que pedem gasalhado, respondeu um dos dois.

—Jesus, a deshoras! tornou Sara perpelexa e sobresaltada.

—Agora chegamos, senhora; a tempestade tolheu-nos o passo.

—Esperai, respondeu Sara e recolheceu-se.

Foi acordar Feliciana, consultal-a.

A velha criada, sem saber porque, teve um accesso d'alegria.

—Abri, deliberou ella.

—Mas?...

—Mas vosso marido, é o que querieis dizer?

Bem sabeis que é costume e dever dar poisada ao peregrino. Mandai abrir por um serviçal.

Assim se fez. N'aquelles tempos a hospitalidade era sagrada. Prepararam-se dois leitos para os hospedes,—na mesma saleta. Poz-se a mesa; Feliciana presidiu na sua cadeira. Estava radiosa de felicidade. Quanto mais contemplava os dois hospedes, mais um ineffavel jubilo lhe inundava a alma.

E quem seriam os hospedes?

Não disseram.

Um era novo, alegre, risonho, como o Santo Antonio do oratorio; o outro, mais idoso, lembrou a Feliciana o S. Francisco do seu altar.

Não tocaram na refeição, os hospedes; em compensação conversaram.

—Triste estaes, sr.ª, e rasão tendes! disse o mais novo dos hospedes a Sara.

Foi profunda a surpresa.

O hospede proseguiu serenamente.

—Rasão tendes para estar triste; para estar desesperada não. Com o auxilio de Deus, vosso marido tornará a bom caminho. Hoje havieis perdido a fé, quando batemos á vossa porta. Ia ser criminosa, quem tão pura tem vivido!

Feliciana estava suspensa em extasi; Sara, aturdida de surpresa.

—Ide, sr.ª, desatar o laço da forca que vos tinheis preparado, e orae ao Senhor Deus, creador do céu e da terra, emquanto nós vamos receber a mercê do repouso que nos concedestes.

—Mas quem sois? perguntou Sara com viva commoção.

—Dois frades, bem vêdes, respondeu o mais idoso.

E, envoltos no mysterio com que entraram, recolheram-se aos catres que lhes haviam destinado.

Sara, chorando e rindo, abraçou-se delirantemente em Feliciana, que sorria e chorava.

Era um milagre? Eram dois santos os hospedes?

Extranhos homens deviam de ser esses, que sabiam quanto se passava!

XXIV

N'essa noite, a essa mesma hora, libava Pero Gomes, em convivio d'amigos devassos, n'uma casa de tabolagem em Serpa.

Os que o conheciam prêsa d'uma dôr cuja causa não podiam determinar, porque elle proprio a occultava, e estavam habituados a esquecer as dôres proprias á custa das alheias dôres, arrastavam-n'o á beberagem e ao jogo, e Pero Gomes deixava-se arrastar com a irresolução de quem deseja esquecer-se de si proprio.

—Boa cerveja tendes, *tio* Ramiro! exclamava Pero Gomes empunhando o copo.

—Não a ha melhor em todo o Alemtejo! acrescentava um dos contubernaes.

—Bofé que não! affirmava outro.

—Quem ganhou hoje, que pague!

—Paga tu, Tructezindo!

—Ganhei pouco...

—Paga tu, Pero Gomes! exclamou com visivel ironia um dos que mais haviam perdido na jogatina.

—Diz o tacho á certã—*sai-te lá, não me enfarrusques*... respondeu Pero Gomes.

—Quem perdeu mais fui eu!

—Fui eu, objectou o ovençal. Maldicta raça de dados ou maldicta raça de jogadores! Excommungado jogo! Nem que se tractasse da tunica de Christo... Desastre certo... Era escusado vêr: tudo perdido! Eh! eh! ó *tio* Ramiro, mais cerveja! Eu hoje não sei o que adivinho! Adeus! que me importa a mim o que ha de acontecer! Sou um homem desgraçado, isso é que eu sei!... Venha de lá essa cerveja... Aviai-vos, *tio* Ramiro...

De repente bateu-se á porta...

—Quem será?

—Um amigo, certamente.

—A esta hora, e com esta noite!

—Um inimigo...

—Talvez...

—A justiça...

—Peior.

O *tio* Ramiro, que não queria perder a freguezia do ovençal, aproximou-se d'elle e disse-lhe á puridade:

—Quereis occultar-vos, sr. Pero Gomes?

—Eu!

—Se fôr a justiça?

—Que venha... Eu, em tendo cerveja, não receio ninguem. Abri a porta, *tio* Ramiro...

Bateram segunda vez.

O dono da casa foi abrir.

Entrou um desconhecido.

—Quem será? perguntava-se.

Ninguem sabia.

—Talvez um espião?

—Talvez...

—Ou um viajante...

—Ou isso...

—Falla a Pero Gomes!

—Que lhe estará dizendo?

—D'onde se conherão?

—Como o ovençal o escuta!

—Lá se vai!

—Bom hospede, *tio* Ramiro!

—Pediu cerveja ou tavolas?

Pero Gomes levantou-se calorosamente para interpôr barreiras a esta torrente de chascos, e disse:

—Porque fallaes d'este homem?

—Porque o não conhecemos! responderam vozes.

—Nem eu!

—Nem tu!

—Nem vós!

—Que disse elle então?

—Extranhas... coisas! extranhas... coisas! respondeu Pero Gomes com difficuldade, como se um profundo e repentino somno lhe entorpecesse os orgãos da voz.

—Deu-vos algum philtro?

—Trouxe magia?

E Pero Gomes, cahindo no escabello, poisou a cabeça na banca, e adormeceu.

—Milagres de Santo Antonio! chasqueou um.

—D'esta vez não livrou o pae da forca!

—Não. Livrou Pero Gomes da embriaguez!

Riram estrepitosamente.

O ovençal despertou ao som das estridulas casquinadas. Ergueu-se altivo. Lançou em redor um olhar desdenhoso.

—De que zombeteaes? interrogou com despreso. Miseraveis, que não sabeis o que me disse! Oh! ainda bem, que soou a hora da minha felicidade!

E sahiu. Rebentou uma tempestade de gargalhadas e commentarios.

—Enlouqueceu!

—Não enlouqueceu. Embriagou-se... de mais.

—Então o santo não fez o milagre!

—Pelo que se vê...

Pero Gomes tomou rapidamente o caminho de casa. Bateu com pressa. Sara e Feliciana estavam ainda sob a influencia da violenta commoção que haviam recebido. Luziam-lhe nos olhos lagrimas,—de jubilo. Os dois hospedes, considerados dois santos, haviam-se recolhido ao quarto que lhes fôra destinado.

Um dos serviçaes abriu. Pero Gomes entrou sem ser esperado, e, lançando-se de joelhos aos pés da esposa, e cingindo-a com os braços, exclamou:

—Sei tudo! Avisou-me um desconhecido... Querias matar-te! O que tu tens soffrido, minha pobre Sara! Perdoa-me. D'hoje em diante hade haver inteira paz n'esta casa... O desconhecido prometteu tornar-me feliz d'ora avante... Mas onde estão os nossos hospedes?... Onde estão?

—Pois sabes? perguntou Sara cada vez mais surprehendida.

—Sei. O desconhecido disse-me tudo... Onde estão elles?

—Ali, respondeu Sara designando o quarto.

A velha Feliciana sorria extatica, como se houvesse comprehendido tudo, e a commoção a impedisse de revelar um mysterio.

Pero Gomes bateu levemente á porta do quarto dos hospedes.

Ninguem respondeu.

Bateu segunda vez.

O mesmo silencio.

Impelliu a porta. Espreitou. Ninguem!

—Mas os nossos hospedes, Sara!

—Jesus! Se estavam aqui!

—Tens a certesa?

—Se os vi entrar!

—Por onde sahiram então?

—Por nenhuma parte!

N'este momento ouviu-se um grito alegre, festivo.

Partira do sitio onde Feliciana estava.

Correram a vel-a.

Sorria ainda, como no extasi, mas já podia fallar. A sua phisionomia havia-se tornado assombrosamente luminosa. Tinha os braços abertos, como se desejasse abraçar uma imagem invisivel.

Pero Gomes e Sara, entrados de profundissimo respeito, ajoelharam. Feliciana, sem os vêr, porque tinha os olhos cravados no santuario, fallou-lhes:

—Milagre! milagre! Pois não sabeis quem foram

os nossos hospedes?... Foram os nossos grandes protectores, os nossos milagrosos padres, Santo Antonio e S. Francisco! Elles aqui estão... Não os vêdes? Que formosos! Que luz que os involve a ambos! E querem levar-me comsigo! Eu vou, bemaventurados protectores meus, mas deixai-me primeiro dizer tudo... Ó divino prazer, abençoado sejaes! Deixai-me dizer tudo... Meus filhos, Santo Antonio, o meu querido padre Santo Antonio, o meu anjo da guarda, o meu thesouro, a minha estrella, restituiu-vos finalmente o perdido... Tendes paz... Ficai com ella... Eu vou com elles... Não me choreis, filhos, nem á minha querida menina Guiomar, que já não quererá mais sahir do santo recolhimento onde está... Ainda agora a vi... ainda agora lhe fallei... Ella assistiu em espirito á vossa felicidade, e disse que não queria perder a sua... Não vades buscal-a; d'ali só sahirá para o céu... Filhos, louvado seja, mil vezes louvado o meu querido padre Santo Antonio!... Deixai dormir o menino, que está rodeado d'anjos... Bem o vejo! Ó paz celestial! ó divina recompensa!... Abre-se o céu! Como santo Antonio é formoso! Vede-o! Que encanto! que formosura! que musica!

E sorrrindo, como se estivera vendo o que annunciava, permanecera longo tempo. Nunca mais fallou. Aquelle sorriso era perpetuo, e havia para sempre enxugado as lagrimas da attribulação e do desespero.

FIM

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

I

O LIVRO DAS FLORES

por ALBERTO PIMENTEL

Apresenta-se em sentidas paginas a vida de **SANTA IZABEL**, rainha portugueza, cujas virtudes lhe valeram uma aureola de gloria.

II

O LIVRO DAS LAGRIMAS

Legendas de Santo Antonio de Lisboa

Preço de cada volume 300 réis

SERMÕES INEDITOS

Do eminente prégador portuguez

F. R. da Silveira Malhão

Sermões publicados:

N.º 1 — Sermão de Penitencia — 120 rs.
N.º 2 — Sermão de Pascos — 120 rs.
N.º 3 — Sermão de N. S. das Dores — 120 rs.
N.º 4 — Sermão do Mandato — 120 rs.
N.º 5 — Sermão do Calvario — 120 rs.
N.º 6 — Sermão do Enterro — 120 rs.
N.º 7 — Sermão do SS. Sacramento — 120 rs.
N.º 8 — Sermões de Nossa Senhora da Piedade e Fugida para o Egypto — 120 rs.
N.º 9 — Sermão de N.ª S.ª da Salvação — 120 rs.
N.º 10 — Sermões da Paixão e Ressurreição — 120.

As pessoas que desejarem ser assignantes d'esta publicação, devem participal-o a Mattos Moreira e C.ª, praça de D. Pedro, 68, Lisboa. As assignaturas da provincia são pagas adiantadamente na rasão de 120 rs. cada numero.

BX
4700
A6P54

Pimentel, Alberto
O livro das lagrimas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 05 01 01 003 5